



**ISABEL CRISTINA
ZUMELZU MOUTA**

**O ENSINO DE CHINÊS NO ENSINO BÁSICO EM SÃO
JOÃO DA MADEIRA**



**ISABEL CRISTINA
ZUMELZU MOUTA**

**O ENSINO DE CHINÊS NO ENSINO BÁSICO EM SÃO
JOÃO DA MADEIRA**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Chineses realizada sob a orientação científica da Doutora Ran Mai, Professora auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e coorientação científica do Doutor Carlos Rodrigues, Professor auxiliar e Diretor do Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho a todos que me apoiaram durante estes dois anos de elaboração e pesquisa. Em especial, à Elsa, Manuel e Daniel Mouta, ao Luís Fonseca e Ângela Galante.

o júri

presidente

Prof. Doutora Maria Luis Rocha Pinto
professora associada da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais
professor auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Ran Mai
professora auxiliar da Universidade de Aveiro (orientadora)

agradecimentos

Agradeço, especialmente, aos meus orientadores Professora Doutora Ran Mai e Professor Doutor Carlos Rodrigues, pelo modo como me guiaram e apoiaram neste trabalho, pela paciência e disponibilidade sempre demonstrados.

Agradeço também a todos os intervenientes neste projeto, que contribuíram para o seu sucesso, particularmente: à equipa pedagógica da Universidade de Aveiro; aos meus colegas, André Katsouranis, Mo Guo, Zhao Xinyué e Tianbo; Li aos professores titulares de turma, onde realizei esta investigação pela sempre presente simpatia e colaboração; aos pequenos e pequenas que nos proporcionaram uma rica troca de experiências e que são a razão pela qual nos esforçamos em sempre melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

palavras-chave

Chinês, Português, Ensino de Chinês como Língua Estrangeira, Ensino Básico, Ensino Pioneiro de Mandarim, Relações Luso-chinesas, Estudos Chineses

resumo

A seguinte dissertação propõe-se analisar o Projeto de Ensino de Mandarim no 3º e 4º ano do 1º ciclo do ensino básico em São João da Madeira através da investigação essencialmente qualitativa e pela observação participante. O seguinte documento é um ponto de interseção entre a experiência da autora como formadora de Mandarim no 3º ano do 1º ciclo do ensino básico, juntamente com a análise do projeto de ensino supracitado, a decorrer no município de São João da Madeira, Aveiro.

keywords

Chinese, Portuguese, Chinese Teaching as a Foreign Language, Basic Education, Mandarin Pioneer School, Luso-Chinese relations, Chinese Studies

abstract

The following dissertation proposes to analyze the Mandarin Teaching Project in the 3rd and 4th year, of the 1st cycle of basic education in São João da Madeira by qualitative research and participant observation. The following document is a point of intersection between the author's experience as Mandarin instructor in the 3rd year of the 1st cycle of basic education, together with the analysis of the aforementioned school project, taking place in São João da Madeira, Aveiro.

ÍNDICE

1	Introdução.....	7
1.1	Objetivos.....	7
1.2	Organização e conteúdo do trabalho.....	7
1.3	Metodologia.....	8
1.4	Organização do corpus.....	9
2	Capítulo I - Enquadramento.....	11
2.1	Enquadramento Histórico.....	11
2.1.1	Era Mao (1949-1976).....	11
2.1.2	Reforma e Abertura pós Era Mao.....	14
2.1.3	Macau elo entre Portugal e China.....	18
2.2	Enquadramento Económico (e político).....	20
2.3	A China e os Países de língua portuguesa.....	23
2.4	Enquadramento Cultural.....	27
2.5	O Município de São João da Madeira.....	29
2.6	A Universidade de Aveiro e a China.....	30
3	Capítulo II - O Projeto de mandarim em São João da Madeira.....	33
3.1	O Projeto.....	33
3.2	Importância do projeto e Apreciações.....	43
4	Capítulo III – Análise do Projeto e Sugestões.....	47
4.1	A língua chinesa.....	47
4.2	Análise dos erros típicos dos alunos do 3º ano e do 4.º ano do EB e Sugestões Metodológicas.....	54
4.2.1	Enquadramento Teórico.....	54
4.2.2	Fonética: problemas, análise e sugestões.....	56
4.2.3	Caracteres: problemas, análise e sugestões.....	59
4.2.4	Funcionamento da língua: problemas, análise e sugestões.....	64
4.2.5	Sintaxe: problemas, análise e sugestões.....	68
4.3	Outros Problemas.....	69
4.3.1	Organização (análise e sugestões).....	69
4.3.2	Equipa de docentes (análise e sugestões).....	70
4.3.3	Manuais e outros materiais de suportes (análise e sugestões).....	71
4.3.4	Temas culturais (análise e sugestões).....	72

4.3.5	Atividades extracurriculares (análise e sugestões)	73
5	Conclusão.....	75
6	Bibliografia.....	77
7	ANEXOS.....	89
7.1	Anexo 1 - Caracterização dos Entrevistados	89
7.2	Anexo 2. Planificação 1	92
7.3	Anexo 3. Planificação 2	94
7.4	Anexo 4. Exemplo Lição.....	96
7.5	Anexo 5. Critérios de Avaliação 2014/2015	98
7.6	Anexo 6. Avaliação Ministério da Educação (14-08-2013)	103
7.7	Anexo 7. Comunicação Direção-Geral da Educação	117

Índice de Tabelas

Tabela 1: Crescimento anual do PIB da China (1978-2012)	21
Tabela 2: Trocas comerciais entre China e países CPLP (janeiro - julho, 2014).....	25
Tabela 3: Comércio de Bens Portugal-China	25
Tabela 4: Estatísticas do Comércio Internacional – China	26
Tabela 5: Funcionamento do Curso de mandarim	34
Tabela 6. Planificação ano 2013/2014 (Fonte: Planificação I e II de 2013, ver anexos) ...	36
Tabela 7. Critérios de Avaliação	41
Tabela 8. Descrição dos tons do mandarim	48
Tabela 9. Exemplo onde os tons de mandarim mudam de significado	49
Tabela 10. Exemplo das formas de escrita tradicional e simplificada	50
Tabela 11. Classificação	50
Tabela 12. Pinyin - exemplos	56

Índice de Imagens

Figura 1: Mapa das Zonas Económicas Especiais da República Popular da China	15
Figura 2: Exemplo das Lições Utilizadas no Projeto.....	38
Figura 3: Exemplo de <i>flashcards</i>	40
Figura 4. Exemplo de exercício. (Enunciado: Traduz as frases para mandarim)	56
Figura 5. Exemplo carácter 1.....	59
Figura 6. Exemplo carácter 2.....	60
Figura 7: Ilustração do carácter <i>hǎo</i>	62
Figura 8: Evolução do carácter <i>rèn</i>	63
Figura 9. Completar.....	63
Figura 10. Colorir o exercício.....	64

Índice de Abreviaturas

CPLP	Comunidade Dos Países de língua portuguesa
DLC	Departamento de línguas e Culturas
EB	Escola Básica
IC	Instituto Confúcio (孔子学院)
IDE	Investimento Direto Estrangeiro
LC	língua chinesa
LE	língua Estrangeira
LM	língua Materna
LP	língua portuguesa
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
OMC	Organização Mundial do Comércio
PCC	Partido Comunista Chinês
PIB	Produto Interno Bruto
RAEM	Região Administrativa Especial de Macau
RPC	República Popular da China
SJM	São João da Madeira
UA	Universidade de Aveiro
ZEE	Zona Económica Especial

1 INTRODUÇÃO

1.1 OBJETIVOS

Esta dissertação de mestrado que se apresenta à Universidade de Aveiro integra-se na área dos estudos chineses com ligações interdisciplinares, nomeadamente à didática das línguas. Visa analisar o projeto de Ensino de mandarim no 3º e 4º anos do 1º ciclo do ensino básico em São João da Madeira (SJM), através da investigação essencialmente qualitativa e pela a observação participante.

O ensino de mandarim surge em sintonia com o atual contexto económico mundial e é justificado através da combinação de fatores como a crescente importância económica da China e o seu gigantesco mercado comprador, combinado com o carácter exportador do município de São João da Madeira. Além disso, a globalização atual indica que o uso da língua Inglesa como única língua franca, já não é o suficiente.

Este documento é um ponto de interseção entre a experiência da autora como formadora de mandarim no 3º ano do 1º ciclo do ensino básico, juntamente com a análise do projeto de ensino supracitado, a decorrer no município de São João da Madeira. A análise engloba várias dimensões, nomeadamente as motivações que estiveram no início da iniciativa, a organização, as principais dificuldades na aprendizagem, entre outras. Por conseguinte, são apresentadas sugestões a nível do processo de ensino-aprendizagem, sugestões para o desenvolvimento do projeto e recomendações a nível das atividades propostas no mesmo.

1.2 ORGANIZAÇÃO E CONTEÚDO DO TRABALHO

A dissertação está estruturada em três capítulos, para além da Introdução, Conclusão e dos Anexos. Na Introdução são apresentados, os Objetivos do estudo, a Organização e o Conteúdo do trabalho. De seguida, é apresentada a Metodologia de investigação e a Organização do *Corpus*.

O Capítulo I, referente ao Enquadramento situa a crescente importância da China como potência económica e cultural. Assim, é apresentada uma breve contextualização histórica sobre a trajetória da Nova China até ao atual “socialismo de mercado”. Além disso, é feita uma contextualização económica e cultural. Também são apresentadas as ligações entre Macau, Portugal e a CPLP. Por fim, são apresentados o município de São João da

Madeira e as relações entre a Universidade de Aveiro e a China. O objetivo da exposição destes temas é contextualizar o projeto, os intervenientes e justificar a importância do mandarim e do seu ensino/aprendizagem.

No Capítulo II, o Projeto de mandarim em São João da Madeira, são apresentados a razão da existência do projeto, assim como as suas motivações, os principais intervenientes, expectativas e resultados. Adicionalmente, são apresentadas a estrutura, organização do projeto assim como a sua importância.

O Capítulo III, a Análise dos Problemas e Sugestões, está dividido em quatro partes. Primeiro, é apresentada uma breve introdução à língua chinesa e as suas principais características. Depois, com base no *corpus* de produção escrita são analisadas as principais dificuldades encontradas na fase inicial da aprendizagem do mandarim, bem como outros problemas observados durante o funcionamento do projeto. Por último, são apresentadas sugestões a nível das práticas de ensino, a nível do projeto, entre outras.

Por fim, será apresentada a Conclusão. Este estudo com características de investigação tem por base uma observação cuidadosa obtida em primeira pessoa por parte da autora do presente documento, através da experiência como formadora de mandarim, no projeto em análise. Procura ainda, analisar o projeto e o seu meio envolvente, bem como a melhoria contínua do processo de ensino-aprendizagem do mandarim, através de uma reflexão crítica.

1.3 METODOLOGIA

Com o propósito de alcançar os objetivos almejados neste estudo, optamos por uma investigação essencialmente qualitativa do tipo observação participante. As principais características dos métodos qualitativos são: a imersão do pesquisador no contexto e a perspectiva interpretativa de condução da pesquisa (Kaplan & Duchon, 1988: 573). Segundo Bradley (1993), “na pesquisa qualitativa, o pesquisador é um interpretador da realidade”. Para Liebscher (1998), o pesquisador que escolhe este método “precisa aprender a observar, registar e analisar interações reais entre pessoas, e entre pessoas e sistemas”. E para Gil (1999) a observação participante é uma metodologia de investigação baseada na participação real, onde o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo.

As informações recolhidas foram complementadas pelas entrevistas realizadas aos principais responsáveis do projeto, provenientes da Universidade de Aveiro e da Câmara Municipal de São João da Madeira. O método de recolha de informações em forma de entrevista foi eleito porque é “um dos processos mais diretos para encontrar informação sobre um determinado fenómeno, consiste em formular questões às pessoas que, de algum modo, nele estão envolvidas. A resposta de cada pessoa vai refletir sua perceção e interesses” (Tuckman, 2000: 517).

Para o enquadramento foram consultadas publicações académicas e artigos de publicações em série relacionados com os temas de interesse e depois listados na bibliografia. A pesquisa da parte documental sobre o mandarim e o seu ensino como língua estrangeira é realizada com base em pesquisa bibliográfica. A parte empírica é baseada na observação participante da autora da presente dissertação, como formadora de mandarim no projeto de São João da Madeira. Ainda foi recolhida uma produção escrita dos exercícios de aula e de um teste escrito dos alunos de chinês, da qual, é selecionado um *corpus* para analisar as principais dificuldades na aprendizagem do mandarim. Foram ainda recolhidos documentos elaborados pela UA sobre o projeto, como relatórios, planificação de aula, entre outros, que servem de apoio à análise do funcionamento da iniciativa.

1.4 ORGANIZAÇÃO DO CORPUS

No capítulo III, foram realizadas análises ao funcionamento do projeto de ensino de mandarim no município de SJM. Com o objetivo de situar as principais dificuldades encontradas pelos alunos na aprendizagem do mandarim, foi recolhido um *corpus* de pesquisa. O *corpus* é uma produção escrita retirada dos trabalhos de alunos¹ do 3.º ano do EB, realizados entre janeiro e junho de 2013 e constituído por 1 exercício de uma lição do manual principal, por dois exercícios de fichas de revisão e duas questões da avaliação final. Para a análise do funcionamento do projeto foram tidos em conta outros fatores como o manual usado no primeiro semestre 2012/2013, as fichas de revisão, a organização do projeto e os intervenientes.

1 Provenientes de 4 escolas (Espadanal, Fontainhas, Ribeiros e Parrinho).

O ensino de mandarim no ensino básico público em São João da Madeira é justificado através das necessidades locais e do contexto económico mundial. Neste sentido, são apresentados os factos que corroboram a crescente importância económica e cultural da China, e a sua consequente influência mundial.

O crescente interesse na China, nomeadamente em termos de comércio, coincide com uma transformação acentuada aos níveis social, cultural, económico e político. Assim, este enquadramento histórico tem como propósito apresentar os principais acontecimentos que transformaram a sociedade e economia chinesa, sendo apresentadas uma breve contextualização histórica, económica e cultural da China, elementos considerados importantes para o correto entendimento do tema.

Adicionalmente, é apresentado São João da Madeira, um município que “ocupa um lugar de destaque no tecido empresarial Português, com um especial relevo para a indústria do calçado”, onde decorrem as atividades de ensino de mandarim que são objeto de análise nesta dissertação. (S. João da Madeira Turismo Industrial, n.d.). Por último, é apresentado a aproximação entre a UA e a China, dinâmica que tem no ensino da língua chinesa uma das suas dimensões mais relevantes.

2.1 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

2.1.1 Era Mao (1949-1976)

A República Popular da China foi fundada a 1 de outubro de 1949, em Pequim, sob a presidência de Mao Zedong (1893-1976). Nesta altura, o país encontrava-se empobrecido e desorganizado devido a vários anos de guerra civil e à invasão japonesa. Nos primeiros anos, Mao orientou as ações políticas para a reconstrução da economia e a instauração de uma nova sociedade. No campo, os grandes latifundiários deixaram de ser donos das terras, que foram redistribuídas pelos camponeses ou organizadas em

comunas². A poligamia foi proibida e a igualdade entre sexos foi instaurada através da Lei do Casamento de 1950 (Law Library, n.d.). Na indústria, as grandes empresas foram nacionalizadas e foram criadas cooperativas. Por sua vez, a planificação da economia foi posta em prática através do primeiro Plano Quinquenal (1953-1957) baseado em moldes soviéticos. Até então, o governo de Pequim mantinha uma aliança ideológica e política com a União Soviética e por meio do “Tratado de Aliança, Amizade e Assistência Mútua Sino-Soviético” de 1950, “exportava” para a China, o regime de partido único, armas, tecnologia, pesquisadores, médicos entre outros. Todavia, o insucesso do 1º Plano Quinquenal, combinado com o crescimento da população e o desemprego fez a China abandonar o modelo soviético, o que marcou o fim da cooperação entre os dois países (Ministério dos Negócios Estrangeiros da RPC, n.d.).

Em 1958, o presidente Mao, deu início ao segundo Plano Quinquenal (1958-1963). Este período também ficou conhecido como o “O Grande Salto em Frente”, com o lema: “Três anos de esforços e privações, mil anos de felicidade.” Este plano socioeconómico procurava um rápido desenvolvimento da produção, industrial e agrícola, de maneira proporcional, uma vez que, Mao acreditava que uma só poderia crescer com o auxílio da outra. Todos os cidadãos chineses foram mobilizados e milhões de pessoas foram movidas para grandes comunas, onde todo o trabalho era coletivo. Outra medida estimulada foi a criação de pequenas fundações de aço improvisadas pelos camponeses, a fim de diminuir as importações chinesas de aço e ferro, material que viria a ser utilizado mais tarde numa grande campanha de construção civil. Contudo, os resultados do movimento foram negativos devido a fatores diversos, não só como à falta de preparação técnica e logística, mas também a rigorosa seca que atingiu a China naqueles anos. Em consequência, o plano foi abandonado em 1959, acompanhado de uma atmosfera de descontentamento popular com o rumo do país (Rede de Notícias do PCC, n.d.).

Frente ao partido comunista, o presidente Mao chamou a si todas as responsabilidades, no mesmo ano, renunciando ao cargo de Chefe de Estado, mas permanecendo no cargo de Presidente do Partido Comunista Chinês (PCC). Por sua vez, a recuperação da economia ficou a cargo de três líderes considerados politicamente moderados, Liu Shaoqi (que substituiu Mao na presidência da China), Zhou Enlai e Deng Xiaoping, que restringiram o poder do antigo presidente e tomaram medidas como reduzir

2 Unidades produtivas rurais onde todo o trabalho era coletivizado e os objetivos de produção eram diferentes para cada comuna.

as comunas a tamanhos administráveis, voltar a ser integrar a propriedade da terra e incentivar a produção de alimentos de forma a combater a grande fome que atingia a China.

Mao Zedong que entre o povo chinês ainda era visto como o verdadeiro líder da revolução, usou então a sua popularidade para retomar a antiga autoridade e poder dos últimos anos. Em 1966, Mao o “grande timoneiro”, como ficou conhecido na altura, deu início à Revolução Cultural (1966-1976) que procurava impedir a restauração capitalista, manter a pureza ideológica e revolucionária do PCC (People’s Daily, 2001), procurar sucessores alinhados com a sua ideologia e, acima, de tudo reafirmar o seu papel como líder, apesar dos seus 74 anos (Meisner, 1999). O movimento perdurou por uma década e alastrou-se por todo o país. Com base no “Livro Vermelho”, Mao Zedong mobilizou os jovens (depois chamados de Guardas Vermelhos) a criticarem membros liberais do PCC e aqueles que aparentemente eram influenciados por Nikita Khrushchev³ da URSS, pois, temia que uma nova classe de “mandarins” estivesse a surgir na China. Mao acreditava que o progresso conseguido estivesse a beneficiar principalmente as classes mais privilegiadas e com melhor formação académica. Durante este período, foram também combatidos os chamados “Quatros velhos” (velhas ideias, cultura, costumes e hábitos) que incluía o Confucionismo. O entusiasmo dos Guardas Vermelhos levou a China ao caos social, sendo os opositores políticos perseguidos e presos como aconteceu com Deng Xiaoping e Liu Shaoqi.

Por estar em idade avançada, Mao passou a liderança para a sua esposa Jian Ching, que se uniu a mais três camaradas, nomeadamente, Zhang Chunqiao, Wang Hongwen e Yao Wenyuan que, por sua vez, ficaram conhecidos como o “Bando dos Quatro” e lideraram a oposição contra o então primeiro-ministro Zhou Enlai, pertencente à ala moderada do regime e que detinha um grande poder de influência sobre o governo. Porém, nunca o afastariam do poder até à sua morte natural, em janeiro de 1976. Alguns meses mais tarde, Mao Zedong morreu a 9 de setembro. O seu sucessor, Hua Guofeng, que fora escolhido pelo próprio Mao, mandou então prender o “Bando do Quatro”, o que marcou o fim da Revolução Cultural e da Era Mao.

3 Nikita Khrushchev (1955-1964). Foi responsável pela liberalização do regime soviético, também diminuiu o poder da polícia e fechou os campos de trabalho forçado na ex-URSS.

2.1.2 Reforma e Abertura pós Era Mao

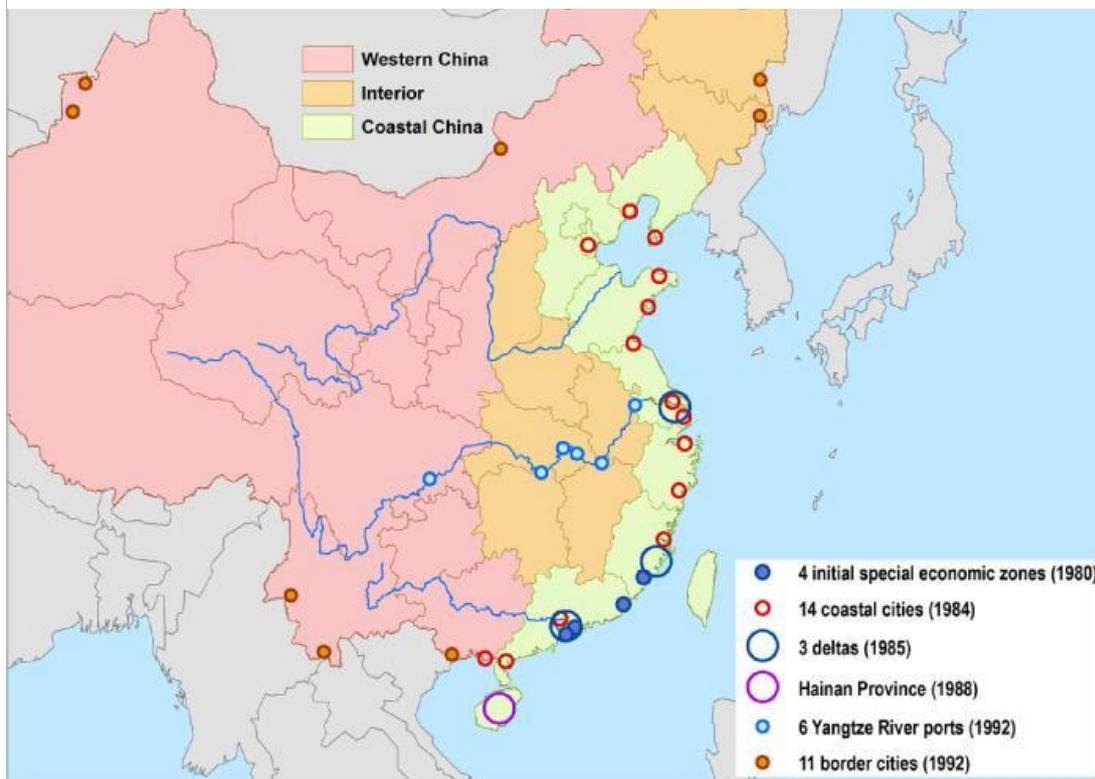
Em 1977, Deng Xiaoping retornou ao cargo de vice-primeiro ministro. Ele, tal como Zhou Enlai, acreditava que a China necessitava de reformas económicas e sociais. Em dezembro do mesmo ano, durante a reunião do 3º Plenário do 11º Congresso do Partido Comunista Chinês, foram aprovados os primeiros passos do programa de reformas que transformariam o futuro da China. As estratégias implementadas, *Gaige Kaifang* (改革开放), reforma e abertura, respetivamente, baseavam-se em redirecionar os objetivos do PCC para uma construção moderna do socialismo, ou melhor, dar vida ao “socialismo de mercado” chinês. De volta à agenda de Pequim, estavam as “quatro modernizações”, consideradas fundamentais para o desenvolvimento económico (Notícias do PCC, n.d.a).

Numa primeira fase, logo após 1979, aconteceram as reformas na agricultura e a abertura da China ao exterior, o que implicou uma reformulação de objetivos, de prioridades e a criação de um novo quadro jurídico e institucional para receber os investimentos estrangeiros. Ao mesmo tempo, o planeamento central foi reduzido, a autonomia empresarial foi incentivada, assim como, a concorrência e a autorregulação das empresas públicas. Nesta altura, também foram regulamentadas as *joint ventures*, ou seja, a associação entre empresas chinesas e estrangeiras. Pouco tempo depois, o governo criou as chamadas Zonas Económicas Especiais (ZEE) ao longo da costa chinesa com o propósito de atrair o investimento estrangeiro e, conseqüentemente, aumentando as exportações, trazendo produtos de alta tecnologia para a China e práticas modernas de gestão. Assim, foram gradualmente criadas, Shenzhen, em 1980; Zhuhai em 1980; Shantou, em 1980; Xiamen, em 1980; e, mais tarde Hainan, em 1988. As escolhas geográficas das ZEEs não foram ao acaso. Primeiro, pela conveniência logística, por serem regiões próximas do mar e aos chineses da diáspora. Segundo, Pequim receava a abertura total do seu mercado, e, assim, de forma cautelosa as autoridades centrais escolheram a região litoral sul do país, preservando o interior da China de qualquer situação de difícil controlo (Figura.1). Estas regiões portuárias atraíram Investimento Direto Estrangeiro do Ocidente e principalmente dos chineses do ultramar⁴, nomeadamente, de Taiwan, Hong Kong e Macau. Desta forma, estavam criadas as bases para uma “economia socialista de

4 Tradução de *overseas chinese*.

mercado”, onde o Estado regulava o mercado e, por sua vez, o mercado guiava as empresas.

Figura 1: Mapa das Zonas Económicas Especiais da República Popular da China (China Hug, 2010).



No campo político, ainda em 1979, as divergências entre Pequim e Moscovo aumentavam. Pequim, agora, voltava-se para o Ocidente à procura de assistência para o seu processo de desenvolvimento e modernização. Como tal, relações diplomáticas foram reestabelecidas com vários países, incluindo EUA e Portugal.

Em 1982, Deng Xiaoping proclamou o princípio de “Um país e dois sistemas”, o que significa, que no continente, a República Popular da China mantinha o sistema socialista, enquanto Hong Kong, Macau e Taiwan continuavam sob o sistema capitalista (Deng, 1994: 45). Esta foi a solução encontrada, uma vez que a reunificação do país não poderia ser imediata. Ao mesmo tempo, iniciaram-se as negociações com o Reino Unido e Portugal, no sentido de resolver a questão de soberania de Hong Kong e Macau.

Em 1984, as autoridades chinesas abriram mais 14 cidades costeiras⁵ para o comércio e a ilha de Hainan para o turismo (fig.1). Na sequência, o PCC aumentou o grau de autonomia das empresas públicas e liberalizou ainda mais o investimento estrangeiro e o comércio externo. O sistema de formação de preços foi liberalizado gradualmente, uma vez que, antes eram controlados e afixados por lei. Tanto a indústria como a agricultura, cresceram a um nível anual de 10%. A China tornou-se, assim, autossuficiente na produção de cereais, os bens de consumo passaram a estar disponíveis em maior variedade e o rendimento dos habitantes rurais duplicaram. A qualidade de vida de muitos chineses melhorou, mas ao mesmo tempo surgiram outros problemas, como a inflação e problemas sociais como a migração e a prostituição (Monteiro, 2011: 79).

Durante a transição do sistema socialista para o “socialismo de mercado”, Pequim evitou a generalização das privatizações das empresas estatais (State Owned Enterprises SOEs). Em contrapartida, estrategicamente manteve o controlo de setores chave como o sistema bancário, transporte e energia, onde o Estado realizava funções de um *shareholder*, normalmente realizadas por proprietários privados nas economias de mercado. Para a China reformista, durante a construção do seu “socialismo de mercado”, ocorreu uma mudança bem planeada na gestão dos ativos do Estado e não apenas uma mudança de propriedade.

Entretanto, as transformações económicas aconteceram de forma mais acelerada e intensa do que as transformações políticas, o que gerou um descontentamento de alguns setores da população. Em 1986, aconteceram as primeiras manifestações estudantis por reformas mais rápidas.

No campo económico, a inflação atingiu níveis preocupantes, empresas estatais endividaram-se em demasia e as contas externas aumentaram. Temendo um descontrolo sobre algumas das principais variáveis macroeconómicas, Pequim, dois anos mais tarde introduziu um programa de austeridade com princípios de centralização económica, numa tentativa de retomar o controlo da situação. Todavia, o descontentamento civil, aliado à morte de Hu Yaobang⁶ em 1989, culminou no incidente da Praça Tianamen, em junho do

5 Guangzhou, Dalian, Xangai, Ningbo, Nantong, Lianyungang, Qingdao, Yantai, Tianjin, Qinhuangdao, Wenzhou, Zhanjiang, Behai e Tianjin.

6 Ex-secretário-geral do PCC era visto como reformista e pertencia à ala menos radical do partido. Dois anos antes da sua morte, foi afastado do cargo por outros dirigentes mais radicais que reprovavam a sua postura política.

mesmo ano. As medidas de centralização económica impostas nesta altura, não puseram em causa o processo de abertura da economia chinesa, que apenas abrandou. Ainda assim, em 1990, foram criadas as bolsas de valores de Shenzhen e Shanghai.

Em 1992, as autoridades chinesas voltaram a acelerar o ritmo das reformas. Durante o 14º Congresso do PCC, em outubro do mesmo ano, foi anunciado um novo horizonte para a China, onde “não considerariam os livros como dogmas e não copiariam os modelos de outros países” e seguiriam através de uma “economia de mercado socialista com características chinesas” (Jiang, 1992). Diante deste paradoxo, Deng Xiaoping, –o chefe arquiteto das reformas socialistas– argumentou que a China poderia aproveitar os benefícios económicos do capitalismo para os imperativos morais do socialismo, sob a orientação de uma burocracia centralizada e tecnicamente competente (Nash, 2012). No mesmo congresso pronunciou a célebre frase “não importa se o gato é preto ou branco, desde que cace ratos é bom gato” (Notícias do PCC, n.d.b). Por outras palavras, referia-se que a China tinha como objetivos o crescimento económico e a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, mesmo que isso significasse a adoção de medidas capitalistas, como por exemplo: a legalização da criação de empresas privadas fora das ZEEs e o incentivo de maior autonomia nas empresas estatais que, desde então, passavam a ser capitalizadas por acionistas privados que procuravam o lucro e enfrentavam concorrência.

Durante a crise financeira asiática (1997-1998), o governo central chinês decidiu encorajar e ajudar empresas multinacionais chinesas a estabelecer bases de produção no exterior, onde poderiam integrar novos mercados, adquirir novas tecnologias, novas formas de gestão e moeda estrangeira. Em 1999, Pequim reforçou esta iniciativa, agora chamada “Going Global”, onde encorajava as empresas chinesas, principalmente as empresas estatais, a investirem no exterior.

Em 2001, após 15 anos de negociações, a RPC assinou finalmente o termo de entrada na Organização Mundial do Comércio. Pequim, por um lado, precisou de fazer concessões para que a sua entrada fosse aceite pelos restantes membros do grupo. Nesta altura, a economia chinesa já era uma das maiores do planeta, porém, cobrava pesadas taxas que dificultavam a entrada de produtos estrangeiros no seu tentador mercado de quase um bilião de consumidores. Entre as muitas concessões, precisou de rever a fundo todas as práticas comerciais para que estivessem em “conformidade” com as regras internacionais. Assim, a China abria-se ao mundo sob as regulamentações estrangeiras (Sylvia Ostry, Alan S. Alexandroff, 2003).

As políticas de abertura da RPC ao mundo exterior, na agenda do PCC desde 1978, foram consideradas o ponto de viragem do país. A construção da «China moderna» envolveu (e ainda envolve) um esforço nacional nas mais diversas áreas. Na área social, o Planeamento Familiar foi decretado em 1978, de forma a controlar o crescimento da população. As regras diferiam entre as zonas rurais e urbanas, e entre cidadãos nacionais pertencentes à etnia Han e pertencentes às restantes minorias étnicas, ou seja, a política foi mais flexível para as zonas rurais do que no espaço urbano, e mais flexíveis para as minorias étnicas, do que para o povo Han (Office of the State Council Of the People's Republic of China, 1995). Todavia, a política do filho único, em 30 anos, gerou problemas sociais como: um enorme desequilíbrio entre géneros, a diminuição da população ativa e consequente envelhecimento da população. Deste modo, as autoridades de Pequim promulgaram o fim da política do filho único em outubro de 2015, lei com início a primeiro de janeiro de 2016.

Em suma, as reformas realizadas sob a liderança de Deng marcaram um importante ponto de viragem no desenvolvimento económico da China (Kau & Marsh, 1993: 173). Segundo Guo (2004, citado por Arroyo, 2008: 8) todo o processo de reforma foi de natureza incremental e experimental. O próprio Deng estabeleceu a política pragmática de “atravessar o rio sentindo as pedras” (摸着石头过河) e que viria a ser a estratégia da reforma económica seguida na China, o que significa que as implementações das reformas eram parciais, executadas de forma cautelosa e experimental, acontecendo primeiro em algumas regiões e depois expandidas caso o sucesso fosse comprovado.

2.1.3 Macau elo entre Portugal e China

No ano de 2013, Portugal e China, celebraram 500 anos de relações históricas. De facto, os portugueses foram os primeiros Ocidentais a chegar à China por via marítima. Em 1513, Jorge Álvares explorador português, chegou às imediações de Cantão, ancorando em Tamão, ilha situada na foz do Rio das Pérolas onde, pela primeira vez, realizaram trocas mercantis em solo chinês. Dois anos mais tarde, Rafael de Perestrelo foi enviado por Afonso de Albuquerque para confirmar o grande potencial económico chinês que, já na altura, revelava-se bastante “proveitosa como a carreira da Índia, que ligara Cochim a Lisboa” (Loureiro, 1999: 23). Este encontro entre o Ocidente e o Oriente, através da

mediação lusitana, inaugurou uma nova era de relações entre povos, trazendo novas formas de pensamento, filosofias de vida, trocas de tecnologia, produtos, entre outros, anteriormente desconhecidos. Da mesma forma, renovou o saber europeu e a sua tradicional visão do mundo.

Em 1557, os portugueses foram autorizados a estabelecer-se na península de Macau pelos mandarins locais (Loureiro, 1999: 30) e, desde o seu estabelecimento, os portugueses mantiveram a posse efetiva e contínua do território. Ainda assim, as autoridades chinesas, sempre limitaram a jurisdição portuguesa no território criando, assim, uma jurisdição chinesa paralela, concebendo uma situação de “soberania dividida” que perdurou até finais do século XVIII. O reconhecimento formal da soberania portuguesa sobre Macau, apenas aconteceu em 1887, por meio do chamado Tratado de Pequim, onde a mesma “soberania” era limitada pela inalienabilidade do território. O *status quo* consagrado neste tratado, perduraria por mais de um século, sobrevivendo à queda da China Imperial, a ascensão da China Republicana e, mais tarde, a China Comunista. Embora estes governos tivessem reivindicado direitos de soberania sobre o território macaense, não obtiveram sucesso, situação que mudaria após dois grandes acontecimentos políticos e históricos. Com o êxito da Revolução Chinesa na China e com a Revolução de 25 de Abril de 1974 em Portugal, abrir-se-ia uma nova Era nas relações entre os dois países. A Revolução portuguesa trouxe um espírito de renovação e liberdade, que mudou substancialmente o estatuto político de Macau (Pereira, 1991). A nova Constituição da República Portuguesa, aprovada a 2 de abril de 1976, pela primeira vez, assumia Macau como um “território sob administração portuguesa”, ao invés de um “território português”, além de conceder um alto grau de autonomia e respeitando o estatuto promulgado em Macau uns meses antes. O chamado Estatuto Orgânico de Macau (EOM), aprovado a 17 de fevereiro de 1976, regia o funcionamento geral do Território, assim como, os principais órgãos administrativos, políticos e jurídicos. Este mesmo estatuto orientava, de forma transitória, a administração de Portugal sobre Macau, ao longo dos anos e sofreu diversas alterações até ser substituído pela Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China, de 20 de dezembro de 1999, quando Macau passou a ser uma Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), deixando de ser um território sob administração portuguesa (Chi, 2006).

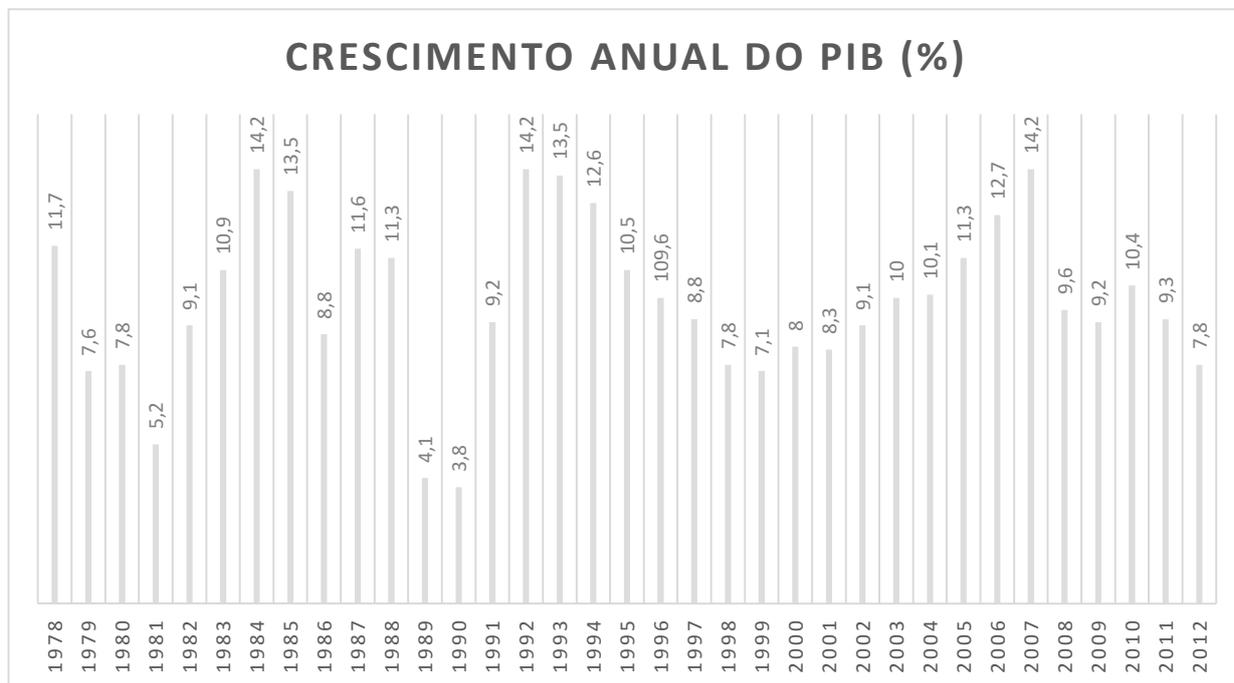
Macau, ao longo de cinco séculos, fez de Portugal e da China parceiros globais, servindo como um elo de ligação geográfica, política e económica. Atualmente, Macau é uma vantagem nas relações entre a China e os países de língua portuguesa.

2.2 ENQUADRAMENTO ECONÓMICO (E POLÍTICO)

Desde a abertura da China ao exterior e a implementação de reformas de livre mercado, iniciadas em 1978, a economia chinesa cresceu a um ritmo sem precedentes na história. O Produto Interno Bruto do país cresceu a uma média anual de quase 10% até 2012, ou seja, foi capaz de dobrar o tamanho da sua economia, em termos reais, a cada oito anos (Morrison, 2014: 3). Ver Tabela 1. O grande processo de desenvolvimento pelo qual a China passou nos últimos trinta anos, transformou a economia chinesa na segunda maior do mundo em 2010, ultrapassando o Japão e ficando atrás apenas dos EUA. De acordo com o relatório da OCDE “Estudo Económico da China 2013”, a economia chinesa está no caminho para ser tão grande quanto a Norte-Americana, já em 2016 (OECD, 2013). Os bons resultados económicos denotam a potência comercial em que a RPC se transformou sendo, atualmente, a segunda maior economia do mundo; o maior exportador de mercadorias; o segundo maior importador de mercadorias; o segundo maior destino de Investimento Direto Estrangeiro (IDE); a maior fabricante e o maior detentor de reservas cambiais (Morrison, 2013). No entanto, apesar do seu *status* económico, a China ainda é um país em vias de desenvolvimento (Banco Mundial, 2010). O rápido crescimento também trouxe novos desafios a serem superados como por exemplo: a inflação, a desigualdade de distribuição de renda, a poluição, entre outros.

Outro grande indicador do sucesso económico chinês foi a redução substancial dos níveis de pobreza. Segundo dados do Banco Mundial, a China tirou mais de 600 milhões de pessoas da pobreza entre 1981 e 2004. Há, porém, ainda muito a fazer quando cerca de 98.990 mil pessoas ainda vivem abaixo da linha da pobreza nacional (com menos de 2.300 RMB por ano, dados de 2012). Nos últimos anos, a desigualdade de rendimento vem aumentando entre as zonas urbanas e rurais, com a pobreza remanescente concentrada nas áreas rurais e pertencentes às minorias étnicas. Com o segundo maior número de pobres do mundo, depois da Índia, a redução da pobreza continua a ser um desafio fundamental para as autoridades chinesas (BM, 2010).

Tabela 1: Crescimento anual do PIB da China 1978-2012. (National Bureau of Statistics of China, 2014)



De forma a garantir o contínuo sucesso chinês e igualmente menos desigual entre a população, o governo de Pequim, apostou na construção de uma "sociedade harmoniosa" e de um "mundo harmonioso", conceitos apresentados em 2005, pelo ex-presidente Hu Jintao (China News and Report; n.d.). O objetivo foi consolidar uma sociedade baseada na equidade e justiça e assegurar a prosperidade do país. No plano internacional, "a China vai continuar a manter a bandeira da paz, desenvolvimento, cooperação e benefício mútuo e se esforçar-se para manter a paz mundial e promover o desenvolvimento comum" (Hu, 2012).

No campo da economia também foi feito um esforço para mudar o paradigma de desenvolvimento chinês, apostando na inovação tecnológica e produção de bens de maior valor acrescentado, especialmente após a crise financeira internacional que o teve seu início em 2008. A crise financeira internacional afetou os mercados e, prontamente, as autoridades chinesas responderam com um Pacote de Estímulo (Portal do Governo Central Chinês; 2008). Apesar de nos últimos cinco anos, a recuperação económica ser lenta e

desigual no resto do mundo, a China continua a manter um bom ritmo de crescimento (OECD, 2014).

Atentos à agitação económica e geopolítica, os líderes chineses lançaram o 12º Plano Quinquenal (2011-2015) em 2011, com uma nova estratégia de desenvolvimento económico, onde apostam num desenvolvimento económico sustentável, priorizando a qualidade e eficiência (KPMG, 2011). As principais metas são desenvolver as regiões do interior chinês, uma vez que as regiões mais desenvolvidas encontram-se no litoral; proteger o meio ambiente; melhorar a eficiência energética; melhorar a vida dos cidadãos chineses; continuar a transição para uma economia impulsionada pelo consumo interno, em vez de exportações, e finalmente desenvolver sete “indústrias estratégicas emergentes” ⁷ consideradas prioritárias na economia chinesa, aumentando suas contribuições de cerca de 2% do PIB para 8% já em 2015. O desenvolvimento destes ramos de indústria é privilegiado devido ao seu carácter inovador e pelo potencial de criar novos conhecimentos e tecnologias (Aicep, 2012).

No campo político, a China aposta cada vez mais no uso e desenvolvimento do *soft power*. Este conceito, cunhado por Joseph Nye (2004), é a habilidade de um país conseguir o que quer através da “atração”, em vez de coerção ou pagamentos. Esta habilidade surge da através atratividade da cultura, dos ideais políticos e das políticas de um país. O *soft power*, que difere do *hard power* (força militar) e do poder económico, torna-se mais importante a cada dia, impulsionado pela globalização e pela revolução dos meios de comunicação (Nye, 2005; p.1). Sob o ponto de vista do *soft power*, cada vez que “as políticas de um Estado são vistas como legítimas e justas sob o olhar de outros Estados, o *soft power* daquele país é incrementado” (Mharapara, Bangidza & Gwekwerere, 2014: 99).

Por sua vez, através do uso do *soft power*, a China está a promover a aprendizagem do mandarim em todo o mundo, como parte do seu esforço em alcançar os seus objetivos de política externa. A criação de Institutos Confúcio, a atribuição de bolsas de estudo, parcerias em investigação e desenvolvimento, evidenciam a tentativa de passar uma imagem cada vez mais positiva sobre a China. Conforme os objetivos do Instituto Confúcio, o ensino do mandarim tem o propósito de aumentar a amizade e entendimento mútuo, bem

7 Geração de energia através de fontes não fósseis, o incremento dos setores industriais de alta tecnologia, novas matérias-primas, biotecnologia, indústria farmacêutica, tecnologia da informação e de automóveis elétricos.

como a cooperação e o intercâmbio cultural entre a China e o resto do mundo (Hanban; n.d.). O autor Joshua Kurlantzick (2007) classificou o *soft power* chinês em duas diferentes categorias de “ferramentas de influência”. Primeiro, a Ferramenta de Cultura e Diplomacia (ferramentas relacionadas com a língua, cultura chinesa, artes e etnias) e, em segundo, Ferramentas de Negócios (que inclui comércio, assistência internacional, investimento e apelo do modelo económico da China). De facto, o ensino da língua/cultura chinesa não é a única ferramenta de *soft power* da agenda chinesa, contudo, é uma das mais importantes (Gil, 2008).

Os atuais decisores políticos do «Império do Meio» estão focados em responder aos novos desafios e em manter o crescimento do país, reconhecendo que são necessárias novas reformas para garantir um crescimento amplo, equitativo e sustentável nos próximos anos, mas como as próprias autoridades chinesas têm enfatizado, uma transição para um modelo de crescimento amplo e dependente do dinamismo da demanda doméstica. Garantir o crescimento sustentável e inclusivo permitirá à China, evitar a “armadilha da renda média” e eventualmente, fazer a sua economia a maior do mundo até 2030 (World Bank, Development Research Center of the State Council, & P. R. China, 2013).

2.3 A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

As relações comerciais entre a China e os países de língua portuguesa⁸ vem aumentando exponencialmente nos últimos anos e Macau tem vindo a ser utilizado como ponte nas relações, devido aos laços históricos. Iniciativas como a criação do “Fórum para a cooperação económica e comercial entre a China e os Países de língua portuguesa”, mais conhecido por “Fórum Macau,” em 2003, e o Fundo de Cooperação para o Desenvolvimento entre a China e os Países de língua portuguesa em 2010, afirmam uma estratégia de longo prazo, por parte do governo da China, em reforçar a presença chinesa no mundo lusófono.

⁸ Angola, Brasil, Cabo Verde, Timor-Leste, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.

Ainda de acordo com o Instituto de Promoção e Investimento de Macau (澳门贸易投资促进局), esta região administrativa especial tem desempenhado, ao longo de vários anos, o papel de “Plataforma de Serviços de Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de língua portuguesa” (IPIM; n.d.). A RPC definiu de forma propositada, Macau como base da cooperação com a lusofonia, sendo também as trocas comerciais, um atrativo para aprender português na China (Pereira, 2011; 75). Atualmente, existem cerca de 30 universidades chinesas com licenciatura em língua portuguesa (Pacheco, 2014)., o que evidencia que a China reconhece a potencialidade de um mercado com cerca de 260 milhões de pessoas (total da população de países da CPLP) e economias em rápido crescimento. Atualmente, entre os oito países de língua portuguesa, o Brasil é o principal parceiro económico da China, seguido por Angola e Portugal.

Em termos globais, de janeiro a julho de 2014, as trocas comerciais entre a China e CPLP foram de 77,42 mil milhões de dólares, um crescimento de 5,12% em comparação ao mesmo período de 2013. Ao mesmo tempo, as importações feitas pela China nos Países de língua portuguesa foram de 52,79 mil milhões de dólares, um acréscimo homólogo de 6,81%, enquanto as exportações da China para os Países de língua portuguesa foram de 24,63 mil milhões de dólares, um aumento homólogo de 1,68% (Fórum Macau, 2014). Ver Tabela 2.

No que diz respeito ao comércio Portugal-China, a Balança Comercial é tradicionalmente favorável ao gigante asiático. Segundo dados mais recentes, em 2013, Portugal comprou à China bens no valor de 1,8 mil milhões de euros e, em contrapartida, a China gastou apenas cerca de mil milhões de euros, em compras a Portugal. Ainda assim, a China mantém a 9ª posição no ranking de fornecedores em 2013 (Aicep, 2014). Ver Tabela 3.

Quanto às exportações, o mercado chinês é considerado prioritário e as vendas para este país crescem de ano para ano. Segundo o relatório “Estatísticas do Comércio Internacional - Julho 2013” do Instituto Nacional de Estatística, no primeiro semestre de 2013, as exportações de bens para a RPC atingiram 332,1 milhões de euros, enquanto no primeiro semestre de 2005 totalizaram somente 68,0 milhões de euros.

Tabela 2: Trocas comerciais entre China e países CPLP, janeiro - julho, 2014. (Fórum Macau, 2014).

2014年1-7月中国与葡语国家进出口商品总值								
As Trocas Comerciais entre a China e os Países de Língua Portuguesa entre Janeiro e Julho de 2014								
金额单位: 万美元 Unidade: 10 mil USD								
序号 No.	国家 País	2014年 1-7月 Janeiro a Julho de 2014						2013年1-7月 Janeiro a Julho de 2013
		进出口额 Trocas Comerciais	出口额 Exporta ções da China	进口额 Importações da China	同比 (%) Variação homóloga			进出口额 Trocas Comerciais
					进出口 Total	出口 Exportações	进口 Importações	
1	安哥拉 Angola	2,184,507.93	260,258.29	1,924,249.64	0.91	20.19	3.10	2,082,852.94
2	巴西 Brasil	5,166,571.35	1,938,087.00	3,228,484.35	2.15	-2.82	8.44	4,971,564.72
3	佛得角 Cabo Verde	2,882.94	2,882.67	0.27	0.75	0.74	∞	2,861.59
4	几内亚比绍 Guiné-Bissau	4,756.50	729.10	4,027.40	243.86	67.39	324.97	1,383.26
5	莫桑比克 Moçambique	107,194.46	80,121.64	27,072.82	25.78	24.05	31.22	85,220.81
6	葡萄牙 Portugal	273,378.30	177,657.44	95,720.86	24.84	25.69	23.28	218,987.33
7	东帝汶 Timor-Leste	2,873.16	2,869.14	4.02	45.96	48.62	-89.40	1,968.46
8	圣多美和普林西比 São Tomé e Príncipe	231.41	231.40	0.02	44.13	44.12	2,085.71	160.56
中国对葡语国家进出口合计 Total		7,742,396.05	2,462,836.68	5,279,559.37	5.12	1.68	6.81	7,364,999.66
信息来源：中国海关总署统计数据								
Fonte de Informações: Estatísticas dos Serviços da Alfândega da China								

Tabela 3: Comércio de Bens Portugal-China (Aicep, 2014)

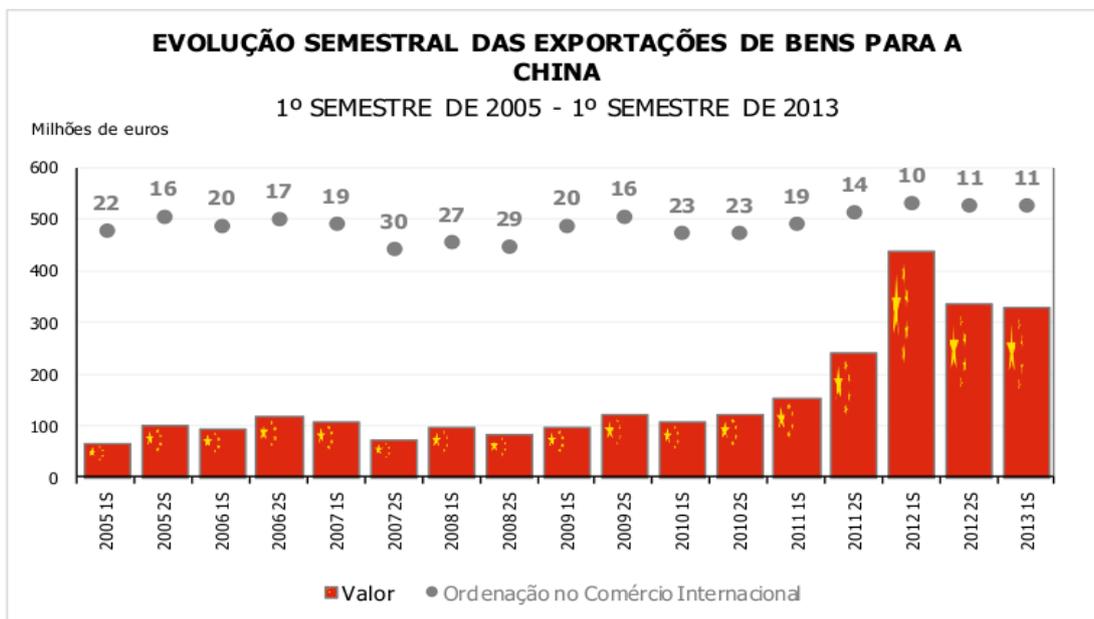
Importância da China nos Fluxos Comerciais de Portugal						
		2009	2010	2011	2012	2013
China como cliente de Portugal	Posição	16ª	21ª	14ª	10ª	12ª
	% Saídas	0,70	0,63	0,93	1,72	1,39
China como fornecedor de Portugal	Posição	9ª	7ª	9ª	9ª	9ª
	% Entradas	2,17	2,69	2,53	2,45	2,42

Fonte: Instituto Nacional de Estatística (INE)

Nota: Os termos Saídas e Entradas correspondem aos agregados (Expedições+Exportações) e (Chegadas+Importações), cujas designações se referem às trocas comerciais IntraUE e ExtraUE, respetivamente

Por conseguinte, a China passou do 22º maior cliente de Portugal no 1º semestre de 2005, com um peso de 0,4%, para 11º no 1º semestre de 2013, com um peso de 1,4% (INE-ECI, 2013: 13). Ver tabela 4.

Tabela 4: Estatísticas do Comércio Internacional – China (INE-ECI, 2013: 13)



Em Portugal, os empreendedores reconhecem a necessidade de estabelecer relações comerciais com a China, de modo a aumentar a competitividade e, da mesma forma, estão atentos ao grande volume de investimento deste país asiático aplicado no estrangeiro. Enquanto a RPC já está estabelecida como um destino prestigiado de Investimento Estrangeiro Direto (IED), o fluxo de saída de IED por empresas chinesas também aumenta expressivamente. A União Europeia e a China são os dois maiores blocos comerciais do mundo. Por um lado, a China é o segundo parceiro comercial da UE, atrás apenas dos Estados Unidos e, por outro lado, a União Europeia é o maior parceiro comercial da China.

Os investidores chineses veem a Europa como um destino de investimento seguro e estável e também enfrentam poucas barreiras no acesso aos mercados. Devido a estes fatores, o investimento chinês na Europa aumenta de ano para ano, nomeadamente em Portugal. Desde a compra de 21,35% da EDP pela *China Three Gorges*, em dezembro de 2011, por 2,69 mil milhões de euros, vários foram os investimentos de Norte a Sul do país, podendo citar, como exemplos, no ano de 2012, a chinesa *State Grid Corporation of China*, que comprou 25% da REN por 387 milhões de euro; a empresa de telecomunicações *Hua Wei*, que abriu um centro tecnológico com um investimento inicial de 10 milhões de euros

e a *China Three Gorges* que, no final de 2012, voltou a investir e comprou 49% dos ativos eólicos da EDP, por 359 milhões de euros (Filipe, 2013).

Já em 2014, a *Fosun International* comprou 80% do capital das seguradoras do grupo Caixa Geral de Depósitos, a troco de cerca de 1650 milhões de euros (Ferreira, 2014). Os campos de atuação dos investidores chineses são os mais diversos, como equipamentos e telecomunicações, banca, indústria do aço, energias renováveis, serviços de água, energia elétrica, seguros, entre outros. Além disso, o investimento direto chinês na Europa é bem-vindo, principalmente pelas economias afetadas com a crise financeira desde 2008.

Nestes últimos anos, o governo português criou novas estratégias para atrair investimento estrangeiro. Uma destas novas formas é outorgando autorizações de residência, os chamados *Golden Visas* ou Autorização de Residência para Atividade de Investimento (ARI). A estratégia tem como objetivo catalisar investimentos oriundos de todo o mundo. Para poder beneficiar-se do programa e ter acesso ao visto, o candidato precisa de satisfazer uma de três condições segundo o Despacho n.º 11820-A/2012 Artigo 3º: “a) A transferência de capitais no montante igual ou superior a 1 milhão de euros; b) A criação de, pelo menos, 30 postos de trabalho; ou c) A aquisição de bens imóveis de valor igual ou superior a 500 mil euros”. (Decreto Lei no ° 29/2012, de 9 de agosto do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Administração Interna, 2012). Segundo a imprensa (e.g. Jornal Económico, 2013 – 27, dezembro), o programa tem sido bem-sucedido e, apenas no ano de 2013, foram concedidos 417 vistos, sendo os chineses, os nacionais de maior número.

2.4 ENQUADRAMENTO CULTURAL

Definir cultura em poucas palavras não é fácil, pois tratar-se de um termo amplo e complexo e que engloba várias dimensões da vida dos grupos humanos. Segundo Hosftede (1994), cultura é “a programação coletiva da mente que distingue os membros de um grupo humano dos outros”. Para Kroeber & Kluckhorn (1952), “a cultura consiste numa série padronizada de modos de pensar, sentir e reagir, adquiridos e transmitidos principalmente através de símbolos e que revelam os traços distintivos das realizações dos grupos humanos, incluindo a corporização destes traços sob forma de artefactos; o cerne da cultura são as ideias tradicionais (seleccionadas e derivadas historicamente) e os valores

que lhes são próprios”. E então neste contexto que a cultura chinesa é observada neste documento.

Os aspetos culturais são muito marcantes na sociedade chinesa. Pois trata-se, de facto, de uma cultura milenar, que apresenta características muito próprias e baseia-se, geralmente, nos valores do Confucionismo, Taoísmo e Budismo e, dada a crescente necessidade em comunicar com a China, é indispensável uma maior atenção aos aspetos culturais, tal como foi referido anteriormente. O próprio embaixador da China em Portugal, Huang Songfu, afirmou numa visita à UA em 2013 (UA Jornal Online, 2013b), que é necessário “conhecer melhor a cultura chinesa para desenvolver mais a língua”, sendo a língua e a cultura chinesas, valores inseparáveis.

Por sua vez, as empresas portuguesas que não consideram o mercado chinês, o fazem-no por razões como: a falta de informação; a dificuldade de entrar no mercado; a distância, ou a destacada diferença cultural (Monteiro, 2011: 28). O Império do Meio dispõe de uma cultura negocial complexa e cerimonialista, difícil de entender para os recém-chegados, e é nesta perspetiva que surge a necessidade de entender a China e os chineses (Trigo, 2006). Normalmente, as diferenças culturais estão na base dos problemas de comunicação e entendimento e, por isso, conhecer a cultura do outro e a forma de pensar, é imperativo de forma a diminuir significativamente o risco de mal-entendidos. No que diz respeito à área dos negócios, a má comunicação pode criar um grave entrave ao comércio.

Para começar a entender aspetos fulcrais da cultura chinesa, é necessário inteirar-se dos “padrões de pensamento profundamente enraizados no comportamento da sociedade chinesa e que influenciam a forma de viver e fazer negócios” (Trigo, 2006; 11), como por exemplo conhecer as normas de protocolo e etiqueta que envolvem toda a sociedade chinesa e que ultrapassa a esfera negocial; compreender e saber lidar com a delicada questão da “face” (*mianzi* – 面子); respeitar as tradições como o forte respeito pela hierarquia e importância da família e principalmente, compreender as “regras” das relações interpessoais ou (*guanxi* – 关系). Em suma, o entendimento destes princípios são importantíssimos para entrar na “forma de pensar” chinesa, sendo imprescindíveis de forma a diminuir o choque cultural que os primeiros contactos com este país tão diferente representa para qualquer principiante.

Embora na China já existam muitas pessoas a falar e entender a língua Inglesa, na área dos negócios, ainda é uma mais-valia saber a língua e cultura chinesas.

Mesmo que a compra e venda sejam similares em todo o mundo, a problemática está na dificuldade em negociar na China, pois, trata-se de uma cultura forte e antiga que permeia todas as relações da sociedade. Além disso, a RPC tem um mercado imenso, com uma concorrência intensa e uma dinâmica económica que muda rapidamente, o que se torna muito difícil de acompanhar (Trigo, 2006: 40).

2.5 O MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DA MADEIRA

O projeto de ensino de mandarim, o objeto do nosso estudo, tem como palco as escolas básicas do município de São João da Madeira, uma região portuguesa conhecida por ter uma longa tradição industrial.

O município desde meados do século XIX, tornou-se num dos maiores focos da Revolução Industrial em Portugal. Começou com a indústria chapeleira, depois com a produção de laticínios e, mais tarde com a importante indústria do calçado. Nacionalmente, é conhecida por ser a “capital do calçado”. Devido à grande tradição neste ramo (SJM Turismo Industrial, n.d.), o município ocupa um lugar de destaque no tecido empresarial português, impulsionado pelo seu parque industrial diversificado, produtivo e inovador. Assume, também, um papel importante no que diz respeito às exportações, sendo um exportador de referência em Portugal. Devido à crise, as empresas de S. João da Madeira voltam-se ainda mais para mercados externos, uma alternativa para compensar a acentuada queda do consumo interno.

A procura por novos mercados aponta a China como um cobiçado público-alvo. Esta tendência dá-se porque nos últimos anos a classe média-alta chinesa aumentou em número e em poder aquisitivo, ou seja, milhões de pessoas com poder de compra, que procuram produtos de luxo com qualidade, não se importando-se com o preço, facto confirmado numa entrevista realizada em 2012 ao então presidente da câmara de SJM, Castro Almeida, que afirmou: "Não podemos fechar os olhos à realidade. Nós somos uma terra muito virada para a exportação. A China é um parceiro fundamental no comércio internacional e temos que os considerar cada vez menos como um mercado de compra de produtos baratos e mais como uma área de venda de produtos de alta qualidade" (Oliveira, 2012). Porém, reconhece a dificuldade em entrar neste gigantesco mercado consumidor, sem falar mandarim e sem conhecer a cultura. Surgiu, assim, a iniciativa como uma futura "mais-valia diferenciadora para as empresas da região" (Oliveira, 2012).

Por conseguinte, no ano de 2013, em sintonia com as novas necessidades empresariais, o mandarim foi inserido no currículo do 3º ano do ensino básico, a título experimental, nas escolas do município de S. João da Madeira, tornando a língua chinesa, a segunda língua estrangeira lecionada nas escolas do ensino básico, após o inglês. A escolha do mandarim, enquadra-se numa estratégia global de favorecimento da economia sanjoanense, dado que aprender uma língua franca (língua Inglesa) já não é o suficiente.

A Câmara Municipal de São João da Madeira é a entidade responsável pelo financiamento e génese do projeto. A iniciativa, contudo, apenas se tornou exequível através da parceria pedagógica com a Universidade de Aveiro. Em Portugal, este é o primeiro projeto do género, a nível do ensino básico público e a aposta assenta nas vantagens futuras que esperam colher a longo prazo (Nelson Costa). É uma aposta direta no desenvolvimento local, sendo o município, responsável também por outras iniciativas, como o ensino de mandarim para adultos, através da Universidade Aberta e o Instituto de línguas de S. João da Madeira, comparticipados pela câmara em 50% (Projeto Educativo Municipal, 2013).

2.6 A UNIVERSIDADE DE AVEIRO E A CHINA

A dinâmica de cooperação entre a Universidade de Aveiro e a China dispõe de um longo e rico percurso já com 30 anos. As relações académicas tiveram o seu início nos anos 80, envolvendo o Departamento de Engenharia de Materiais e Cerâmica⁹ da UA e o departamento homólogo da Universidade de Zhejiang, China. A UA estava a meio de um processo de internacionalização, que foi iniciado logo após a adesão de Portugal, à então CEE. A estratégia foi “orientada no sentido da identificação de áreas científicas de afinidade e de organizações chinesas que tivessem nessas áreas níveis elevados de qualidade académica” (Rodrigues, 2014: 3). Sendo assim, a área dos materiais da Universidade de Zhejiang “emergiu como um parceiro privilegiado de investigação e desenvolvimento”, o que proporcionou a vinda de alunos e docentes chineses e grande intercâmbio de conhecimento (Rodrigues, 2014). Ao longo do tempo, foram criadas muitas outras linhas de cooperação entre a UA e diferentes instituições de ensino superior chinesas¹⁰.

9 Antes chamado de Departamento de Engenharia Cerâmica e do Vidro.

10 Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Macau, Universidade de línguas Estrangeiras de Dalian, Beijing Normal University, China Beijing University of Technology, Beijing

Internamente na UA, esta cooperação ampliou aos mais diferentes departamentos de domínios científicos, como as ciências da Terra, telecomunicações, geociências, ambiente e ordenamento, entre outros que, por sua vez, participaram e organizaram atividades como projetos bilaterais e estágios de investigação, colaborações que resultaram em publicações científicas e grande criação de conhecimento.

No que diz respeito à oferta de cursos na área dos estudos chineses, a Universidade de Aveiro foi pioneira. Em 1998, criou o Mestrado em Estudos Chineses (MEC) onde o estudo da língua e cultura são unidades curriculares obrigatórias. O curso também oferece não só disciplinas ligadas às áreas de gestão e história, como também cadeiras que versam temas como a economia atual, a governabilidade empresarial na China e a arte da negociação chinesa. Atualmente, o mestrado é lecionado em parceria entre a UA e o ISCTE/IUL, após receber uma nova configuração em 2010. A língua chinesa também é lecionada na licenciatura de línguas e Relações Empresariais (LRE) do DLC, no decorrer de seis semestres letivos e no mestrado de LRE. Da mesma forma a língua chinesa é lecionada nos chamados Cursos Livres, uma oferta da língua para toda a comunidade académica e não alunos da UA (Rodrigues, 2014).

O próprio projeto de ensino do mandarim em S. João da Madeira está sob orientação formativa da UA, através do Departamento de Línguas e Culturas e totaliza cerca de 600 alunos do 3º e 4º ano do 1.º ciclo do ensino básico sob formação. Em novembro de 2013, Huang Songfu, embaixador da República Popular da China em Portugal, visitou o projeto de modo a verificar a notável dinâmica de desenvolvimento do ensino da língua chinesa e concluiu que “Esta universidade está a desempenhar um papel muito importante no sentido de promover o intercâmbio cultural entre os dois países, por isso quis vir conhecê-la melhor e agradecer pessoalmente o apoio à cooperação e na promoção das relações bilaterais entre a China e Portugal” (UA Jornal Online, 2013b).

Neste capítulo o projeto é apresentado, de forma a conhecer os objetivos, a organização e a sua importância.

3.1 O PROJETO

As motivações do projeto de Ensino do mandarim nas Escolas Básicas de S. João da Madeira estão ligadas ao carácter comercial do Município que, em consequência da crise financeira mundial e das novas tendências económicas, reconhece a crescente necessidade em negociar com a China. O objetivo é a aprendizagem do mandarim, a começar no 3º ano do Ensino Básico e dar a conhecer aspetos importantes da cultura chinesa. “Esta estratégia pretende assegurar que, no prazo de 10 a 15 anos, as empresas do concelho possam recrutar localmente os jovens que, fluentes em mandarim, facilitarão as negociações com o grande mercado da China” (Nelson Costa).

O ensino da língua chinesa é desenvolvido no Município de S. João da Madeira e está sob a supervisão pedagógica da Universidade de Aveiro, através do seu Departamento de línguas e Culturas (DLC). Da mesma forma, estão envolvidas outras entidades como a Câmara Municipal de S. João da Madeira, a Direção-Geral da Educação, a Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares, Agrupamento de Escolas de Oliveira Júnior, Agrupamento de Escolas João da Silva Correia e Agrupamento de Escolas Dr. Serafim Leite.

O ensino de mandarim no ensino básico começou como um projeto a título experimental durante o segundo e terceiro trimestres do ano letivo de 2012/2013, apenas para turmas de 3º ano do ensino básico público. Já no ano letivo 2013/2014, a oferta foi alargada e foram incluídas turmas de 4º ano, que dão continuidade à aprendizagem adquirida no 3º ano.

No ano letivo de 2014/2015, a inclusão do 5º ano começou em janeiro de 2015. A oferta também foi alargada para os alunos do 6º ano. A presença nestas aulas, por sua vez, deixou de ser obrigatória e tornou-se facultativa.

Em relação à organização do curso durante os primeiros anos de funcionamento, na tabela a seguir podem ser vistas informações como o número total de alunos, número de turmas, a carga horária semanal, entre outros.

Tabela 5: Funcionamento do Curso de mandarim

Ano Letivo	Nº de Escolas	Carga Horária Semanal	Nº total de alunos	Nº Turmas	Total de Equipas de docentes/Nacionalidades
2012/2013	9	1 hora	293	3.º (15 turmas)	2 equipas (2 portugueses, 3 chineses)
2013/2014	9		600	3.º(14 turmas) 4.º (14 turmas)	4 equipas (5 portugueses, 6 chineses)
2014/2015	12		670	3º (13 turmas) 4º (15 turmas) 5º (6 turmas) 6º (6 turmas)	8 equipas (8 portugueses, 9 chineses)

Professores

Durante as aulas é utilizado o sistema de dois formadores de mandarim bilingues, um nativo da língua portuguesa e um nativo da língua chinesa, de modo a assegurar a qualidade do ensino e da comunicação em sala de aula, como por exemplo a exata pronúncia dos tons do mandarim e da escrita.

Os formadores nativos da língua portuguesa são alunos da UA, provenientes do Mestrado em Estudos Chineses e, anteriormente, da Licenciatura em línguas e Relações Empresariais com, pelo menos, 3 anos de estudos da língua chinesa. Os formadores nativos de língua chinesa são alunos de Licenciatura em língua e Cultura Portuguesas, provenientes de universidades chinesas e participam de um intercâmbio no Departamento de línguas e Culturas da UA.¹¹

As vantagens em utilizar o sistema de um formador nativo falante de chinês e outro nativo falante de português, em simultâneo na sala de aula, são várias. Por um lado, o formador chinês fornece uma pronúncia precisa e estimula o aluno a interagir em chinês. Por outro lado, o formador não nativo aprendeu conscientemente passo-a-passo a língua, de modo que uma aprendizagem formal do chinês ajuda a desenvolver uma consciência

¹¹ Os professores titulares de turma costumam estar presentes nas aulas de mandarim e auxiliam na dinâmica e funcionamento das atividades.

linguística e, desta forma, conseguem antecipar as dificuldades de aprendizagem dos alunos (Ma, 2012). Além disso, podem ter mais empatia com as necessidades dos alunos (Lipovsky & Mahboob, 2010; Medgyes, 1994, citado por Ma, 2012, p.282) e podem definir metas de aprendizagem mais realistas.

Alunos

Quanto ao perfil dos alunos de S. João da Madeira, as idades oscilam entre os 8 - 10 anos no 3º ano e 9 -11 anos no 4º ano sendo, na sua maioria, nativos falantes da língua portuguesa, com pouquíssimos conhecimentos prévios da cultura chinesa (sabiam, por exemplo, da existência da Grande Muralha, do costume de comer com “pauzinhos”, entre outros) e nenhum da língua chinesa. Grande parte dos alunos também estava inscrita nas aulas de língua Inglesa. Poucos alunos eram bilingues, geralmente filhos de imigrantes em Portugal que, em casa, falavam a língua dos pais como por exemplo russo e ucraniano.

Planificação e Programa

O curso foi elaborado sob a responsabilidade das supervisoras científicas Wang Suoying e Ran Mai, ambas leitoras de chinês no Departamento de línguas e Culturas da UA.

A Planificação baseia-se num conjunto de lições que são referência temática para o ensino do mandarim. A disciplina está organizada em língua e Cultura Chinesa I, para o 3º ano, e língua e Cultura Chinesa II, para o 4º ano do 1º ciclo do ensino básico.¹²

Os objetivos principais para o 3º ano são iniciar os alunos na língua chinesa; torná-los capazes de ler e escrever os caracteres; de interagir oralmente com cumprimentos e expressões ensinadas e conhecer aspetos da cultura chinesa. Os temas são: números; cumprimentos; vocabulário sobre a família e escola; perguntas sobre o mundo ao redor (objetos, pessoas); pronomes e questões primárias da gramática da língua chinesa.

¹² A planificação para o 5º ano, até data da edição deste trabalho, encontrava-se em vias de organização e planeamento.

Para o 4º ano, o objetivo é dar continuidade à aprendizagem do ano anterior, tornando os alunos capazes de ler e escrever novos caracteres chineses e interagir oralmente com novas expressões e palavras. Alguns destes temas são a continuação do terceiro ano, como os números, expressões e cumprimentos. Outros novos temas são introduzidos como a descrição pessoal; adjetivos básicos; partes do corpo humano; países, entre outros.

Para ambos os anos, os temas culturais não estão incluídos na planificação, porém os temas de conteúdo mais relevantes são eleitos em conjunto entre a equipa pedagógica da UA e os formadores, como por exemplo: festas tradicionais, cultura de chá, entre outros.

A seguinte tabela apresenta, de forma sucinta, os objetivos gerais e os conteúdos básicos que são ensinados ao longo dos dois anos letivos¹³. (Ver anexos 2 e 3).

Tabela 6. Planificação ano 2013/2014 (Fonte: Planificação I e II de 2013)

Temas e conteúdos	
língua chinesa I - <u>3º ano</u>	língua chinesa II - <u>4º ano</u>
<ul style="list-style-type: none"> -Tons do mandarim, vogais e algumas consoantes; -Formas básicas de descrição pessoal; -Expressões de cumprimento, de despedida e de cortesia; -Idade e membros da família; -Números cardinais (1-10); -Aprender os pronomes pessoais e os possessivos; 	<ul style="list-style-type: none"> -Tons do mandarim (continuação); -Descrição pessoal (continuação); -Expressões de cortesia (continuação); -Membros da família (continuação); -Números cardinais (até 99); -Pronomes pessoais e possessivos (continuação);
Conteúdos Específicos em Cada Ano	
língua chinesa I - <u>3º ano</u>	língua chinesa II - <u>4º ano</u>
<ul style="list-style-type: none"> - Uso de termo de unidade entre um numeral e um substantivo; -Perguntar e responder sobre objetos; -Aprender o verbo “ser”; 	<ul style="list-style-type: none"> -Países e sua descrição com adjetivos básicos, cidadãos e línguas destes países; -Cores;

13 A organização dos conteúdos da tabela é de responsabilidade da autora desta dissertação.

<ul style="list-style-type: none"> -Formas básicas de identificação do objeto; -Aprender a partícula de interrogação “ma”; -Aprender a perguntar sobre o nome; 	<ul style="list-style-type: none"> - Verbo “ter”; -Descrever o tamanho dos países; -Identificar partes do corpo humano; - Aprender a dizer o que se sente fisicamente.
---	--

(Nota: A organização dos conteúdos da tabela é de responsabilidade da presente autora desta dissertação).

Material Didático

As aulas são baseadas num manual elaborado especificamente para este projeto, da autoria da professora Wang Suoying. Para cada ano letivo está previsto o ensino de, pelo menos, 10 lições do manual e fichas de exercícios/revisão elaboradas pelos formadores.

O conteúdo das lições está organizado de forma padronizada, o que facilita o estudo e a posterior consulta dos alunos. Cada lição possui quatro partes, sendo estas constituídas por caracteres, expressões, *pinyin* e exercícios (Ver figura 2 ou Anexo 4).

Como se pode ver neste exemplo, na primeira parte encontram-se os novos caracteres com o respetivo *pinyin* – transcrição fonética larga do mandarim com letras romanas - e significado. O esquema “**carácter + *pinyin* + significado**” é utilizado porque proporciona ao aluno uma melhor visualização da leitura da palavra, expressão ou frase.

Exemplo: 两个字 liǎng gè zì dois caracteres

Como os caracteres são essencialmente pictogramas e ideogramas e não fornecem informações sobre a pronúncia, o *pinyin* ajuda a ler.

Figura 2: Exemplo das Lições Utilizadas no Projeto

第五课 Dì wǔ kè Lição 5

两 liǎng dois (antes do termo de unidade, para referir quantidades)

字 zì carácter chinês

书 shū livro

本 běn (termo de unidade para livros) 

两个字 liǎngge zì dois caracteres

两个人 liǎngge rén duas pessoas

两个东西 liǎngge dōngxi duas coisas

两本书 liǎngběn shū dois livros

劳驾! Láojià!
Por favor! / Faz favor! / Com licença!



拼音 Pīnyīn

j + ü = ju: jū jú jǔ jù

q + ü = qu: qū qú qǔ qù

x + ü = xu: xū xú xǔ xù

练习/Liànxí/Exercícios

1. 学写字/Xué xiězì/Aprender a escrever

两:

一	丨	冂	冂	冂	冂	冂	冂
二	丨	冂	冂	冂	冂	冂	冂

字:

一	丨	冂	冂	冂	冂	冂	冂
二	丨	冂	冂	冂	冂	冂	冂

书:

一	丨	冂	冂	冂	冂	冂	冂
二	丨	冂	冂	冂	冂	冂	冂

本:

一	丨	冂	冂	冂	冂	冂	冂
二	丨	冂	冂	冂	冂	冂	冂

2. Responder em chinês:
Quantas pessoas são?  Quantos livros são? 

3. Fazer linhas ligando as três partes:

两	个	书	dois caracteres
两	本	东西	um livro
一	个	字	duas coisas

© Autores: Wang Suoying e Lu Yanbin • Ilustrações: Artur J. Correia

Na segunda parte, dependendo do nível de ensino, são apresentados palavras, expressões, frases, diálogos ou um pequeno texto, com o objetivo de exemplificar o uso dos novos caracteres e exercitar a leitura. Em algumas lições, são apresentadas expressões (de cortesia, de agradecimento, entre outros) ou perguntas (nome, idade, entre outros) cuja aprendizagem oral é mais valorizada, ficando a aprendizagem da escrita dos caracteres para uma altura posterior. Estas expressões são ensinadas nesta fase pelo seu valor comunicativo, sendo expressões de uso quotidiano como por exemplo:

你好! nǐ hǎo! Olá! (Cumprimento dirigido a uma pessoa).

劳驾! láojià! Por favor! / Faz favor! / Com licença!

A terceira parte tem um quadro do *pinyin* (拼音), onde são treinados os sons do mandarim, especialmente os quatro tons que não existem em Português, com o auxílio do formador chinês.

A última parte geralmente contém dois ou três exercícios relacionados com o conteúdo da lição. O primeiro exercício destina-se ao treino da caligrafia, mostrando os traços que compõem o carácter e a ordem para os escrever. Os restantes exercícios servem para consolidar os itens gramaticais.

Estratégias metodológicas

Normalmente, as aulas de novo conteúdo seguem uma estrutura comum para organizar da melhor forma o tempo de aula, os materiais e as atividades. Esta estrutura, porém, pode ser alterada de acordo com as necessidades de cada turma, segundo a observação das equipas de formadores. Abaixo segue a proposta de estrutura de aula:

- ✓ Apresentação dos caracteres e explicação do seu significado através da sua composição gráfica para facilitar a memorização, o ensino do *pinyin* e também o ensino da ordem de escrita dos traços;
- ✓ Leitura em voz alta do texto da lição para o treino da pronúncia dos caracteres;
- ✓ Leitura e aprendizagem das expressões da lição ou palavras novas;
- ✓ Leitura e treino dos sons do *pinyin* com o formador nativo falante chinês para conhecer os diferentes tons do mandarim.

Todas as estratégias utilizadas procuram a participação dos alunos, como por exemplo a leitura do texto de forma individual, a organização de diálogos entre alunos frente à turma para treinar as expressões e cumprimentos, a utilização de jogos onde os alunos escrevem e leem os caracteres, entre outros.

Os exercícios contidos em cada lição são realizados durante o tempo de aula sendo que, assim, os formadores conseguem acompanhar os alunos passo-a-passo e auxiliar aquando das dúvidas e dificuldades. Para as aulas de revisão são utilizadas fichas de exercícios elaboradas pelos próprios formadores que, através da observação em sala de aula, revisam e treinam os temas com maior dificuldade.

Com o objetivo de tornar as aulas mais dinâmicas, cada equipa de formadores ainda tem a liberdade de escolher estratégias metodológicas que consideram mais adequadas,

que prendem a atenção dos alunos por mais tempo com atividades que ensinem e entretendam em simultâneo, como por exemplo a apresentação de diapositivos, vídeo, jogos, imagens, *flashcards*, música, entre outros. A utilização destas atividades, para além do manual principal, é importante porque retém por mais tempo a atenção dos alunos que, sendo crianças, são mais sensíveis a imagens, jogos e sons.

Abaixo segue um exemplo de *flashcards*, uma forma muito dinâmica de apresentar conteúdo novo, praticar e treinar vocabulário. Este é um recurso que pode ser utilizado no ensino de diversos temas e que também exercita a memória. Neste exemplo simples, a atividade proposta é distribuir os cartões pelos alunos de forma aleatória e, depois, pedir que cada aluno leia um cartão e diga o seu significado.

Figura 3: Exemplo de flashcards



Outro recurso utilizado é a apresentação de diapositivos. A possibilidade de mostrar imagens e sons, com diferentes efeitos tem o mesmo objetivo de atrair a atenção e suscitar a curiosidade e interesse dos alunos. Estes recursos são especialmente utilizados nas aulas que não possuem apoio do manual, como as aulas de revisão e de conteúdo cultural.

Temas Culturais

Como foi mencionado anteriormente, durante determinadas aulas são apresentados temas de cultura chinesa. O objetivo é dar a conhecer os principais aspetos culturais (como exemplos podemos citar a vida quotidiana, o pensar chinês, valores da sociedade, festas e comemorações, entre outros) e possibilitar um debate, ainda que informal, sobre as

semelhanças e diferenças entre as culturas portuguesa e chinesa. Os temas são escolhidos pelos formadores segundo a idade dos alunos e a relevância de conteúdo.

O ensino de temas de cultura é essencial devido ao facto de a cultura chinesa ser desconhecida da maior parte dos alunos, de ser muito diferente e “distante” de Portugal. Uma vez que o ensino da língua e cultura não devem ser desassociados, o projeto também proporciona um ensino cultural onde os alunos possam conhecer e entender o pensamento, os valores e crenças da China.

Avaliação

No que se refere à avaliação, esta é realizada através de seis critérios com diferentes valores de ponderação, de acordo com a sua importância. (Ver anexo 5).

Tabela 7. Critérios de Avaliação

Domínios	Ponderação	Processo/ Instrumento de avaliação
Compreensão Oral	20%	Compreensão de enunciados orais e participação oral registadas pelas docentes ao longo do semestre; Perguntas dirigidas individualmente aos alunos nas últimas aulas.
Expressão Oral	20%	
Leitura	10%	
Escrita	10%	Um exame escrito.
Conhecimento Explícito da língua/Gramática	20%	Trabalhos de casa e exercícios nas aulas.
Atitudes	20%	Observação direta pelo docente registada uma vez por mês; Autoavaliação pelo ano no final do semestre; Marcação de faltas.

A “Compreensão Oral” visa observar a capacidade do aluno em compreender palavras, frases, perguntas, cumprimentos, entre outros. A “Expressão Oral” aprecia a capacidade do aluno em expressar-se corretamente (mesmo com um vocabulário limitado). O critério “Leitura” avalia a capacidade do aluno em ler e identificar os caracteres, compreender frases e textos. Quanto ao critério “Escrita”, nele é observada a capacidade do aluno em produzir uma caligrafia legível e correta dos caracteres. O “Conhecimento Explícito da língua/Gramática” considera a habilidade do aluno em aplicar as regras

linguísticas. O critério “Atitudes” avalia a postura do aluno, o empenho na aprendizagem, o cumprimento de regras e compromissos.

Para os alunos nesta faixa etária dá-se mais atenção à parte oral do que à escrita, por vários motivos:

- ✓ Desinibir os alunos que, neste primeiro contacto com a língua, podem sentir-se envergonhados em reproduzir sons tão diferentes como os do mandarim.
- ✓ À medida que os alunos conseguem “entender e serem entendidos”, em pequenos diálogos, sentem-se motivados a utilizar mais vezes o mandarim e a aprender mais vocabulário;
- ✓ A grafia dos caracteres é muito trabalhosa para os alunos desta faixa etária pelo que se investe mais na conversação e na leitura.

O resultado da avaliação tem como objetivo informar o aluno, o professor, os formadores, os encarregados de educação e as entidades envolvidas sobre o progresso individual de cada aluno nos diferentes domínios da aprendizagem¹⁴. A nota é qualitativa e inclui uma avaliação descritiva individual, que possui informações sobre se o aluno adquiriu as aprendizagens definidas ao nível de conceitos e procedimentos, se mostrava interesse e empenho na vida escolar e se apresentou bom comportamento.

Em ambos os anos letivos, o projeto incluiu a frequência de alunos com necessidades especiais, que participaram nas atividades normalmente. Estes alunos, contudo, não foram enquadrados nos termos de avaliação acima citados, estando sujeitos a um programa individual, desenvolvido pelas escolas e de acordo com as suas respetivas realidades.

¹⁴ O cálculo da nota final é realizado através da soma dos seis momentos de avaliação, sendo o resultado quantitativo (0% - 100%) convertido num resultado qualitativo para serem apresentados na ficha do aluno, no final do ano letivo. Por sua vez, o resultado segundo os critérios da Universidade de Aveiro é novamente convertido para os critérios de cada agrupamento escolar.

3.2 IMPORTÂNCIA DO PROJETO E APRECIACÕES

Importância

O projeto é considerado uma grande inovação a nível regional pois, pela primeira vez, o mandarim se tornou numa disciplina de oferta do ensino básico público. O investimento da Câmara de SJM, município com tradição industrial e virado para a exportação, procura soluções a médio e longo prazo para problemas que já se fazem sentir nestes dias, como a falta de profissionais proficientes na língua chinesa, que possam fazer a ligação entre a sua indústria e o mercado chinês. O objetivo é que, daqui a alguns anos, o panorama empresarial mude, passando a contar com a participação de talentos desenvolvidos na própria região. A importância da aprendizagem do mandarim está claramente ligada ao atual peso comercial da China, sendo o interesse na língua e cultura chinesas uma tendência recente em todo o mundo. Segundo Ricardo Figueiredo, presidente da C.M. de S. João da Madeira, o investimento de “60 euros por aluno ao ano é um custo baixo para os benefícios. Seremos uma cidade que entende a cultura e a língua chinesas, o que nos trará vantagens” (Marques, 2013). A língua chinesa é vista como uma mais-valia porque possibilita a negociação direta com os chineses sem recorrer a intermediários ou intérpretes e diminui o risco de mal-entendidos.

Além da língua, a questão cultural também não deve ser subestimada, pois “a China tem uma tradição secular na arte da negociação e os chineses utilizam deliberadamente as suas capacidades nessa arte para atingirem com eficácia os resultados desejados” (Trigo, 2006). Negociar na China não é fácil, uma vez que, “os chineses têm a seu favor uma cultura que cultiva qualidades essenciais à negociação: paciência, persistência, domínio do silêncio e sentido de humor” (Trigo, 2006: 109), ou seja, para negociar com a China tem de se conhecer alguns aspetos essenciais da cultura.

Neste momento, o projeto, a nível nacional, assume uma posição única devido à sua natureza pioneira, podendo vir a ser utilizado como modelo de ensino e objeto de estudo uma vez que, no ensino básico público, nunca antes existiu uma iniciativa semelhante. Desde 2013, surgiram iniciativas semelhantes por todo país, em escolas públicas e privadas¹⁵.

15 Por exemplo: em algumas escolas da freguesia de Bustos, Aveiro; em escolas da UA existe a possibilidade de introduzir a disciplina em escolas secundárias, entre outros.

A iniciativa é uma aposta numa qualificação diferenciada dos cidadãos desde o ensino básico. Esta estratégia vai ao encontro da realidade de que o capital humano já é considerado determinante na competitividade entre os países. Segundo a teoria do capital humano, “a educação torna as pessoas mais produtivas, aumenta os seus salários e influencia o progresso económico” (Viana & Lima, 2010). Além disso, existe também a atual necessidade de conhecer pelo menos uma língua Estrangeira num mundo globalizado¹⁶.

O fenómeno da Globalização já está em andamento há diversos anos e, recentemente, com mais força, molda a vida social e cultural em diversos países do mundo em razão de injunções políticas e económicas. Para os alunos, aprender uma nova língua é uma vantagem para a futura vida profissional e proporciona, além de novas competências linguísticas, uma maior compreensão das diferenças culturais do mundo através da educação cultural.

Apreciações

O projeto-piloto de ensino de mandarim, em 2012/2013, atingiu um balanço geral positivo. O Ministério da Educação atribuiu um parecer favorável sobre o desenvolvimento do projeto, após enviar uma equipa para a monitorização e avaliação em maio de 2013. O elevado empenho e a motivação dos intervenientes no processo de ensino-aprendizagem do mandarim, como professores, alunos e monitores, foi identificado como “ponto forte e mais-valia” no relatório de monitorização do Ministério da Educação (MEC, 2013: 6). Também foi observado “a facilidade com que os alunos, em tão curto espaço de tempo, já dominam os conteúdos básicos como as saudações e os números, ao nível da compreensão oral e da descodificação dos caracteres lecionados” (MEC, 2013: 6). Em relação ao segundo ano letivo, o resultado também foi positivo, sendo que a segunda edição já pode contar com as sugestões de melhoria do Ministério de Educação, dos docentes e formadores. Segundo o relatório do Ministério da Educação de outubro de 2014,

16 (Definição) “Intercâmbio económico e cultural entre diversos países, devido à informatização, ao desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte, à ação neocolonialista de empresas transnacionais e à pressão política no sentido da abdicação de medidas protecionistas”. (“Globalização”, 2015).

“os objetivos do Projeto foram, na generalidade, cumpridos” e “as atividades desenvolvidas envolveram e captaram o interesse dos alunos” (MEC, 2014). (Ver anexo 6).

O projeto também foi elogiado e aprovado pelo embaixador chinês, Huang Songfu, aquando da sua visita em 2013. Na altura, o representante assistiu a uma aula e mostrou-se muito impressionado com o desembaraço dos alunos com a língua chinesa, “a lidarem com uma das línguas mais difíceis do mundo” (SJM, 2013). Ao longo dos dois anos letivos, a iniciativa recebeu diversas visitas de delegações nacionais e internacionais, além de receber muita atenção por parte dos *media*¹⁷. Por exemplo, a iniciativa também se fez repercutir em jornais internacionais, como no francês “Le Parisien” onde o projeto é, mais uma vez, justificado pelo carácter industrial do município de S. João da Madeira com o objetivo de comercializar grandes quantidades dos seus produtos para o mercado chinês (Le Parisien, 2014).

Em relação às expectativas futuras, espera-se que o projeto cresça gradualmente, de ano para ano, para que os alunos que iniciaram o estudo do mandarim em 2013 possam continuar a aprender a língua até ao 12º ano.

17 Seguem alguns *links* de notícias:

a <https://www.youtube.com/watch?v=tOFqOoSXPZQ>

b <http://portocanal.sapo.pt/noticia/10446/>

c <http://videos.sapo.pt/jCQsajidzMLhRNNaYeYMK>

O capítulo III é dedicado à análise do projeto e está dividido em três partes. A primeira inclui uma breve apresentação sobre os aspetos linguísticos mais importantes sobre a língua chinesa e algumas teorias do ensino de língua. A segunda parte centra-se no estudo empírico, e por último, são feitas sugestões para a melhoria do projeto e ensino.

4.1 A LÍNGUA CHINESA

A população chinesa é composta por 56 etnias diferentes, sendo os “Han” o maior grupo étnico, que corresponde a cerca de 92% de toda a população chinesa e, por isso, a língua chinesa também é conhecida como “língua dos Han”. As zonas onde habitam os Han têm sete principais variantes linguísticas, cuja maior é a variante do Norte. Estas sete variantes linguísticas ainda podem ser subdividas em centenas de dialetos. Além disso, as restantes 55 etnias também possuem as suas línguas orais e algumas um outro sistema de escrita (Mai, 2012: 18). Para exemplificar, um provérbio chinês diz “a fonética varia em cada cinco quilómetros (十里不同音)” (Wang, 2008a: 2). Neste contexto linguístico, para possibilitar a comunicação entre pessoas de diferentes regiões, é necessária uma língua comum que atualmente é conhecida como mandarim.

A língua chinesa a que nos referimos neste trabalho é o mandarim. Em Chinês, mandarim diz-se “普通话” *pǔtōnghuà*, que significa “língua Comum”, sendo “普通” *pǔtōng*, “comum” e 话 *huà*, “palavras proferidas”. mandarim é a língua oficial da República Popular da China (incluindo Hong Kong, Macau e Taiwan). Também é uma das línguas oficiais de Singapura e uma das seis línguas de trabalho das Nações Unidas (Mai, 2012: 17, 91). Os critérios para a pronúncia padrão e a escrita do mandarim foram definidos em 1956: a pronúncia baseia-se na fala de Pequim; faz uso de caracteres simplificados e o vocabulário provém da Variante do Norte e usam-se caracteres simplificados (Li & Wang, 2007, citado por Mai, 2012; 27).

Fonética

A língua chinesa é uma língua tonal, ou seja, utiliza o tom como traço distintivo de unidades lexicais. Numa língua tonal monossilábica, o significado e/ou a categoria

gramatical de uma palavra estão dependentes do nível de tom em que esta é produzida (Crystal, 1980), funcionando linguisticamente da seguinte forma: quando uma sílaba é lida em tons diferentes, adquire significados distintos (Mai, 2012: 30).

Para poderem ler corretamente os caracteres, que são essencialmente pictogramas e ideogramas, foi criado nos anos 50 do século XX o sistema de romanização *Hanyu Pinyin*¹⁸, abreviada por *pinyin*, que tem como função indicar a pronúncia dos caracteres¹⁹. É uma transcrição fonética larga do mandarim (Mai, 2012: 30). Literalmente, “*pinyin*” significa “juntar os sons” e “*hanyu*”, a língua chinesa. O sistema utiliza letras latinas para transcrever os sons do mandarim.

No *pinyin*, os 4 tons do mandarim são indicados por diacríticos diferentes.²⁰ O sinal de tom é sempre indicado por cima de uma vogal. Segue a descrição abaixo:

Tabela 8. Descrição dos 4 tons do mandarim

Tom	Sinal	Exemplo	Descrição do Tom
1º	-	ā	Tom alto e nivelado
2º	ˊ	á	O tom começa mediano e sobe até ao topo
3º	ˇ	ǎ	O tom desce e volta a subir
4º	ˋ	à	O tom começa no topo, desce rápido e forte até em baixo.

Todos os caracteres são monossilábicos. A mesma sílaba, quando se lê em tons diferentes, pode ter formas gráficas e significados diferentes. Por exemplo:

18 «汉语拼音» *hànyǔ pīnyīn*.

19 Por forma a minimizar e auxiliar a memorização, tanto chineses como estrangeiros tentaram criar sistemas para indicar a pronúncia dos caracteres. No Ocidente, o sistema de romanização do mandarim mais generalizado foi o Wade-Giles, utilizado até meados do século XX. Ainda é possível encontrar muitos nomes traduzidos através deste sistema como Mao Tse-Tung (*Mao Zedong*) e Teng Hsiao-p'ing (*Deng Xiaoping*). Todavia, todos os sistemas criados até então mostraram-se impróprios e com falhas, o que dava razão para a criação de um sistema novo, o *pinyin* (Wang, 2008a: 3). Em 1958, o sistema foi aprovado pelo governo chinês e, desde então, tem sido utilizado como o método de romanização oficial. Em 1979, as Nações Unidas reconheceram o sistema e utilizam-no, desde então, para traduzir antropónimos e topónimos chineses. Por sua vez, o *pinyin* também foi reconhecido pela International Organization for Standardization em 1982 (ISO 7098:1991)

20 No mandarim, ainda existe um som átono que é dito em voz mais baixa. Graficamente não possui nenhum sinal específico.

Tabela 9. Exemplo de uma sílaba lida em tons diferentes

Tom	Pinyin	Carácter	Significado
1º	tī	踢	Dar pontapé em
2º	tí	提	Levar (pendurado na mão), levantar
3º	tǐ	体	Corpo, forma
4º	tì	替	Substituir, tomar o lugar de

É de mencionar que o *pinyin* também é ensinado em escolas chinesas para ajudar as crianças a acertarem a pronúncia do mandarim, já que muitos no dia-a-dia falam a língua da sua terra, que pode variar muito daquele.

Caracteres

Quanto à escrita, a língua chinesa é “essencialmente pictográfica e ideográfica²¹, composta por grafemas que não indicam a leitura” (Verdelho & Silvestre, 2011: 231). Este sistema consiste em símbolos chamados “caracteres”. A escrita chinesa está entre as mais antigas do mundo, tendo mais de três mil anos de história (Mai, 2012: 30).

Em relação à quantidade, no *Great Compendium of Chinese Characters* (1986/1989)²², são encontrados mais de 54.000 caracteres. Contudo, apenas cerca de 3000-3500 caracteres são os mais utilizados na vida quotidiana porque funcionam como morfemas para formar palavras (Mai, 2012: 39).

Graficamente, os caracteres são compostos por traços, “um traço representa um movimento ininterrupto na escrita, sendo seis os mais básicos e 31 no total” (Mai, 2012: 306). Todos estes traços possuem um nome próprio e algumas formas variantes (Wang, 2008: 186). Um conjunto de traços chama-se componente. Alguns caracteres têm apenas um componente, mas a esmagadora maioria são compostos por vários componentes.

21 No meio académico chinês, a escrita chinesa é considerada essencialmente pictográfica e ideográfica. Alguns linguistas, contudo, discordam, como John DeFrancis (1991-2009), que classifica a língua chinesa como “um script de morfo-silábico ineficiente, enraizado no sistema linguístico chinês”. Ver *Sino-Platonic Papers, Essays on Writing and Language in Honor of John DeFrancis*, 1991:p. 231.

22 «汉语大字典» *Great Compendium of Chinese Characters* (1986/1989).

No mandarim, usam-se caracteres simplificados (简体字 *jiǎntǐzì*)²³. Em comparação com os tradicionais (繁体字 *fántǐzì*), os caracteres simplificados têm menos traços para facilitar a memorização/aprendizagem, o reconhecimento e a escrita. O processo de simplificação foi resultado de uma luta contra o alto índice de analfabetismo na China dos anos de 1950. Abaixo seguem alguns exemplos:

Tabela 10. Exemplo das formas de caracteres tradicionais e simplificados.

Caracteres Tradicionais	Caracteres Simplificados	<i>pinyin</i>	Significado
龍	龙	lóng	dragão
還	还	hái	ainda
體	体	tǐ	corpo

Palavras

Os caracteres são morfemas presos ou livres que formam palavras. As palavras podem ser formadas por um carácter morfema livre (Palavra Simples: 单纯词 *dān1chun2ci1*) ou por dois ou mais caracteres morfemas livres ou presos (Palavra Composta: 合成词 *he2cheng2ci2*).

Tabela 11. Morfemas e palavras

Exemplo	Pinyin	Significado	Classificação
名	<i>míng</i>	nome (morfema preso)	-
字	<i>zì</i>	carácter chinês (morfema livre)	Palavra Simples
名字	<i>míngzì</i>	nome	Palavra Composta

No chinês, o vocabulário é formado principalmente por palavras compostas, onde se pode encontrar três principais tipos de formação (Mai, 2012; 64):

- Repetição de morfemas – A palavra é formada pela repetição do carácter.
Ex: 爸 *bà* (morfema livre: pai) → 爸爸 *bàba* (pai)

23 Em 1956, foi aprovada e publicada pelo governo chinês a primeira lista do Plano de Simplificação dos Caracteres Chineses «汉字简化方案», que passou por uma fase de ajustes e que, desde então, é utilizada. Atualmente, a China Continental e Singapura utilizam os caracteres simplificados. Já em Macau, Taiwan e Hong Kong, adotam o sistema de escrita com caracteres tradicionais.

- Compostas por afixos – São acrescentados prefixos ou sufixos.
- Ex: 第 *dì* (prefixo usado para formar números ordinais) + 三 *sān* (três) → 第三 *dīsān* (terceiro)
- Compostas por associação de morfemas lexicais, tanto livres como presos. Este tipo de formação de palavras permite a criação de novas palavras sem criar novos caracteres.
- Ex: 手机 *shǒujī* (telemóvel) → 手 *shǒu* (mão) + 机 *jī* (máquina)
- 电脑 *diànnǎo* (computador) → 电 *diàn* (eletricidade) + 脑 *nǎo* (cérebro)

Palavras formadas nesta última forma são mais comuns em Chinês. A associação de morfemas lexicais permite, sobretudo, criar palavras novas sem inventar novos caracteres.

Funcionamento da língua

A língua chinesa é diferente do Português em vários aspetos. As características que se destacam na fase inicial de aprendizagem, como é o caso do nosso público, são:

- ✓ Substantivos e adjetivos não flexionados nem em género, nem em número, nem em grau;
- ✓ Classes de palavras que não têm correspondência em Português, como por exemplo palavras de medida, partículas estruturais, entre outras.;
- ✓ Elementos frásicos com a ordem fixa;
- ✓ Ausência da flexão do verbo.

1. Substantivos e adjetivos não flexionados

Em Chinês, a ideia de plural pode ser deduzida através de outras palavras, por exemplo, 一些 (*alguns*), 都 (*todos /ambos*), etc.

Por exemplo²⁴:

CH: 一些书

PY: yīxiē shū

TL: alguns livro

PT: alguns livros

2. Classes de palavras sem correspondência em Português: Palavras de medida e Partícula estrutural “的” .

2.1. Palavras de medida

Palavras de Medida²⁵ são um elo indispensável para a ligação de um numeral e um substantivo para indicar uma quantidade, sendo **Numeral + Palavra de Medida + Substantivo**. Dando exemplos em Português como “*um pé de alface*” e “*duas pedras de gelo*”, a função da palavra de medida corresponde a “*pé*” e “*pedras*”, só que em Chinês é de uso obrigatório.

Existem dezenas de palavras de medida e a escolha depende do substantivo em questão. Por exemplo, para indicar papéis encadernados como livros e cadernos é usado o termo “本 *běn*” (Mai,2012: 193) E “个 *gè*” é a palavra de medida mais utilizada para pessoas e muitos objetos.

Exemplos:

a) CH: 五本书

PY: wǔ běn shū

TL: cinco + Palavras de Medida para livro (*běn*) + livro

PT: cinco livros

24 Nos exemplos desta parte do trabalho: CH: chinês, PY: *pinyin*, TL: tradução literal, PT: português.

25 Ou “Termos de Unidade” utilizado no manual principal do projeto.

b) CH: 三个东西

PY: sān gè dōngxī

TL: três +Palavras de Medida (gè) + coisa

PT: três coisas

c) CH: 三个人

PY: sān gè rén

TL: três + Palavras de Medida (gè)+ pessoa

PT: três pessoas

(Nota: através de quantidade também dá para entender a ideia de plural sem o substantivo flexionado.)

2.2. Partícula estrutural 的

A partícula estrutural 的 é usada para indicar a relação de posse, colocada depois do possuidor.

Exemplo:

CH: 我的爸爸

PY: wǒ de bàba

TL: eu partícula pai

PT: meu pai

3. Sintaxe: ordem frásica fixa e verbos não flexionados

Em Chinês, a ordem frásica básica é: **sujeito + predicado + objeto.**

Exemplo a:

CH: 我喜欢我的爸爸。

PY: Wǒ xǐhuān wǒde bàba.

TL: Eu gostar de meu pai.

PT: Eu gosto do meu pai.

Exemplo b:

CH: 我的爸爸喜欢我。

PY: Wǒde bàba xǐhuān wǒ.

TL: Meu pai gostar de eu.

PT: Meu pai gosta de mim.

Neste exemplo, ainda se pode ver que as formas de pronomes pessoais são sempre iguais (我 wǒ eu, 我的 wǒ de meu), mas exercem a função gramatical de acordo com a sua colocação na frase.

Exemplo a: Exemplo b:

我喜欢你 你喜欢我

Neste exemplo, pode ver-se que as formas de pronomes pessoais 我 (eu/mim) e 你 (tu/ti) são sempre iguais, mas exercem a função gramatical de acordo com a sua colocação na frase e o verbo 喜欢 (gostar de), como não tem conjugação, faz com que o sujeito seja sempre obrigatório na frase.

4.2 ANÁLISE DOS ERROS TÍPICOS DOS ALUNOS DO 3º ANO E DO 4.º ANO DO EB E SUGESTÕES METODOLÓGICAS

4.2.1 Enquadramento Teórico

É considerada língua Materna (LM) a língua aprendida por uma pessoa na sua infância e esta língua pode não corresponder necessariamente à língua oficial do país ou região em que se vive. Algumas pessoas adquirem uma Segunda língua (L2) na infância, em simultâneo com a LM, no caso do bilinguismo. Por sua vez, é considerada língua Estrangeira (LE) o idioma que é aprendido sob condições formais, geralmente em contexto escolar. A diferença ente L2 e língua Estrangeira reside no tempo de exposição às duas línguas. A criança bilingue é exposta às duas línguas (LM e L2) desde muito cedo e ao longo de grande parte do seu período de aquisição e desenvolvimento linguístico, enquanto a língua estrangeira aprendida em ambiente escolar não terá representado tantos estímulos para o seu uso em situações quotidianas (Silva, 2005). O mandarim neste contexto é definido como língua Estrangeira.

A importância da Análise Contrastiva e da Análise do Erro para o Ensino da LE

Segundo a Hipótese da Análise Contrastiva (AC) de Robert Lado (1957), é possível identificar áreas de dificuldade na aprendizagem de determinada LE a partir da

comparação com a LM dos aprendentes. Segundo o mesmo autor, os principais obstáculos na aprendizagem da LE provêm da interferência da LM e, assim, é necessária uma análise entre os aspetos linguísticos entre as duas línguas – Análise Contrastiva – para poder ajudar a prever as dificuldades. Com base nesta análise, os materiais de ensino devem ser adaptados às necessidades dos alunos, tendo em conta a respetiva LM.

Pit Corder desenvolveu a teoria da Análise de Erro (AE), em 1967. Segundo a sua conceção, os erros não só são inevitáveis como muito importantes, sendo uma característica necessária durante o processo de aprendizagem da LE e sem os quais não haverá melhorias. A teoria baseia-se na análise sistemática de um *corpus* de escrita produzido pelo grupo de aprendentes da LE em questão.

Durante o ensino de uma língua estrangeira, os erros fazem parte do processo de aprendizagem percorrido pelos alunos e, por conseguinte, também ajudam o professor a identificar as principais dificuldades, perceber melhor as dúvidas e, assim, aprimorar o método de ensino, já que, como defende Perdue (1982), a aprendizagem da L2 pode ser dificultada ou até inviabilizada se o aprendente não receber um retorno (feedback) do professor, em forma de correção, repetição ou reparo. Assim, os erros são identificados, analisados pelos formadores e depois trabalhados de forma que os alunos possam ultrapassar os mesmos.

Para a análise dos erros mais típicos, foram seleccionados cinco exemplos dos trabalhos escritos dos alunos das turmas de 3^o e do 4^o anos. Os exemplos são provenientes de exercícios de aula, fichas de avaliação e do teste escrito realizado no fim do primeiro período letivo 2012/2013. O perfil de idade do público em questão é de crianças entre os 8-11 anos de idade, na sua maioria, tendo a língua portuguesa como língua Materna, apresentando apenas poucos casos de filhos de imigrantes com uma Segunda língua. Nenhum dos alunos participantes tinha conhecimento prévio da língua chinesa.

A seguir, são analisados alguns erros mais típicos neste primeiro ano letivo do projeto 2012/2013.

4.2.2 Fonética: problemas, análise e sugestões

Nesta parte, serão apresentados e analisados alguns exemplos de erros relacionados com a fonética.

1. Substituição de caracteres pelo *pinyin*

Como já foi mencionado, no mandarim, aprendem-se caracteres simplificados com sistema de transcrição fonética, o *pinyin*. Este padroniza e facilita a aprendizagem da leitura dos caracteres.

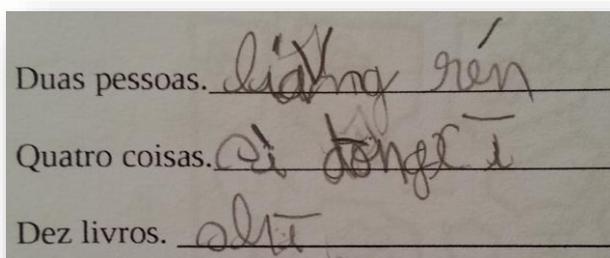
Abaixo segue uma tabela onde se pode ver os caracteres com os seus respetivos significados e *pinyin*.

Tabela 12. *Pinyin* - exemplos

Carácter → <i>pinyin</i> → significado	Carácter → <i>pinyin</i> → significado
两 → <i>liǎng</i> → dois (para quantidades)	人 → <i>rén</i> → pessoa(s)
四 → <i>sì</i> → quatro	东西 → <i>dōngxī</i> → coisa(s)
十 → <i>shí</i> → dez	书 → <i>shū</i> → livro(s)
个 → <i>gè</i> → palavra de medida mais usada	本 → <i>běn</i> → palavra de medida para livros

Erro do aluno e Análise

Figura 4. Exemplo de exercício. (Enunciado: Traduz as frases para mandarim)



Transcrição do exemplo:

Duas pessoas: liǎng rén

Quatro coisas: sì dōngxī

Dez livros: shí

Correção:

Duas pessoas: 两个人 (liǎng gèrén).

Quatro coisas: 四个东西 (sì gè dōngxī).

Dez livros: 十本书 (shí běn shū).

Análise e Sugestões

Neste exemplo tirado do teste final do 3º ano (2012/2013), o aluno faz a tradução do português para o chinês utilizando apenas o *pinyin*, relacionando-o apenas com a parte escrita da língua chinesa. Não usou os caracteres ensinados ao longo do período letivo.

Esta troca dos caracteres pelo *pinyin* pode ocorrer pela falta de atenção ao enunciado ou por um eventual esquecimento da escrita dos caracteres chineses substituindo-os pelo *pinyin*. Há que se ressaltar que o *pinyin*, de modo algum, substitui a escrita do carácter.

Tendo em consideração que o grupo de aprendentes é muito jovem e existe uma grande inexperiência com um sistema de escrita como o da língua chinesa o sistema *pinyin*, por vezes, pode gerar alguma confusão durante a fase de iniciação à língua chinesa. Uma vez que são ensinadas duas “formas” de escrita, sendo o carácter chinês e seu respetivo *pinyin*, que funciona como uma ferramenta da língua, pode ser confundido e assumido como um equivalente ao carácter chinês.

Sugestões

É sugerido que os formadores tenham especial atenção a esta questão desde as primeiras aulas e treinem a diferenciação entre carácter e *pinyin*, onde o carácter é a forma escrita da língua chinesa e o *pinyin* é uma ferramenta que facilita a memorização e pronúncia do som dos caracteres. Os formadores podem fazer exercícios pedindo apenas a escrita dos caracteres, apenas do *pinyin* ou de ambos.

2. Confusão entre consoantes do *Pinyin* e do Português

O sistema *pinyin* utilizado na língua chinesa é a transcrição fonética dos sons do *mandarim* para as letras romanas. A transcrição, contudo, é considerada larga, ou seja, não é exata, havendo alguns desvios entre a pronúncia real do mandarim e o *pinyin*.

Erros do aluno e Análise

Segundo as normas da transcrição fonética do *pinyin*, a letra “b” é lida com som de “[p]²⁶”. Assim, o carácter que corresponde ao número oito é lido “[pā]”.

CH: 八

PY: bā [pā]

PT: oito

Por sua vez, o *pinyin* com a letra “p” é lido de forma aspirada “[p^h]”, como acontece com a palavra amigo(a).

CH: 朋友

PY: péngyǒu [p^héng] yǒu

PT: amigo(a)

Sendo o *pinyin* uma adaptação entre a fonética chinesa e as letras latinas, algumas adaptações têm a pronúncia igual ou quase igual à pronúncia das sílabas em português, como por exemplo “ma” e “li”. Outras são muito diferentes da fonética portuguesa, como “q” e “ge”. Um problema muito comum é ler erradamente o *pinyin*, influenciado pela fonética portuguesa.

Sugestões

Tal como a leitura dos caracteres, a leitura do sistema *pinyin* precisa ser aprendida conforme as suas particularidades. Esta aprendizagem requer o treino do “ouvido” e da

26 Símbolo fonético que tem por base o Alfabeto Fonético Internacional (AFI).

fala, o que pode ser conseguido através de exercícios de conversação e o treino da leitura das sílabas do mandarim. É sugerido um treino ativo durante as aulas com os formadores nativos falantes de mandarim que podem fazer exercícios individuais e coletivos.

4.2.3 Caracteres: problemas, análise e sugestões

Os caracteres são essencialmente pictogramas e ideogramas formados por traços que em conjunto representam uma determinada ideia. A natureza da escrita chinesa é muito diferente do sistema de escrita fonográfico da língua portuguesa. Segundo Wang (2008^a: 186), “Um traço representa um movimento ininterrupto na escrita. Escrevem-se de cima para baixo e da esquerda para a direita”.

Na escrita ensinada no projeto, chamada *kaishu*²⁷ (escrita regular que também é ensinada no ensino básico na China), existem 31 traços²⁸ que formam todos os caracteres chineses. Segundo Mai, “no Chinês, cada grafema, ou carácter, apresenta-se como um “desenho” abstrato, muitas vezes simétrico entre os componentes e delimitado num espaço quadrado” (Mai, 2012; 38).

Erros do aluno e Análise

1. Caracteres com traços incompletos.

Figura 5. Exemplo carácter do carácter *jiǔ* 1



27 O estilo de escrita *kaishu* 楷书, estilo-padrão, foi criada nos finais da dinastia Han (206 a. C – 220 d. C) e é utilizado ainda hoje na China. Caracteriza-se por ser um estilo de alta legibilidade e de regras rígidas (China Radio Internacional, 2010).

28 Ao todo são 31 traços mais as suas variantes.

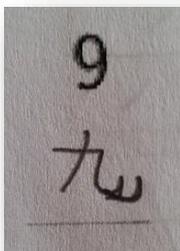
Correção:

Traço	Nome		Traço	Nome	Exemplo
丿	撇 <i>piě</i> , traço (inclinado) para esquerda	+	㇇	横折弯钩 <i>héngzhéwāngōu</i> , traço horizontal-ângulo-curva-gancho	九

Diferentemente das letras latinas, os caracteres não podem ser “personalizados” de acordo com o gosto ou estilo de quem escreve. Os traços devem ser escritos segundo as normas predefinidas. Este exemplo é um exercício de caligrafia do carácter que corresponde ao número 9 (九) *jiǔ*, que é formado por dois traços. Pode ver-se, nas quatro séries, o primeiro traço elaborado corretamente. Já o segundo traço está incompleto. Este erro pode ocorrer pela falta de atenção durante a escrita do carácter, pressa ou desconhecimento da correta grafia do carácter.

2. Caracteres com traços de proporção inadequada.

Figura 6. Exemplo carácter *jiǔ* 2



Correção:

Figura 7. Correção do carácter *jiǔ*



Os caracteres chineses seguem um padrão que deve ser sempre respeitado. Também é necessário prestar atenção à proporção correta entre os componentes, fatores que fazem do treino da caligrafia um importante elemento na aprendizagem do mandarim. Neste exemplo, pode ver-se uma autocorreção por parte do aluno, que escreve o traço com a extensão mais longa e o gancho final.

Os dois exemplos pertencem ao mesmo aluno que, em momentos diferentes, faz os dois exercícios. No segundo exemplo, a autocorreção foi possível depois de o aluno ser instruído a observar melhor e a comparar o carácter (九) *jiǔ* na lição e o seu exercício. Através de uma observação mais cuidada o aluno foi capaz de “ajustar” o seu carácter ao mais próximo do aprendido.

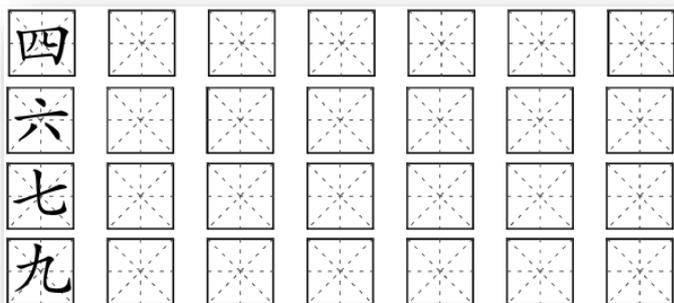
Sugestões

É sugerido treinar a caligrafia dos alunos de forma cuidada. Para isso, durante as aulas, no ensino dos caracteres e depois na execução dos exercícios das lições, os formadores precisam de ter grande atenção à forma como os alunos reproduzem os caracteres.

Podem treinar-se os traços de determinado carácter um a um, no quadro-negro, pedindo a participação de determinados alunos ou de forma individual recorrendo ao uso de quadrados com um espaço delimitado para a caligrafia para treinar os traços e a correta proporção dos caracteres.

Exemplo de exercício com quadrados de caligrafia

Figura 8. Exemplo de exercício de caligrafia



Uma forma lúdica é treinar de forma coletiva através de gestos, onde o braço dos alunos acompanha a escrita do formador no quadro-negro como se estivessem a escrever o carácter também.

Outra recomendação é ensinar os caracteres através da sua composição gráfica e, assim, os alunos podem fazer uma relação direta entre os caracteres e o seu significado. Alguns caracteres possuem uma forma muito intuitiva, como o carácter “人” *rén*, que significa pessoa. Outros caracteres como “好” *hǎo* podem ser apresentados juntamente com ilustrações da sua composição, como por exemplo:

Figura 9: Ilustração do carácter *hǎo*



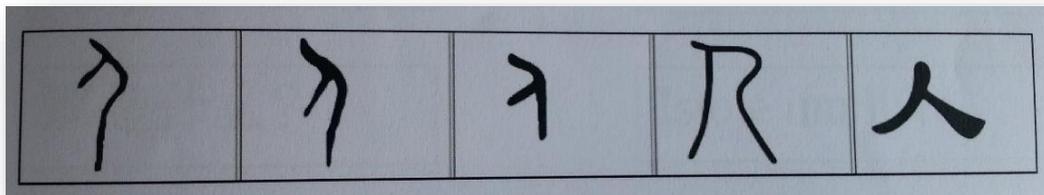
“好” *hǎo* → bom

O carácter “好” *hǎo* é constituído por dois radicais, mulher “女” mais o radical “子” criança/filho. Esta junção, segundo a mentalidade chinesa, forma a palavra “bom”.

O ensino dos caracteres através da explicação da sua composição gráfica mostra-se muito útil no auxílio à memorização, seja do carácter, do significado e dos radicais (Mai, 2012: 311). Sempre que possível, durante os primeiros anos de contacto com o mandarim, pode ser mostrada a evolução dos caracteres (como por exemplo, os caracteres mais simples de corpo único), tendo como objetivo a compreensão, por parte do aluno, da evolução da LC através da sua natureza gráfica. Pode recorrer-se também a vídeos e apresentações de diapositivos.

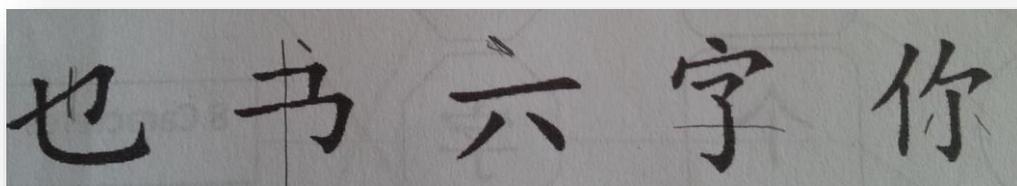
Exemplo:

Figura 10: Evolução do carácter rèn



O apoio dos pais e encarregados de educação é sempre importante para a criança e gera um reflexo positivo na postura do aluno. Contudo, devido à natureza do mandarim, nem sempre os pais podem ajudar as crianças nos seus exercícios de casa ou de aula e, por isso, os trabalhos de casa precisam de ser simples, com enunciados diretos e exercícios de fácil consulta no manual. Abaixo seguem dois exemplos de exercícios de fácil execução e consulta no manual.

Figura 11. Completar



Proposta: Completar os traços em falta nos caracteres. O manual pode servir de consulta em caso de dúvida.

Figura 12. Colorir o exercício



Proposta: Exercício onde o aluno deve relacionar números e cores, de acordo com a legenda e colorir o desenho. Nos níveis mais avançados, as cores podem estar em chinês.

4.2.4 Funcionamento da língua: problemas, análise e sugestões

4.2.4.1 Palavra de Medida ou Termo de Unidade

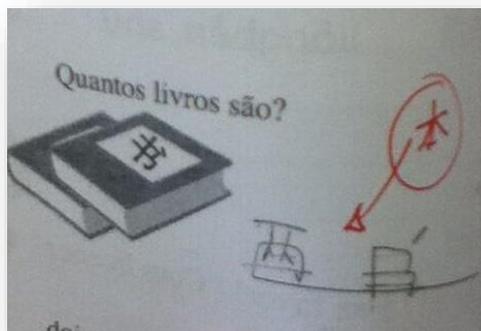
As chamadas “palavras de medida” ou “termos de unidade” servem para indicar quantidades, são de uso obrigatório e variam conforme o substantivo em causa²⁹. A palavra de medida (个) gè é a mais utilizada.

Abaixo seguem alguns exemplos de dificuldades mais comuns entre os aprendentes.

1. Falta da palavra de medida

29 Nos manuais e exercícios utilizados no projeto encontramos “termo de unidade”.

Figura 13. Palavra de medida exemplo 1



Transcrição do exemplo:

CH: 两书

PY: Liǎng shū

TL: Dois + livro

PT: Dois livros

Correção:

CH: 两本书

PY: liǎng běnshū

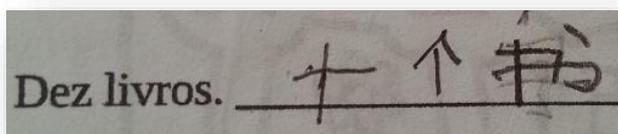
TL: Dois + Palavra de medida + livro

PT: Dois livros

Neste exemplo, falta a palavra de medida relativa a livros (本 *běn*). O aluno esqueceu-se ou desconhece o termo correto para o exercício. A inexistência de uma regra gramatical similar na língua portuguesa pode gerar o esquecimento.

2. Uso da Palavra de Medida errada

Figura 14. Exemplo palavra de medida 2



Transcrição do exemplo:

CH: 十(个)书

PY: shí gè shū

Correção:

CH: 十本书。

PY: shí běn shū

TL: Dez + Palavra de medida + livro

PT: Dez livros

Neste exemplo, a palavra de medida usada é errada. A mais específica 本 *běn*, para papéis encadernados, como livros, dicionários, revistas, entre outros, é substituído pela palavra mais utilizada 个 *gè*. A generalização abusiva do uso de 个 *gè* pode estar na origem deste problema.

Sugestões

De forma a diminuir as dificuldades encontradas pelos aprendentes, os formadores devem focar a atenção nestes aspetos que não encontram forma similar na língua portuguesa. Talvez seja necessário mais do que duas aulas de explicação do conceito e do uso das palavras de medida, sendo necessário reforçar este conceito durante as próximas aulas através de exercícios de revisão. Os formadores podem fazer exercícios de completar ou jogos (Ex: os alunos podem ser encorajados a encontrar o erro de uma frase onde falte ou tenha a palavra de medida inadequada). Da mesma forma, é essencial os formadores acompanharem os alunos durante os exercícios e, sempre que necessário, voltar a explicar o conceito, corrigir e sanar as dúvidas existentes.

A seguir, são apresentados dois exemplos de exercícios utilizados em diferentes momentos de revisão.

Figura 15. Exemplo exercício revisão palavra de medida

2. O que é isto 这是什么? Preencher o espaço conforme os desenhos.



这是_____



这是_____

3. Como dizemos as seguintes frases em chinês?

dois livros _____

oito coisas _____

Como te chamas? _____

Chamo-me Ana _____ Ana.

No primeiro caso, o aprendiz terá que escolher a resposta, tendo em atenção a palavra de medida adequada ao substantivo em causa. O segundo exercício dá a oportunidade à criança de explicar pelas próprias palavras a diferença entre as palavras de medida em questão.

Figura 16. Exemplo de exercício palavra de medida 2

复习/Fùxí/Revisão

1 Assinale a alternativa correcta:

Uma pessoa. ⇒ () 一本人。 () 一个人。

Sete livros. ⇒ () 七本书。 () 七个书。

Nove coisas. ⇒ () 六个东西。 () 九个东西。

2 Explique a diferença entre os termos de unidade:

个 gè ⇒ _____

本 běn ⇒ _____

No segundo exemplo, o primeiro exercício é de completar as frases com a palavra de medida adequada e quantidade. O último exercício é para traduzir, escrevendo com os caracteres chineses.

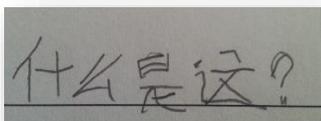
4.2.5 Sintaxe: problemas, análise e sugestões

No mandarim, a frase segue uma ordem gramatical: sujeito + predicado + objeto, seja em frases declarativas, seja em frases interrogativas.

Por exemplo:

Isto é um livro 这是一本书。	O que é isto? (Isto é o quê?) 这是什么?
Zhè + shì yī běn shū. Sujeito + Predicado	Zhè + shì shénme? Sujeito + Predicado

Figura 17: Sintaxe



Transcrição do exemplo:

什么是这?

PY: Shénme shì zhè?

TL: O que +(ser) é +isto?

PT: O que é isto?

Correção:

CH: 这是什么?

PY: Zhè shì shénme?

TL: Isto +(ser) é + o quê?

PT: O que é isto?

Análise

Na língua portuguesa a ordem dos elementos frásicos é relativamente livre e as interrogativas, normalmente, iniciam-se com pronomes interrogativos. Assim, nos exercícios de tradução, alguns alunos traduziam as frases de acordo com a ordem em Português.

Sugestões

Em casos onde é preciso treinar uma determinada ordem frásica, é aconselhável chamar a atenção dos alunos desde o primeiro momento, mostrando a tradução à letra, para que os alunos saibam a ordem em Chinês, explicando a necessidade de gravar “isto é o quê” em vez de “o que é isto”. Da mesma forma, é importante que seja treinada a oralidade e, assim, as frases ficam memorizadas na forma correta quase de um modo “automático”, evitando futuros erros na ordem escrita.

4.3 OUTROS PROBLEMAS

Durante o funcionamento do projeto também foram observados outros problemas que influenciam, direta ou indiretamente, o processo de ensino-aprendizagem. As questões observadas são apresentadas de forma sucinta com as suas respectivas justificações. Também são apresentadas sugestões, a fim de ajudar na resolução destes problemas. Assim, são abordados cinco aspetos, como a organização, corpo docente, materiais didáticos, temas culturais e atividades curriculares.

4.3.1 Organização (análise e sugestões)

Aulas:

A aprendizagem da língua chinesa requer atenção aos detalhes e treino. Assim, sugere-se diminuir o número de alunos³⁰ nas turmas de chinês para que estes possam ser mais bem acompanhados pelos formadores.

As aulas estão programadas semanalmente, durante uma hora, o que se revela insuficiente para a aprendizagem da língua chinesa. As implicações de um aumento da carga horária neste momento também são percebidas.

O aumento da carga horária pode ser realizado numa fase de estudo mais avançada, quando o nível de dificuldade da língua chinesa aumentar e exigir mais tempo de dedicação.

Todavia, aprender mandarim é um investimento de longo prazo, um processo trabalhoso que não permite longas interrupções e, por isso, é importante dar continuidade ao esforço já realizado e estender a oferta de ensino aos alunos interessados em continuar a aprender o chinês.

4.3.2 Equipa de docentes (análise e sugestões)

O público infantil pode ser desafiador para quem nunca interagiu com crianças no papel de um educador e, por isso, é necessária alguma preparação para eventuais situações difíceis. Do mesmo modo, é importante e indispensável, alguma preparação para o ensino da língua chinesa, como por exemplo o correto uso dos estilos dos caracteres, entre outros.

Para alguns formadores, a participação neste projeto é a primeira experiência com o ensino infantil e, por isso, é sugerido um curso de preparação com temas simples, mas de extrema importância como:

-a necessidade de interagir frequentemente com os alunos (na língua chinesa sempre que possível) evitando a “inércia” e tomando a aula apenas como uma palestra;

30 As turmas eram constituídas por 15-19 alunos, um número demasiado alto no que diz respeito a acompanhar o desempenho de cada aluno (oralidade principalmente) e leva-se também em consideração o nível de dificuldade da língua chinesa.

-dar a conhecer as principais estratégias metodológicas de ensino do mandarim como as rotinas de aula;

-utilizar o estilo de escrita de caracteres mais apropriado para estes níveis de ensino;

-a postura do formador em sala de aula, pois o formador certamente irá deparar-se com situações como problemas comportamentais, em que deve ser firme sem ser rude³¹;

Esta formação pode ser lecionada pelas professoras de mandarim da UA, profissionais competentes na área de ensino da língua chinesa como LE e também por professores portugueses.

4.3.3 Manuais e outros materiais de suportes (análise e sugestões)

Em cada lição do manual principal podem encontrar-se dois ou três exercícios, o que se mostra muito pouco para o treino dos conteúdos. Sendo assim, é sugerido aumentar a oferta de atividades com mais 3 ou 4 exercícios no mínimo. A elaboração destes exercícios pode ser feita diretamente pelos formadores por meio de fichas ou serem acrescentadas ao manual principal.

A criação de um “caderno de atividades” para o período de férias de verão também seria conveniente, uma vez que ajudaria os alunos a manter contacto com a língua chinesa durante o longo período sem aulas. O caderno de atividades poderia juntar a diversão com a aprendizagem por meio de exercícios mais descontraídos e lúdicos.

Na prática do ensino, pode notar-se que os recursos tecnológicos representam uma importante ajuda quando incluídas nas estratégias metodológicas. O uso de vídeos, de música e de apresentações em diapositivos devem ser incentivados.

Contudo, nem todas as salas de aulas dispõem de equipamento em sala de aula ou em pleno funcionamento. Em relação aos problemas técnicos, é sugerido que os responsáveis mantenham os equipamentos informáticos com a devida manutenção e/ou *software* atualizados.

31 No caso dos formadores chineses poderá existir um “choque cultural”, uma vez que assumem que as crianças portuguesas se comportam de forma parecida com as crianças da China. Segundo os formadores chineses, os alunos na China são mais disciplinados, estando na sala de aula mais quietos, mais silenciosos e seguindo de forma mais imediata as instruções do professor.

O contacto com a língua chinesa fora do tempo de aula é muito raro. A falta de material de apoio em chinês ou em português, como livros ou outros tipos de publicações, também agrava o problema da falta de contacto com a língua. A inauguração de um Instituto Confúcio (IC) na Universidade de Aveiro poderá ser um apoio importante no que diz respeito a este problema. Espera-se que o IC traga mais suporte e recursos às aulas de mandarim em SJM e também mais experiência no ensino às crianças

4.3.4 Temas culturais (análise e sugestões)

Nos primeiros anos do ensino de mandarim, em São João de Madeira, o ensino de temas culturais ficou ao critério de cada equipa de formadores que, por sua vez, também escolhiam o dia a ser apresentado. Este esquema aleatório pode trazer nos próximos anos repetição de conteúdo para alguns alunos e disparidade de conhecimento cultural para os alunos de diferentes turmas. A proposta é padronizar os temas pelos níveis de ensino, de modo a escolher os mais relevantes da cultura chinesa e programar a sua apresentação. Assim, todos os alunos ficam a conhecer os principais temas culturais sem repetição ou carência.

Em ordem de aumentar o contacto com a língua e cultura chinesas é sugerido a apresentação de temas culturais, como contos, mitos e outras peças do folclore chinês, a fim de dar a conhecer o “pensar” chinês e a filosofia chinesa. Este contacto pode ser feito em atividades de sala de aula ou por meio de livros de histórias na língua portuguesa³². A oferta de livros pode ser feita na biblioteca da cada escola ou do município.

Os temas culturais são de extrema importância, uma vez que o objetivo deste projeto é que, no futuro, estas crianças possam falar e lidar com pessoas chinesas, conhecendo a língua e os seus hábitos e cultura. Da mesma forma, as atividades culturais também podem ser uma excelente oportunidade para fazer uma reflexão crítica das diferenças entre as culturas portuguesa e chinesa e estabelecer paralelos entre as tradições e costumes.

32 Exemplos: Contos da Terra do Dragão e Mitos e Lendas da Terra do Dragão - Wang Suoying e Ana Cristina Alves; Coleção Contos e Lendas de Macau - Alice Vieira, Plano Nacional de Leitura 4º ano.

4.3.5 Atividades extracurriculares (análise e sugestões)

Neste momento, existe um “Cantinho do Chinês” em cada sala de aula, com o objetivo de manter a língua chinesa “presente” e exibir os caracteres chineses aprendidos.

A meu ver, estes cantinhos poderiam receber mais do que os caracteres aprendidos, sendo que os formadores poderiam desafiar os alunos com a missão de personalizá-lo com desenhos ou qualquer artigo típico chinês. Este espaço também poderia ser aproveitado para a exibição dos conteúdos/atividades culturais ministrados em tempo de aula.

Recomenda-se também, sempre que possível, incluir trabalhos que envolvam artes manuais como pinturas, dobragem de papel (por exemplo a elaboração de simples lanternas chinesas) ou o ensino da famosa arte chinesa³³ de cortar papel, mais conhecida como jiǎnzhǐ (剪纸).

As atividades manuais entretêm de forma positiva os alunos e evitam dar uma postura de monotonia às aulas de mandarim. Estas atividades podem reaproveitar sobras de cartolinas ou folhas de revistas, jornais ou outros recursos reciclados, entre outros.

Sendo o contacto com a língua e cultura chinesas quase exclusivo à sala de aula, qualquer iniciativa em contornar esta situação é bem-vinda. Atividades como visita a museus (ex: Museu do Oriente, Centro Científico e Cultural de Macau, entre outros) podem ser muito enriquecedoras, uma vez que os conteúdos culturais apresentados nestes recintos são muito diferentes relativamente aos que são apresentados em sala de aula, além de proporcionarem uma observação mais próxima e real dos temas. Os encarregados de educação também podem ser chamados a participar nestas visitas culturais.

Pode pedir-se o apoio da Câmara de S. João da Madeira, no que diz respeito a trazer para os museus do município exposições ou atividades que estreitem os laços culturais entre Portugal e China.

Além das aulas, para o futuro pode pensar-se em organizar intercâmbios de alunos, concursos de leitura em chinês entre as escolas participantes ou organizar atividades para as principais datas festivas da cultura chinesa.

33 Esta técnica foi reconhecida pela UNESCO como parte da cultura Imaterial em 2006.

A divulgação da língua e Cultura Chinesas, atualmente, está ligada a razões socioeconómicas. O peso da economia chinesa e a dimensão do «potencial mercado comprador» são os fatores principais que originam tanto interesse.

Em Portugal, o mandarim é tido como uma mais-valia no currículo escolar e uma vantagem no atual competitivo mercado de trabalho e também dado à sua raridade. Embora existam vozes de que “aprender o mandarim não é muito importante”, uma vez que “os chineses estão a estudar inglês, francês e outras línguas francas”, a língua comum chinesa ultrapassa o parâmetro da comunicação e alcança o estatuto de uma ferramenta através da qual se descobre a cultura chinesa e seus meandros e principalmente o pensar chinês, antigo e contemporâneo.

Embora as relações Luso-chinesas datem desde 1557, o ensino do mandarim em Portugal é recente. A Universidade de Aveiro foi a primeira instituição de nível superior a ter a língua chinesa integrada no seu curriculum, mais tarde outras universidades como a Universidade do Minho e o Instituto Politécnico de Leiria também incluíram o mandarim no programa académico. Mais atual é o ensino da língua dos Han em escolas básicas públicas e, embora algumas escolas básicas particulares tenham oferecido módulos de mandarim aos seus alunos, estas estão longe das aulas planeadas, de carácter continuado e progressivo como as que são ministradas em São João da Madeira.

A presença de Institutos Confúcio³⁴ em Portugal também é recente, e no país são três unidades ao todo, tendo a primeira sido inaugurada em dezembro de 2005, na Universidade do Minho, a segunda em abril de 2008, na Universidade de Lisboa e a mais recente, estabelecida em abril de 2015, na Universidade de Aveiro. Em relação ao Projeto, esta instituição irá auxiliar, numa iniciativa conjunta com a UA, o ensino de mandarim para alunos do 3º, 4º e 5º anos do ensino básico em São João da Madeira. Inclui-se também os alunos do Centro de Atividades de Tempos Livres (CATL) do Centro de Infância Arte e Qualidade (CIAQ) de Aveiro.

A investigação sobre o projeto piloto de Ensino de Chinês a alunos do 3º ano do primeiro ciclo em São João da Madeira foi realizada com base na observação como

34 Sem Fins lucrativos, ligada ao Ministério da Educação chinês e com o objetivo da propagação da língua e Culturas Chinesas.

formadora de mandarim nas escolas participantes em São João da Madeira. Foram identificadas as principais dificuldades na iniciação da aprendizagem do mandarim. Foi analisado o projeto, bem como as suas motivações, obstáculos e contexto socioeconómico.

A aprendizagem da língua chinesa, para além das dificuldades esperadas na aprendizagem de qualquer língua estrangeira, tem dificuldades acrescidas devido à sua natureza, tão distante da língua portuguesa. Grande parte das dificuldades na aprendizagem é gerada pela grande diferença entre as línguas Portuguesa e Chinesa. No caso dos alunos do terceiro ano do EB grande parte das dificuldades passam pelo facto de muitas regras gramaticais do mandarim não encontrarem regra similar na língua portuguesa, gerando estranheza, por vezes confusão e esquecimento em aplicá-las. A solução pode passar pelo cuidado do formador em observar e identificar as dúvidas dos alunos, adequando a explicação ao nível de dificuldade e oferecendo exercícios práticos para que as dúvidas sejam resolvidas.

Outra grande questão é a parte escrita, cuja aprendizagem exige tanto do formador quanto do aluno. O formador fica responsável por treinar a escrita e o “olho” do aluno, uma vez que os caracteres seguem um padrão rígido que não pode ser personalizado e que a memorização depende muito da cópia e treino dos caracteres.

Considerações para trabalhos futuros

Espera-se que, com a cooperação entre o Instituto Confúcio e a Universidade de Aveiro, o projeto de ensino de mandarim em São João da Madeira possa usufruir da experiência global de ensino do Instituto e aprimorar as áreas nas quais foram encontradas dificuldades.

Espera-se também que, futuramente, em outras iniciativas de ensino de mandarim pelo país, sejam implementados diferentes níveis de ensino. Desta vez, contando já com a experiência, erros e acertos de iniciativas anteriores e, de certa forma, melhorando o planeamento inicial e prevendo obstáculos.

Espera-se que os resultados desta investigação possam contribuir para a reflexão e discussão sobre o ensino de mandarim para crianças em Portugal, observando a organização da disciplina, a planificação, os conteúdos programáticos, os objetivos, os intervenientes, as dificuldades, entre outros, a fim de tornar o ensino-aprendizagem mais eficaz e produtivo.

Aicep. (2014). China - Ficha de Mercado: março 2014 [em linha]. *Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal Web site*. Acedido outubro 06, 2014, em <http://www.ccilc.pt/sites/default/files/chinafichamercado.pdf>

Alves, N. & Centeno, M. & Novo, A. (2010). O investimento em educação em Portugal: retornos e heterogeneidade [em linha]. *Boletim Económico Primavera 2010*, Departamento de Estudos Económicos, Banco de Portugal, nº1, vol.16, pp.9-3. Acedido em setembro 4, 2014, em http://www.bportugal.pt/PT/BdP%20Publicaes%20de%20Investigao/AB201000_p.pdf

António, N. (2008). *Economia e Gestão chinesas: aspetos fundamentais*. Lisboa: Edições Sílabo.

Banco Mundial. (2009). "Clusters for Competitiveness: A Practical Guide and Policy Implications for Developing Cluster Initiatives." International Trade Department, PREM Network, Report, World Bank, Washington, DC.

Banco Mundial. (2010). Results Profile: China Poverty Reduction [em linha]. *Banco Mundial Web site*. Acedido em junho 7, 2014, em <http://www.worldbank.org/en/news/feature/2010/03/19/results-profile-china-poverty-reduction>

Barfield, C.E., Groombridge, M.A., (1999). *Tiger by the Tail: China and the World Trade Organization*. 1ª edição. E.U.A.: AEI Press.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

Bradley, J. (1993). Methodological issues and practices in qualitative research. *Library Quarterly*, 63, (4), 431-449.

Bulletin of Concerned Asian Scholars. (1983). *China from Mao to Deng*. Nova Iorque: M.E. Sharpe.

Chi. U. (2006). Relação entre o Regulamento Administrativo e o Decreto-Lei na Região Administrativa Especial de Macau [em linha]. *Direção dos Serviços de Assuntos de Justiça de Macau Web site*. Acedido abril 30, 2014, em www.dsaj.gov.mo/EventForm/DisplayEvent.aspx?Rec_Id=1533

China Hug. (2010). Special Economic Zones of the People's Republic of China [em linha]. *HugChina Web site*. Acedido abril 3, 2014, em <http://www.hugchina.com/photos/abc/2400020-sez-700x552.jpg>

China News and Report. (n.d). China Publishes Its Resolution on Building a Harmonious Society [em linha]. *China News and Report Web site*. Acedido em abril 14, 2015, em <http://www.china.org.cn/english/report/189591.htm>

China Radio Internacional. (2010). Kaishu, escritura modelo [em linha]. *China Radio Internacional Web site*. Acedido em fevereiro 18, 2015, em <http://portuguese.cri.cn/1241/2010/06/03/1s122793.htm>

Chinese for Europeans, 欧洲人学中文 (2013). Projeto [em linha]. *Chinese for Europeans Web site*. Acedido dezembro 25, 2013, em <http://www.chinese4.eu/pt/cms/projeto/>

Corder, S.P. (1967). *The Significance of Learner's Errors*. Acedido outubro 23, 2014, em <http://www.eric.ed.gov/PDFS/ED019903.pdf>

Cortesão, A. (1960). *Cartografia portuguesa antiga* (No. 8). Comissão executiva das comemorações do quinto centenário da morte do infante D. Henrique. pag 577

Crystal, D. (1980). Dicionário de Termos Linguísticos [em linha]. *Portal da língua portuguesa Web site*. Acedido, 17 novembro, 2014, em <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=1129>

Crystal, D. (1980b). *A dictionary of linguistics and phonetics citation*. (6ª ed). Oxford: Blackwell.

Cunha, L. (2007). *China na ONU: a nova potência global*. Revista negócios estrangeiros, Lisboa, n.11.1, p.311-333

Cunha, J.M. (2012). China: uma nova estratégia de desenvolvimento económico. Portugal Global. Fevereiro 2012, 6-8. Acedido em 25 de agosto, 2014, em http://www.portugalglobal.pt/PT/PortugalNews/Documents/Revistas_PDFs/Portugalglobal_n42.pdf

Decreto-lei no 29/2012, de 9 de agosto. *Diário da República: II série No 171*. Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Administração Interna. Lisboa.

Deng, X. (1994). *Selected Works of Deng Xiaoping, 1975-1982. Volume III* (pp. 44–45). Foreign Languages Press.

DNEC. (2013). 中华人民共和国国家统计局 – Departamento Nacional de Estatísticas Chinês [em linha]. 人口大国总点名——第六次全国人口普查纪实 Web site. Acedido dezembro 23, 2009, em http://www.stats.gov.cn/zjtj/tjwh/wytj/201105/t20110501_58816.html

European Union Chamber of Commerce in China (2013). Chinese Outbound Investment in the European Union [em linha]. *European Union Chamber Web site*. Acedido dezembro 25, 2013, em <http://www.europeanchamber.com.cn/en/publications-chinese-outbound-investment-eu-european-union>

Eurostat (2012). *Extra-EU: trade in goods* [em linha]. *European Commission Eurostat Web site*. Acedido dezembro 23, 2009, em http://epp.eurostat.ec.europa.eu/statistics_explained/index.php/Extra-EU_trade_in_goods

Faria, M.I. & Pericão, M. G. (2008). *Dicionário do livro*. Coimbra: Almedina.

Ferreira, C. (2014). Estado arrecadou mais 612 milhões de euros pela venda da Caixa Seguros à chinesa Fosun [em linha]. O Público. Acedido outubro 05, 2014, em <http://www.publico.pt/economia/noticia/estado-arrecadou-mais-612-milhoes-de-euros-pela-venda-da-caixa-seguros-a-chinesa-fosun-1636764>

Filipe, C. (2013). Cronologia dos investimentos chineses em Portugal. *Jornal de Negócios* [em linha]. Acedido outubro 05, 2014, em http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/cronologia_dos_investimentos_chineses_em_portugal.html

Flick, U. (2004). *Uma introdução à Pesquisa Qualitativa. 2ª Edição*. Porto Alegre: Bookman.

Fórum Macau/Fórum para a Cooperação Económica entre a China e os Países de língua portuguesa. (2014). As trocas comerciais entre a China e os Países de língua portuguesa de janeiro a julho de 2014 foram de 77,42 mil milhões de dólares [em linha]. *Fórum Macau Web site*. Acedido setembro 1, 2014, em <http://www.forumchinapl.org.mo/pt/announce.php?id=2595>

Garnaut, R. & Song, L. & Woo, W.T. (2009). *China's new place in a world in crisis: economic geopolitical and environmental dimensions*. Canberra, Australia: ANU E Press.

GIL, A. C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.

Gil, J. (2008). The Promotion of Chinese Language Learning and China's Soft Power. *Asian Social Science*, vol (4), Número 10. Acedido julho 29, 2014, em <http://ccsenet.org/journal/index.php/ass/article/viewFile/936/897>

Glazier, J.D. & Powell, R.R. (1992). *Qualitative Research in Information Management*. Colorado: Libraries Unlimited.

Globalização. (2015). Em Houaiss Dicionário da língua portuguesa. Acedido em fevereiro 23, 2015, em <http://houaiss.web.ua.pt/cgi-bin/houaissnetb.dll/frame>

Hanban. (n.d.). Instituto Confúcio Apresentação [em linha]. *Hanban Web site*. Acedido março 5. 2014, em http://www.hanban.edu.cn/confuciousinstitutes/node_10961.htm

Harley, B. & Wang, W. (1997). *The Critical Period Hypothesis: where are we now?* em De Groot, A.M.B. & Kroll, J.F., *Tutorials in Bilingualism: Psycholinguistic Perspectives*, Lawrence Erlbaum.

Herschensohn, R. J. (2000). *The Second Time Around - Minimalism and L2 Acquisition*. Amsterdão: John Benjamins.

Hofstede, G. (1994). *Cultures and Organizations. Software of the Mind*. London: Harper Collins Publishers.

Hill, S. (2013), "Reforms for a Cleaner, Healthier Environment in China", OECD Economics Department Working Papers, No. 1045, OECD Publishing.

Huenemann, R.W. (2013). Economic Reforms, 1978 - Present [em linha]. *Oxford Bibliographies Web site*. Acedido em dezembro 20, 2013, em <http://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780199920082/obo-9780199920082-0008.xml>

Hu, J. (2012). Report of Hu Jintao to the 18th CPC National Congress [em linha]. *China.org Web site*. Acedido agosto 22, 2014, em http://www.china.org.cn/china/18th_cpc_congress/2012-11/16/content_27137540.htm

Instituto Nacional de Estatística. (2013). Estatísticas do Comércio Internacional – julho de 2013 [em linha]. *Instituto Nacional de Estatística Web site*. Acedido janeiro 8, 2014, em

http://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsplook_parentBoui=164380704&att_display=n&att_download=y.

IPIM – Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau. (n.d.). Relações entre Macau e Países de língua portuguesa [em linha]. *IPIM Web site*. http://www.ipim.gov.mo/worldwide_partner_detail.php?tid=3427&type_id=447&lang=pt-pt

ISO 7098:1991 Information and documentation - Romanization of Chinese. (n.d.). Acedido novembro 10, 2014, em http://www.iso.org/iso/catalogue_detail.htm?csnumber=13683

Jiang, Z. (1992). «江泽民在中国共产党第十四次全国代表大会上的报告» Relatório do 14.º Congresso do Partido Comunista Chinês. Acedido em abril 10, 2014, em <http://cpc.people.com.cn/GB/64162/64168/64567/65446/4526308.html>

Jornal Económico. (2013). Vistos 'gold' valem investimento de 300 milhões [em linha]. *Jornal Económico Web site*. Acedido dezembro 28, 2013, em http://economico.sapo.pt/noticias/vistos-gold-valeminvestimento-de-300milhoes_184318.html

Jornal Expresso. (2013). Empresas chinesas querem aumentar investimento na União Europeia [em linha]. *Jornal Expresso Web site*. Acedido janeiro 2, 2014, em <http://expresso.sapo.pt/empresas-chinas-querem-aumentar-investimento-na-uniao-europeia=f783592#ixzz2pAkHmeqv>

Kaplan, B. Duchon, D. (1988). Combining Qualitative and Quantitative Methods in Information Systems Research: A Case Study, *MIS Quarterly*, 4, (12), 571-586.

Kau, M. Y. M., & Marsh, S. H. (1993). *China in the era of Deng Xiaoping: A decade of reform*. Armonk, NY: M.E. Sharpe.

KPMG (2011). China's 12th five-year plan: Overview [em linha]. *KPMG International Web site*. Acedido maio 15, 2014, em <https://www.kpmg.com/cn/en/IssuesAndInsights/ArticlesPublications/Documents/China-12th-Five-Year-Plan-Overview-201104.pdf>

Kurlantzick, J. (2007). *Charm Offensive: How China's Soft Power Is Transforming the World*. New Haven: Yale University Press.

Lado, R. (1957). *Linguistics across Culture: Applied Linguistics for Language Teachers*. Michigan: University of Michigan Press.

Lakatos E. M. & Marconi, M. A. (2001). *Fundamentos de metodologia científica*. 4ª Edição. São Paulo: Atlas.

Law Library. (n.d.) República Popular da China Lei de Casamento (1950) [em linha]. «法律图书馆» Law Library. Web site. Acedido janeiro 4, 2014, em http://www.law-lib.com/law/law_view.asp?id=43205

Liebscher, P. (1998). Quantity with quality? Teaching quantitative and qualitative methods in a LIS Master's program. *Library Trends* 46 (4), 668-680.

Lenneberg, E. (1967). *Biological Foundations of Language*. New York: John Wiley & Sons.

Lennon, P. (2008). Contrastive analysis, Error analysis, Interlanguage. Acedido fevereiro 12, 2015, em <http://www.homes.uni-bielefeld.de/sgramley/CA-ErrorAnalysis-Interlang-Lennon.pdf>

Le Parisien. (2014). Sao Joao da Madeira, la ville portugaise qui veut chausser les Chinois. *Le Parisien*. Acedido novembro 20, 2014, em <http://www.leparisien.fr/flash-actualite-economie/sao-joao-da-madeira-la-ville-portugaise-qui-veut-chausser-les-chinois-31-10-2014-4255961.php#xtref=https%3A%2F%2Fwww.google.fr%2F>

Li G. & Wang, Y. (2007). «汉语通用语史研究» *Estudos sobre a História das línguas Comuns na China*. Pequim, China Radio & Television Publishing House.

Loureiro, R. M. (1999). *Guia de História de Macau: 1500-1900*. Macau: Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Ma, L. P. F. (2012). Advantages and disadvantages of native- and nonnative-English-speaking teachers: Student perceptions in Hong Kong. *TESOL Quarterly*, 46 (2), 280-305.

Mai, R. (2012). *Ensino de Chinês a Falantes de Português: o caso da Universidade de Aveiro*. Tese de doutoramento, Departamento de línguas e Culturas - Universidade de Aveiro, Portugal.

Marques, M. (2013). Já tratam o mandarim por tu. *Jornal de Notícias*, p. 24.

Mays, N. & Pope, C. (1995). *Rigour and qualitative research*. Londres: BMJ.

MEC. (2013). *Monitorização e avaliação do projeto “Ensino de Chinês no 1.º ciclo do ensino básico”*. (S/8015/2013), S. João da Madeira, Aveiro, Direção-geral dos Estabelecimentos Escolares.

MEC. (2014). *Ensino de Chinês no 1.º ciclo do ensino básico*. (S-DGE/2014/4041), S. João da Madeira, Aveiro, Direção-geral da Educação.

Meisner, M. (1999). *Mao's China: A History of the People's Republic*. Acedido janeiro 8, 2014, em https://www.marxists.org/chinese/reference-books/meisner/mao_china_and_after_21.htm

Mharapara, R. & Bangidza, L.B. & Gwekwerere, S. (2014). Guerra Assimétrica: Experiências, Perspectivas, Ideias e Desafios com Foco no Zimbábue. *Revista Brasileira de Estratégia & Relações Internacionais*. Volume 3, nº 5, Jan-jun. 2014. Acedido agosto 24, 2014, em <http://seer.ufrgs.br/index.php/austral/article/viewFile/43952/30172>

Miguel, L. & Sans, N. (1992). El componente cultural: un ingrediente más de las clases de lengua. *Cable*, vol. 9, 15-21.

Ministério dos Negócios Estrangeiros da RPC «中华人民共和国外交部». (n.d.). 《中苏友好同盟互助条约》 *Tratado Sino-Soviético de Amizade, Aliança e Assistência Mútua*. Acedido janeiro 7, 2014, em http://www.fmprc.gov.cn/mfa_chn/ziliao_611306/wjs_611318/2159_611322/t8962.shtml

Monteiro, L. (2011). *Portugal e a China: uma relação com futuro*. Coimbra: Almedina.

Morrinson, W. (2013) *China's Economic Rise: History, Trends, Challenges, and Implications for the United States*. Congressional Research Service. Acedido fevereiro 14, 2014, em <http://fas.org/sgp/crs/row/RL33534.pdf>

Morrinson, W. (2014) *China's Economic Rise: History, Trends, Challenges, and Implications for the United States*. Congressional Research Service. Acedido outubro 2, 2014, em <http://fas.org/sgp/crs/row/RL33534.pdf>

Nash, P. (2012). China's “Going Out” Strategy [em linha]. *Diplomatic Courier Web site*. Acedido abril 10, 2014, em <http://www.diplomaticcourier.com/news/regions/brics/181-china-s-going-out-strategy>

National Bureau of Statistics of China. (2014). Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2013 National Economic and Social Development [em linha]. *National Bureau of Statistics of China Web site*. Acedido março 24, 2014, em http://www.stats.gov.cn/english/PressRelease/201402/t20140224_515103.html.

Neves, J. L. (1996). Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de Pesquisas em Administração*, São Paulo, 1 (3).

Notícias do Partido Comunista da China «中国共产党新闻». (n.d.a). «四个现代化” 是怎么提出来的?» As Quatro Modernizações, como apresentar? [em linha]. *Notícias do Partido Comunista da China «中国共产党新闻»*. *Web site*. Acedido janeiro 7, 2014, em <http://cpc.people.com.cn/GB/64156/64157/4418435.html>

Notícias do Partido Comunista da China «中国共产党新闻». (n.d.b). «邓小平同志“黑猫白猫论”背后的故事» Por traz da teoria do “gato preto, gato branco” do camarada Deng Xiaoping [em linha]. *Notícias do Partido Comunista da China «中国共产党新闻»*. *Web site*. Acedido janeiro 9, 2014, em <http://cpc.people.com.cn/GB/85037/8530953.html>

Nolan, P. & Fureng, D. (1990). *The Chinese economy and its future: achievements and problems of post-Mao reform*. Cambridge: Polity Press.

Nye, J. (2004). *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. NewYork: Public Affairs.

Nye, J. (2005). Soft Power and Higher Education [em linha]. *Educause Web site*. Acedido Agosto 24, 2014, em <http://www.educause.edu/library/resources/soft-power-and-higher-education>

OECD (2013). OECD Economic Surveys: China 2013 [em linha]. *OECD Ilibrary Web site*. Acedido dezembro 27, 2013, em http://dx.doi.org/10.1787/eco_surveys-chn-2013-en

OECD (2014). OECD Structural Reforms for inclusive Growth, “Better Policies” Series [em linha]. *OECD Web site*. Acedido junho 29, 2014, em <http://www.oecd.org/china/2014-03-China-report-EN.pdf>

Office of the State Council of the People's Republic of China. (1995). Family Planning in China - Combination of State Guidance with Voluntary Participation by the Masses [em linha]. *China.org.cn Web site*. Acedido abril 12, 2014, em <http://www.china.org.cn/e-white/familypanning/index.htm>

Oliveira, T. (2012). São João da Madeira ensina mandarim a alunos do 1º ciclo [em linha]. *Jornal Expresso Web site*. Acedido janeiro 18, 2014, em <http://expresso.sapo.pt/sao-joao-da-madeira-ensina-mandarim-a-alunos-do-1-ciclo=f758937#ixzz2r37di2s5>

Pacheco, I. (2014, March,19). Ensino de português cada vez mais procurado entre os chineses [em linha]. *Renascença Web site*. Acedido setembro 02, 2014, em http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=25&did=142614

People´s Daily «人民网». (2001). «伟大的导师，伟大的领袖，伟大的统帅，伟大的舵手毛主席万岁» Grande professor, grande líder, um grande comandante, grande timoneiro, viva o Presidente Mao [em linha]. *People´s Daily «人民网» Web site*. Acedido janeiro 8, 2014, em <http://www.people.com.cn/GB/shizheng/252/5303/5304/20010619/492088.html>

Pereira, F. G. (1991). Declaração conjunta, modelo de transição e reforma da administração. *Revista de Administração Pública de Macau, IV*, 69 –82.

Pereira, S.M.J. (2011). *A Dimensão Cultural da Lusofonia como Factor de Relevância Económica*. Tese de doutoramento, Instituto de Estudos Políticos - Universidade Católica Portuguesa, Portugal.

Portal do Governo Central Chinês. (2008). «国务院常务会议部署扩大内需促进经济增长的措施» Medidas para expandir a demanda doméstica e promover o crescimento econômico na implantação da reunião executiva do Conselho de Estado [em linha]. *Portal do Governo Central Chinês Web site*. Acedido em abril 9, 2014, em http://www.gov.cn/ldhd/2008-11/09/content_1143689.htm

Prodanov, C.C. & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. 2º Edição. Novo Hamburgo: Feevale.

Projeto Educativo Municipal. (2013). Universidade Aberta promove curso de chinês para adultos [em linha]. *Projeto Educativo Municipal Web site*. Acedido outubro 20, 2014, em <http://projectoeducativomunicipal.wordpress.com/2013/02/15/universidade-aberta-promove-curso-de-chines-para-adultos/>

Rede de Notícias do Partido Comunista da China «中国共产党新闻网». (n.d.). «大跃进» O Grande Salto Adiante [em linha]. Acedido janeiro 7, 2014, em <http://dangshi.people.com.cn/n/2012/0912/c348858-18989002.html>

Rodrigues, C. (2014). *As relações entre a Universidade de Aveiro e a China: uma retrospectiva*. Centro de Estudos Asiáticos. Universidade de Aveiro.

Santos, M. C. (2013). Negócios da China em Português [em linha]. *Jornal Oje Web site*. Acedido dezembro 28, 2013, em <http://www.oje.pt/gente-e-negocios/opiniao/opiniao/negocios-da-china-em-portugues>

São João da Madeira Turismo Industrial (n.d). S. João da Madeira - Desde as antigas civilizações até aos dias de hoje [em linha]. *São João da Madeira Turismo Industrial Web site*. Acedido janeiro 08, 2014, em <http://www.cm-sjm.pt/>

São João da Madeira Online. (2013). Embaixador da China acompanhou aula de mandarim em S. João da Madeira [em linha]. *São João da Madeira Online Web site*. Acedido em outubro 07, 2014, em <http://www.cm-sjm.pt/index.php?oid=19471&op=all>

Schiere, R. (2011). China and Africa: An Emerging Partnership for Development? – An overview of issues. [Working Paper No 125]. *African Development Bank*, Tunis, Tunisia.

Silva, M. C. V. (2005) A aquisição de uma Língua Segunda: muitas questões e algumas respostas. *Saber (e) Educar*, (10): 97-110.

Silveira, A. (2001). As Zonas Económicas Especiais da República Popular da China. *Administração* 15 (53), 1147-1183.

Sínteses da Legislação da UE. (2009). Multilinguismo – uma mais-valia e um compromisso [em linha]. *Sínteses da Legislação da UE Web site*. Acedido 25 dezembro, 2013, em http://europa.eu/legislationsummaries/education_training_youth/lifelong_learning/ef000_pt.htm

Solla, L. (2005). *Novas Funções e Novos Desafios Para as línguas Estrangeiras*. VIII Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação "Cenários da educação/formação: novos espaços, culturas e saberes"; Castelo Branco; 7-9 Abril 2005.

Starkey, H. (2002). *Democratic Citizenship. Languages, Diversity and Human Rights*. Estrasburgo: Conselho da Europa.

Sylvia Ostry, Alan S. Alexandroff, R. G. (2003). *China and the Long March to Global Trade: The Accession of China to the World Trade Organization*. Acedido Maio 12, 2014, em http://books.google.pt/books/about/China_and_the_Long_March_to_Global_Trade.html?id=JOCVZ_T_tooC&pgis=1

Trigo, V. (2006). *Cultura Económica Chinesa: Como negociar na China?* Mangualde: Edições Pedago.

Tuckman, B. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Universidade de Aveiro - Jornal Online. (2013a). Forte aposta da UA na língua chinesa motiva visita do embaixador da China [em linha]. *Universidade de Aveiro Web site*. Acedido outubro 2, 2014, em <https://uaonline.ua.pt/pub/detail.asp?c=36011>

Universidade de Aveiro - Jornal Online. (2013b). Embaixador chinês recebido na UA com “festa das línguas” [em linha]. *Universidade de Aveiro Web site*. Acedido outubro 2, 2014, em <http://uaonline.ua.pt/pub/detail.asp?c=36041>.

Universidade de Aveiro - Jornal Online. (2015). Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro já está de portas abertas [em linha]. *Universidade de Aveiro Web site*. Acedido Julho 5, 2015, em <https://uaonline.ua.pt/pub/detail.asp?c=42263>

Verdelho, T.S. & Silvestre, J. P. (2011). *Lexicografia bilingue: a tradição dicionarística português-línguas modernas*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Viana, G. & Lima, J.F. (2010). Capital Humano e crescimento económico. *Interações*, v. 11, p. 137-148.

Vieira, A. (2002). *Contos e Lendas de Macau*. Lisboa: Editorial Caminho.

Vieira, M. C. (2005). *A Aquisição De Uma língua Segunda: Muitas Questões e Algumas Respostas*. Acedido em setembro 19, 2014, em <http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/23>

Wang, S. & Alves, A.C. (2007). *Contos da Terra do Dragão*. 3ª edição. Lisboa: Editorial Caminho.

Wang, S. & Alves, A.C. (2009). *Mitos e Lendas da Terra do Dragão*. Lisboa: Editorial Caminho.

Wang, S. & Lu, Y. (2008a). *Lições de Chinês para Portugueses - Livro 1*. 2ª Edição. Lisboa: Centro Científico de Macau.

Wang, S. & Lu, Y. (2008b). *Lições de Chinês para Portugueses - Livro 2*. Lisboa: Centro Científico de Macau.

Wang, S. & Lu, Y. (2010). *Lições de Chinês para Portugueses - Livro 3*. Lisboa: Centro Científico de Macau.

Wang, S. & Lu, Y. (2013). *Manual principal*. Aveiro: 2013.

World Bank and the Development Research Center of the State Council, P. R. China. (2013). *China 2030: Building a Modern, Harmonious, and Creative Society*. Acedido Agosto 28, 2014, em <http://www.worldbank.org/content/dam/Worldbank/document/China-2030-complete.pdf>

Xie, W. and S. White (2004). *From imitation to creation: the critical yet uncertain transition for Chinese firms*. Acedido, outubro 2, 2014, em https://flora.insead.edu/fichiersti_wp/inseadwp2004/2004-07.pdf

Zheng, Y. & Tok, S.K. (2007). Harmonious Society and Harmonious World: China's Policy Discourse under Hu Jintao [em linha]. *University of Nottingham China Policy Institute Web site*. Acedido junho 2, 2014, em <https://www.sherpa.ac.uk/cpi/documents/briefings/briefing-26-harmonious-society-and-harmonious-world.pdf>

7.1 ANEXO 1 - CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

A - Caracterização do Entrevistado:

O entrevistado Professor Doutor Carlos Morais, na altura do projeto, era o diretor do Departamento de línguas e Culturas e atualmente é o Diretor do Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro. Foi escolhido para a entrevista por conhecer o projeto desde a sua criação e todos os processos envolvidos no seu desenvolvimento. A entrevista foi realizada no DLC a 9 de dezembro de 2013.

Transcrição da Entrevista:

1- Como é que Universidade de Aveiro se envolveu no projeto de São João da Madeira?

“Começou através do desafio lançado pela Câmara Municipal de São João da Madeira, que através do presidente, contactou o Reitor da UA e manifestou o interesse em desenvolver um projeto de ensino de chinês as crianças do 1º ciclo do ensino básico. O reitor por sua vez contactou-me e começamos a estabelecer contacto. Houve várias reuniões prévias com as professoras Wang e Ran Mai com a Câmara de SJM. Começamos por desenhar um programa curricular e uma proposta de desenvolvimento do projeto que por sua vez foi apresentado à câmara municipal que aceitou em outubro Cde 2012. Depois a câmara de SJM negociou com o governo, a introdução do mandarim como unidade curricular na parte letiva do 3º. ano do 1º ciclo. Foi um processo complicado e com muitas reuniões, após algum tempo foi autorizado o início do ensino do mandarim na parte letiva. E as aulas tiveram início na última semana de janeiro de 2013.”

2- Qual a importância do projeto para a Universidade de Aveiro?

“O projeto-piloto é uma mais valia para a UA, qualquer envolvimento com uma entidade da região é sempre importante, seja uma empresa, seja uma autarquia. Neste caso com a autarquia do distrito. É sempre importante, primeiro porque é bom que a universidade abra à sociedade, e dá visibilidade. Depois, é importante o fato da universidade sair do seu espaço para desenvolver um projeto pioneiro, porque antes não tinha havido nada semelhante. Pode ter tido experiências no ensino particular, mas no ensino oficial não havia”. E acrescenta: “Várias foram as reportagens de televisões, imprensa inscrita, desde janeiro de até agora dezembro de 2013. Todos canais televisivos passaram por SJM e por

conta disso qualquer pessoa mais ou menos atenta, sabe que a Universidade de Aveiro tem um projeto de mandarim a decorrer nas escolas básicas de SJM

3- Como correu o primeiro ano? Qual é o balanço geral/resultados?

O balanço foi bem positivo, o ME fez uma visita e um relatório, onde o projeto foi bastante apreciado. Este segundo ano ainda apresenta alguns desafios, mas já reflete as melhorias sugeridas pelo relatório do ministério. Os alunos também aderiram muito bem. Alguns pais mostraram alguma resistência, mas isso já foi ultrapassado. No ano passado por ser um projeto-piloto alguns pais impediam que filhos participassem, este ano, o mandarim é uma disciplina de oferta do agrupamento de escolas, portanto os alunos são obrigados a frequentar a disciplina.

4- Qual o futuro do projeto?

Realmente não sabemos, nós próprios começamos a ter alguma incapacidade de resposta de pessoal e estamos buscando outras formas de resolver este assunto. Sobre a continuidade do projeto não há dúvidas, a Câmara de SJM tem todo o interesse de continuar o projeto.

B - Caracterização do Entrevistado:

O entrevistado Nelson Costa é Mestre em Supervisão e Coordenação da Educação e trabalha para o município de S. João da Madeira como Dirigente da Divisão de Educação. Sempre esteve envolvido com o projeto de ensino de mandarim nas escolas básicas de São João da Madeira, facto que o torna bastante apropriado para o debate do tema da entrevista. A entrevista foi realizada via e-mail no dia 5 de janeiro de 2014.

Transcrição da Entrevista:

1- Como surgiu a motivação/ideia em apostar no ensino de mandarim em SJM? Por que a Universidade de Aveiro?

A ideia partiu do então Presidente da Câmara Municipal de S. João da Madeira, Dr. Castro Almeida. A estratégia pretende assegurar que, no prazo de 10 a 15 anos, as empresas do concelho possam recrutar localmente os jovens que, fluentes em Mandarim, facilitarão as negociações com o grande mercado da China. A Universidade de Aveiro foi escolhida por ser um parceiro do município em diversos projetos e por ter um departamento de línguas com história e tradição no ensino de mandarim. "Não podemos fechar os olhos à realidade.

Nós somos uma terra muito virada para a exportação. A China é um parceiro fundamental no comércio internacional e temos que os considerar cada vez menos como um mercado de compra de produtos baratos e mais como uma área de venda de produtos de alta qualidade", afirmou, aquando da aprovação do projeto, o presidente da Câmara de São João da Madeira, Castro Almeida.

2- Qual é o balanço geral do primeiro ano de funcionamento de projeto?

O projeto iniciou em janeiro de 2013, prolongando-se até final desse ano letivo, apenas para os alunos do 3.º ano. O Ministério da Educação, que teve de autorizar este projeto, acompanhou, monitorizou e avaliou o mesmo. Uma das ferramentas utilizadas foi a entrevista aos vários envolvidos (professores de mandarim, professores titulares de turma, direções dos agrupamentos de escolas, pais, encarregados de educação, alunos, autarquia) e a visita "*in loco*" e "*in situ*" a aulas. No final, foi elaborado um relatório que ditou a continuidade do projeto. Através da análise a esse documento, leva-nos a concluir que este é um importante indicador que o balanço é positivo. Este ano, o projeto iniciou para os novos alunos do 3.º ano e continuou para os alunos que chegaram ao 4.º ano.

3- Qual a reação da comunidade Sanjoanense em relação ao projeto?

Do nosso conhecimento do terreno e das conclusões do relatório do Ministério da Educação, as reações são na generalidade positivas.

4- Quais são as expectativas, e o futuro do projeto? Continua nos próximos anos?

Esperamos que o projeto cresça gradualmente ano a ano, para que os alunos que iniciaram em 2013 o projeto no 3.º ano e que este ano continuam a ter aulas de mandarim no 4.º ano de escolaridade, possam continuar a aprender até ao 12.º ano.

7.2 ANEXO 2. PLANIFICAÇÃO 1

		ANO LETIVO 2013/2014 Planificação da disciplina de Chinês Ano: 3º ano do 1.º ciclo			
Conteúdos / Unidades Didáticas	Objetivos / Metas	Metodologias/ Estratégias / Atividades	Metodologias de Avaliação / Instrumentos de avaliação	Gestão Temporal (tempos 45')	Recursos
Aula de apresentação	Dar a conhecer informações básicas relacionadas com a China e a língua chinesa (localização, população, animais, línguas, etc.).	Apresentação em PowerPoint. Conversação.		1 aula	
Unidade 1 (Lições 1, 2 e 3) 1. Fonética do mandarim (quatro tons, seis vogais e sílabas com iniciais <i>b, p, m, f, d, t, n e h</i>); 2. Cumprimentos; 3. Números de 0 a 10; 4. Canção chinesa.	1. Conhecer pinyin, transcrição do Mandarim com letras latinas. 2. Saber os algarismos chineses de 0 a 10. 3. Aprender as formas de cumprimento, agradecimento e de despedida mais utilizadas (ola, obrigado, adeus, etc.).	À luz dos princípios de "do simples ao complexo", "adequada dose semanal" e "ritmo progressivo", são desenvolvidas, entre outras, as seguintes actividades: 1. Escrever os caracteres das lições lecionadas. 2. Identificar e explicar os caracteres. 3. Ler e traduzir palavras e/ou frases em chinês. 4. Desenvolver diálogos entre alunos ou entre docentes e alunos. 5. Fazer exercícios escritos. 6. Ouvir gravação. 7. Fazer jogos chineses. 8. Cantar canções chinesas. 9. Outras atividades facultativas, escolhidas pelo docente.	Compreensão oral : 20% Expressão oral: 20% Escrita: 20% Conhecimento explícito da língua/gramática: 20% Atitudes: 20%	Unidade 1 (2 lições em 4 aulas) No conjunto de duas aulas é lecionada uma lição nova e, por último, uma aula de revisão geral.	Manual elaborado pela Profª. Wang Suoying, docente da UA; Fichas de exercícios elaboradas pelos formadores; PowerPoint sobre temas diversos; CD's de música.

		ANO LETIVO 2013/2014 Planificação da disciplina de Chinês Ano: 3º ano do 1.º ciclo			
Unidade 2 (Lições 4, 5 e 6) 1. Fonética do mandarim (sílabas com iniciais <i>g, k, h, j, q, x, z, c e s</i>); 2. Identificação de objectos; 3. Associar o número ao substantivo com termos de unidade; 4. Canção chinesa.	1. Conhecer pinyin (continuação). 2. Escrever os caracteres relacionados com alguns objetos. 3. Perguntar e responder sobre objetos (O que é isto?/ O que é aquilo?). 4. Usar o verbo "ser". 5. Aprender algumas expressões de cortesia (desculpe, por favor, etc.)	<i>Idem</i>	Compreensão oral : 20% Expressão oral: 20% Escrita: 20% Conhecimento explícito da língua/gramática: 20% Atitudes: 20%	Unidade 2 (3 lições em 7 aulas) No conjunto de duas aulas é lecionada uma lição nova e, por último, uma aula de revisão geral.	Manual elaborado pela Profª. Wang Suoying, docente da UA; Fichas de exercícios elaboradas pelos formadores; PowerPoint sobre temas diversos; CD's de música.
Unidade 3 (Lições 7, 8 e 9) 1. Fonética do mandarim (sílabas com iniciais <i>y, w, zh, ch, sh e r</i> ; sílabas com finais <i>ai e uai</i>); 2. Identificação pessoal (nome; parentesco); 3. Descrição pessoal; 4. Canção chinesa.	1. Conhecer pinyin (continuação). 2. Escrever os caracteres relacionados com os conteúdos desta Unidade; 3. Aprender os pronomes pessoais e os possessivos; 4. Aprender a partícula de interrogação "ma"; 5. Aprender a perguntar sobre o nome; 5. Aprender termos de parentesco e descrição pessoal; 6. Aprender diálogos de cortesia (estás bom?; estou bem, obrigado; etc.).	<i>Idem</i>	Compreensão oral : 20% Expressão oral: 20% Escrita: 20% Conhecimento explícito da língua/gramática: 20% Atitudes: 20%	Unidade 3 (3 lições em 7 aulas) No conjunto de duas aulas é lecionada uma lição nova e, por último, uma aula de revisão geral.	Manual elaborado pela Profª. Wang Suoying, docente da UA; Fichas de exercícios elaboradas pelos formadores; PowerPoint sobre temas diversos; CD's de música.

<p>Parte da Unidade 4 (Lição 10)</p> <p>1. Fonética do mandarim (silabas com finais <i>ei</i> e <i>ui</i>); 2. Identificação pessoal (idade).</p>	<p>1. Conhecer pinyin (continuação). 2. Escrever os caracteres relacionados com os conteúdos desta Unidade; 3. Aprender a perguntar e falar com a idade.</p>	<p><i>Idem</i></p>	<p>Parte da Unidade 4</p> <p>(1 lição em 2 aulas)</p> <p>Uma aula é destinada à aprendizagem da lição e a outra, à revisão.</p>	<p>Manual elaborado pela Profª. Wang Suoying, docente da UA;</p> <p>Fichas de exercícios elaboradas pelos formadores;</p> <p>PowerPoint sobre temas diversos;</p> <p>CD's de música.</p>
<p>Um teste escrito.</p>	<p>Elemento de avaliação.</p>		<p>1 aula</p>	

Obs.: A Planificação está sujeita a alterações, conforme a realidade de ensino e aprendizagem. Provavelmente a Lição 10 fica fora.

7.3 ANEXO 3. PLANIFICAÇÃO 2

  departamento de línguas e culturas		ANO LETIVO 2013/2014 Planificação da disciplina de Chinês Ano: 4º ano do 1.º ciclo			
Unidade 4 (Lições 10, 11 e 12) 1. Fonética do mandarim (sílabas com finais <i>ai, ui, ao, ou e iü</i>); 2. Identificação pessoal (idade); 3. Descrição pessoal (parentesco e família); 4. Números até 99; 5. Canção chinesa.	1. Conhecer pinyin (continuação). 2. Escrever os caracteres relacionados com os conteúdos desta Unidade; 3. Aprender a contar até 99; 4. Aprender termos de parentesco e de descrição pessoal (continuação); 5. Aprender a falar sobre a família (perguntar sobre membros da família, sobretudo pais e irmãos); 6. Aprender o verbo "ter".	<i>Idem</i>	Compreensão oral : 20% Expressão oral: 20% Escrita: 20% Conhecimento explícito da língua/gramática: 20% Atitudes: 20%	Unidade 4 (7 aulas) No conjunto de duas aulas é lecionada uma lição nova e, por último, uma aula de revisão geral.	Manual elaborado pela Profª. Wang Suoying, docente da UA; Fichas de exercícios elaboradas pelos formadores; PowerPoint sobre temas diversos; CD's de música.
Unidade 5 (Lições 13, 14 e 15) 1. Fonética do mandarim (sílabas com finais <i>ua, uo, ia, iü, ue, an e ian</i>); 2. Identificação pessoal (nacionalidade); 3. Identificação de alguns países; 4. Canção chinesa.	1. Conhecer pinyin (continuação). 2. Escrever os caracteres relacionados com alguns países; 3. Aprender a dizer o nome de alguns países (China, Portugal, Brasil, etc.) e dos seus cidadãos; 4. Aprender a descrever o tamanho dos países (um país grande: um país pequeno) e o relacionamento entre os países (são países amigos);	<i>Idem</i>	Compreensão oral : 20% Expressão oral: 20% Escrita: 20% Conhecimento explícito da língua/gramática: 20% Atitudes: 20%	Unidade 5 (7 aulas) No conjunto de duas aulas é lecionada uma lição nova e, por último, uma aula de revisão geral.	Manual elaborado pela Profª. Wang Suoying, docente da UA; Fichas de exercícios elaboradas pelos formadores; PowerPoint sobre temas diversos; CD's de música.

  departamento de línguas e culturas		ANO LETIVO 2013/2014 Planificação da disciplina de Chinês Ano: 4º ano do 1.º ciclo			
Unidade 6 (Lições 16, 17 e 18) 1. Fonética do mandarim (sílabas com finais <i>uan, an e in</i>); 2. Partes do corpo humano; 3. Canção chinesa.	1. Conhecer pinyin (continuação). 2. Escrever os caracteres relacionados com os conteúdos desta Unidade; 3. Aprender a identificar partes do corpo humano; 4. Aprender a dizer o que se sente fisicamente (se tem dor em alguma parte do corpo, etc.)	<i>Idem</i>	Compreensão oral : 20% Expressão oral: 20% Escrita: 20% Conhecimento explícito da língua/gramática: 20% Atitudes: 20%	Unidade 5 (7 aulas) No conjunto de duas aulas é lecionada uma lição nova e, por último, uma aula de revisão geral.	Manual elaborado pela Profª. Wang Suoying, docente da UA; Fichas de exercícios elaboradas pelos formadores; PowerPoint sobre temas diversos; CD's de música.
Um teste escrito.	Elemento de avaliação.			1 aula	

Obs.: A Planificação está sujeita a alterações, conforme a realidade de ensino e aprendizagem. Provavelmente, a Unidade 6 vai ficar total ou parcialmente fora.

Conteúdos / Unidades Didáticas	Objetivos / Metas	Metodologias/ Estratégias / Atividades	Metodologias de Avaliação / Instrumentos de avaliação	Gestão Temporal (tempos 45')	Recursos
Aula de revisão	Fazer revisão dos conhecimentos adquiridos no 3.º ano (Lição 1-Lição 7).	Apresentação em PowerPoint. Conversação. Exercícios orais.		1 aula	
Parte da Unidade 3 (Lições 8 e 9) 1. Fonética do mandarim (sílabas com iniciais <i>zh, ch, sh, e r</i> ; sílabas com finais <i>ai e uai</i>); 2. Identificação pessoal (nome; parentesco); 3. Descrição pessoal; 4. Canção chinesa.	1. Conhecer pinyin (continuação). 2. Escrever os caracteres relacionados com os conteúdos desta Unidade; 3. Aprender os pronomes pessoais e os possessivos; 4. Aprender a partícula de interrogação "ma"; 5. Aprender termos de parentesco e de descrição pessoal; 6. Aprender diálogos de cortesia (Estás bom?: Estou bem, obrigado; etc.).	À luz dos princípios de "do simples ao complexo", "adequada dose semanal" e "ritmo progressivo", são desenvolvidas, entre outras, as seguintes actividades: 1. Escrever os caracteres das lições lecionadas. 2. Identificar e explicar os caracteres. 3. Ler e traduzir palavras e/ou frases em chinês. 4. Desenvolver diálogos entre alunos ou entre docentes e alunos. 5. Fazer exercícios escritos. 6. Ouvir gravação. 7. Fazer jogos chineses. 8. Cantar canções chinesas. 9. Outras atividades facultativas escolhidas pelo docente.	Compreensão oral : 20% Expressão oral: 20% Escrita: 20% Conhecimento explícito da língua/gramática: 20% Atitudes: 20%	Unidade 3 (2 lições em 5 aulas) No conjunto de duas aulas e lecionada uma lição nova e, por último, uma aula de revisão geral.	Manual elaborado pela Profª. Wang Suoying, docente da UA; Fichas de exercícios elaboradas pelos formadores; PowerPoint sobre temas diversos; CD's de música.

7.4 ANEXO 4. EXEMPLO LIÇÃO

第五课 Dì wǔ kè Lição 5

两 liǎng dois (antes do termo de unidade, para referir quantidades)

字 zì carácter chinês

书 shū livro

本 běn (termo de unidade para livros)



两个字 liǎngge zì dois caracteres

两个人 liǎngge rén duas pessoas

两个东西 liǎngge dōngxi duas coisas

两本书 liǎngběn shū dois livros

劳驾!

Láojià!

Por favor! / Faz favor! / Com licença!



拼音 Pīnyīn

	jī	jí	jǐ	jì
j + ü = ju:	jū	jú	jǔ	jù
	qī	qí	qǐ	qì
q + ü = qu:	qū	qú	qǔ	qù
	xī	xí	xǐ	xì
x + ü = xu:	xū	xú	xǔ	xù

练习/Liànxí/Exercícios

1. 学写字/Xué xiězì/Aprender a escrever

两:	一	一	一	一	一	一	一	
字:	一	一	一	一	一	一	一	
书:	一	一	一	一				
本:	一	一	一	一				

2. Responder em chinês:
Quantas pessoas são?



Quantos livros são?



3. Fazer linhas ligando as três partes:

两	个	书	dois caracteres
两	本	东西	um livro
一	个	字	duas coisas

7.5 ANEXO 5. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO 2014/2015

Língua Chinesa – Avaliação

Domínios	CrITÉrios Gerais	Ponderação	Processo/ Instrumento de avaliação
Compreensão Oral	Aquisição, compreensão e aplicação de conhecimentos Correção linguística Progressão na aprendizagem	20%	Compreensão de enunciados orais e participação oral registadas pelas docentes ao longo do semestre
Expressão Oral		20%	
Leitura		10%	Perguntas dirigidas individualmente aos alunos nas últimas aulas
Escrita		10%	Um exame escrito
Conhecimento Explícito da Língua/Gramática		20%	Trabalhos de casa
Atitudes	Assiduidade Pontualidade Comportamento Participação/Motivação Autonomia	20%	Marcação de faltas Observação direta pelo docente registada uma vez por mês Auto-avaliação pelo ano no final do semestre

Critérios

Reduzido menos -----de 0% a 19%

Reduzido ----- de 20% a 49%

Médio-----de 50% a 69%

Elevado menos----- de 70% a 89%

Elevado----- de 90% a 100%

Reduzido menos

Não adquiriu as aprendizagens definidas ao nível de conceitos e procedimentos. Revela grandes dificuldades ao nível da compreensão, aplicação, análise e autonomia. Revela muito desinteresse e falta de empenhamento na vida escolar. Não interiorizou atitudes e valores fundamentais a uma correta socialização, apresentando um comportamento desadequado.

Reduzido

Revela dificuldades na aquisição das aprendizagens definidas ao nível de conceitos e procedimentos. Revela algumas dificuldades ao nível da compreensão, aplicação, análise e autonomia. Revela desinteresse e pouco empenhamento na vida escolar. Interiorizou algumas atitudes e valores fundamentais a uma correta socialização, apresentando um comportamento pouco adequado.

Médio

Adquiriu satisfatoriamente as aprendizagens definidas ao nível de conceitos e procedimentos. Revela um desempenho satisfatório ao nível da compreensão, aplicação, análise e autonomia. Revela sentido de responsabilidade, interesse e empenhamento na vida escolar. Interiorizou atitudes e valores fundamentais a uma correta socialização, apresentando um comportamento satisfatório.

Elevado menos

Adquiriu com facilidade as aprendizagens definidas ao nível de conceitos e procedimentos. Revela um bom desempenho ao nível da compreensão, aplicação, análise e autonomia. Revela grande sentido de responsabilidade, interesse e empenhamento na vida escolar. Interiorizou atitudes e valores fundamentais a uma correta socialização, apresentando um bom comportamento.

Elevado

Adquiriu com muita facilidade as aprendizagens definidas ao nível de conceitos e procedimentos. Revela um elevado desempenho ao nível da compreensão, aplicação, análise e autonomia. Revela elevado sentido de responsabilidade, interesse e empenhamento na vida escolar. Interiorizou atitudes e valores fundamentais a uma correta socialização, apresentando um excelente comportamento.

Critérios de avaliação – São João de Madeira (Tabela de Conversão)

	UA	Agrupamento João Silva Correia	Agrupamento Dr. Serafim Leite	Agrupamento de Oliveira Júnior
0% - 19%	Reduzido menos	muito insuficiente	Não Satisfaz	Reduzido menos
20%- 49%	Reduzido	insuficiente		Reduzido
50% - 69%	Médio	Suficiente	Satisfaz	Médio
70%- 89%	Elevado menos	bom	Bom	Elevado menos
90%- 100%	Elevado	muito bom	Muito Bom	Elevado

MANDARIM

Avaliação dos alunos do _º ano de escolaridade

Ano Letivo ____ / ____

Escola: _____

Turma: _____

____º Período

Nome do aluno(a)	Avaliação final (%)	Avaliação descritiva
João Antunes	50	Médio (UA) Adquiriu satisfatoriamente as aprendizagens definidas ao nível de conceitos e procedimentos. Revela um desempenho satisfatório ao nível da compreensão, aplicação, análise e autonomia. Revela sentido de responsabilidade, interesse e empenhamento na vida escolar. Interiorizou atitudes e valores fundamentais a uma correta socialização, apresentando um comportamento satisfatório.
		Suficiente (Agru. João Silva Correia) Se houver comentários que precisam de pôr na ficha do aluno, por favor ponham aqui. Se não houver, não ponham nada
João Antunes	50	Médio (UA)/ (Agru. de Oliveira Júnior) Adquiriu satisfatoriamente as aprendizagens definidas ao nível de conceitos e procedimentos. Revela um desempenho satisfatório ao nível da compreensão, aplicação, análise e autonomia. Revela sentido de responsabilidade, interesse e empenhamento na vida escolar. Interiorizou atitudes e valores fundamentais a uma correta socialização, apresentando um comportamento satisfatório. Se houver comentários que precisam de pôr na ficha do aluno, por favor ponham aqui. Se não houver, não ponham nada.

Data: ____ / ____ / ____

O docente: _____

MANDARIM

Avaliação dos alunos do _º ano de escolaridade

Ano Letivo ____ / ____ **Escola:** _____

Turma: _____ ____º **Período**

Nome do aluno	Comp. Oral (20%)	Exp.oral (20%)	Leitura	Escrita (10%)	Gramática (20%)	Atitudes (20%)	Aval. Final (%)	Aval. Descritiva
Joao Antunes	50	50	50	50	50	50	50	Médio(UA)/Suficiente
Joao Antunes	50	50	50	50	50	50	50	Médio

7.6 ANEXO 6. AVALIAÇÃO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (14-08-2013)
(Relativo a 2012/2013)

Gab. Sr. Presidente
2013/08/22 (4)

 GOVERNO DE PORTUGAL | MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

DGEstE
Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares

C.º C.ª CÂMARA MUNICIPAL DE S. JOÃO DA MADEIRA
ENTRADA

7564 *2013/08/22*
O FUNCIONÁRIO

Exmo Senhor Presidente
CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DA MADEIRA
AV. DA LIBERDADE
3701-956 S JOAO DA MADEIRA

Sua referência	Sua comunicação/Data	Nossa referência	Data
		S/8015/2013	14-08-2013

Assunto: Despacho SEEB5 - Projeto de Chinês no 1.º ciclo

Relativamente ao assunto mencionado em epígrafe, informa-se V.ª Ex.ª que, por despacho do Senhor Secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário, de 19-07-2013, é dada continuidade ao projeto "Ensino de Chinês no 1.º ciclo do ensino básico" no próximo ano letivo, nos 3.º e 4.º anos de escolaridade dos Agrupamento de Escolas do concelho, no âmbito do Decreto-Lei n.º 91/2013, designadamente da possibilidade de articulação e integração do projeto com a componente curricular.

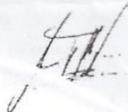
Mais acresce informar que, na continuidade do projeto, deverá ter-se em atenção o seguinte:

- Articulação vertical entre a entidade coordenadora do projeto (UA) e os seus monitores, e horizontal, entre os próprios monitores, na preparação das unidades didáticas, tanto na forma como na exploração dos conteúdos;
- Acompanhamento dos diferentes órgãos de administração e gestão dos agrupamentos de escolas envolvidos, assim como das diferentes estruturas de coordenação e supervisão pedagógica, no sentido de aferir e certificar o sucesso do projeto de ensino de Chinês no terreno, à semelhança do que é já feito no âmbito das diferentes atividades curriculares e não curriculares de cada unidade orgânica.

Em face do que antecede, junto se remete para V/ conhecimento o relatório final de avaliação do período experimental autorizado do projeto em apreço.

Ccm os melhores cumprimentos,

O Delegado Regional de Educação da Região Norte


Aristides Sousa
17-08-2013

Direção de Serviços da Região Norte
Rua António Carneiro, 98
4349-003 Porto PORTUGAL
Tel.: (351) 225 191 900 Fax: (351) 225 191 999
Website: www.dren.min-edu.pt
E-mail: atendimento.dsrn@dgeste.mec.pt

RELATÓRIO

Assunto: Monitorização e avaliação do projeto “Ensino de Chinês no 1.º ciclo do ensino básico”

1. Introdução

O município S. João da Madeira solicitou ao Exmo. Senhor Secretário de Estado do ensino básico e secundário autorização para iniciação, a título experimental, de um projeto de ensino de Chinês no 3.º ano de escolaridade, a partir de janeiro de 2012, e nos 3.º e 4.º anos de escolaridade, a partir de setembro de 2013, numa parceria encetada com a Universidade de Aveiro, através do seu Departamento de Línguas e Culturas, responsável pela coordenação científica e pedagógica, a qual mereceu o acordo dos agrupamentos de escolas do concelho.

Na sequência desta solicitação, e por convocatória do Senhor Subdiretor-Geral da Educação, Dr. Pedro Cunha, reuniram no dia 11 de janeiro de dois mil e treze, na Direção Regional de Educação do Norte, a Senhora Subdiretora-Geral da Direção-Geral dos Estabelecimentos de Ensino (DGEstE), Dra. Isabel Cruz, o seu assessor, Dr. João Tondela, a Dra. Eulália Alexandre, Diretora de Serviços de Desenvolvimento Curricular (DSDC), da Direção-Geral da Educação (DGE), a Dra. Lina Varela, Chefe de Divisão da Educação Pré-Escolar e do Ensino Básico (DEPEB), da DGE, a Dra. Olívia Soutinho, professora requisitada em exercício na DEPEB, o Dr. Mário Castro Almeida, Presidente da Câmara de S. João da Madeira, a Dra. Dilma Nantes, Vereadora da Educação, a Dra. Margarida Violante, Diretora do Agrupamento de Escolas Oliveira Júnior, o Dr. Mário Coelho, Diretor do Agrupamento de Escolas João Silva Correia, a Dra. Irene Guimarães, membro da Comissão Administrativa Provisória do Agrupamento de Escolas Serafim Leite e o Professor Dr. Carlos Morais, Diretor do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, para analisar a proposta de projeto.

O projeto tem por objetivos a aprendizagem do mandarim, língua-veicular ou língua-padrão do povo chinês e o conhecimento da Cultura Chinesa, operacionalizados nas disciplinas de Língua e Cultura Chinesa I, no 3.º ano, e Língua e Cultura Chinesa II, no 4.º ano do 1.º ciclo do ensino básico.



Dos conteúdos programáticos elencados para o 3.º ano fazem parte: fonética chinesa em *pinyin*, formas de saudação, identificação pessoal (nome e idade), família, países e idiomas, números e canções chinesas. Nos conteúdos programáticos do 4.º ano estão contemplados: fonética chinesa em *pinyin*, formas de saudação, identificação pessoal (nome e idade), países e idiomas, números, moedas e compras, estações, clima e tempo, comida e canções chinesas.

Semanalmente são ensinados um ou dois caracteres, prevendo-se o ensino de 60 ao longo do ano, e algumas frases em Chinês, em aulas dedicadas ao conhecimento da cultura chinesa.

Os recursos didáticos são elaborados pelas supervisoras científicas, Wang Suoying e Mai Ran, ambas leitoras de chinês no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

A avaliação concretiza-se através de um teste que inclui uma parte oral e outra escrita.

O desenvolvimento do projeto em apreço, a título experimental, durante o ano de letivo de 2012/2013, mereceu despacho favorável de Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário, em 21 de janeiro de 2013, tendo a Direção-Geral da Educação e a Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares sido incumbidas de o acompanharem e avaliarem.

O presente relatório tem por objetivo emitir parecer sobre o seu desenvolvimento. Para o processo de acompanhamento a avaliação foram elaborados os instrumentos de apoio anexados a este relatório, realizadas observações de aula e reuniões com todos os parceiros envolvidos.

1.1 - Contexto e justificação

São João da Madeira é um município fortemente industrializado, com muitas empresas exportadoras, sobretudo na área do calçado, podendo a aprendizagem de mandarim significar uma mais-valia para o tecido empresarial local, na medida em que as relações empresariais com a China serão, certamente, mais facilitadas.

Esta iniciativa enquadra-se numa estratégia global de favorecimento da economia sanjoanense, a qual conta, atualmente, com uma outra, já a decorrer: o ensino de adultos através do Instituto de Línguas de S. João da Madeira e da Universidade Aberta, participado em 50% pelo município.



1.2 - Entidades envolvidas

- Município S. João da Madeira;
- Universidade de Aveiro, através do seu Departamento de Línguas e Culturas;
- Agrupamentos de Escolas de Oliveira Júnior;
- Agrupamento de Escolas João da Silva Correia;
- Agrupamento de Escolas Dr.º Serafim Leite;
- DGE;
- DGEstE.

1.3 - Escolas visitadas

2.ª Feira, 20 de maio de 2013

- Das 11:10 às 12:00 - Visita à EB de Espadanal, AE Oliveira Júnior.
- Das 14:20 às 15:10 - Visita à EB do Parque, AE Dr. Serafim Leite

3.ª Feira, 21 de maio de 2013

- Das 11:10 às 12:00 - Visita à EB de Casaldelo, AE João da Silva Correia
- Das 14:30 às 15:20 - Visita à EB das Fontainhas, A.E. João da Silva Correia

2 - Visita de monitorização às escolas

2.1.

O Projeto teve início na última semana de janeiro de 2013, em todas as escolas.

As aulas têm a duração de cinquenta minutos e decorrem dentro do horário letivo, uma vez por semana, sob a supervisão, acompanhamento ou coadjuvação do professor/a titular de turma, em articulação com as diferentes estruturas de coordenação e supervisão pedagógica de cada unidade orgânica/agrupamento de escolas envolvido.

A lecionação está a cargo de pares pedagógicos, por forma a assegurar, em sala de aula, a qualidade da comunicação oral e escrita, nas duas línguas. Destes fazem parte duas alunas chinesas que frequentam o 3º. ano da Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas e dois alunos portugueses do Mestrado em Estudos Chineses, todos da Universidade de Aveiro.

A programação é elaborada pela Universidade de Aveiro.



Os alunos, cujos encarregados de educação não manifestaram o desejo de integrar o projeto são, durante o período de lecionação do mandarim, acompanhados pelo/a professor/a titular de turma, nas aprendizagens de reforço do currículo.

Em todas as aulas observadas foi realizada a revisão dos conteúdos abordados nas lições n.º 1, 2, 3 e 4.

Verificou-se que não existe uniformização de procedimentos, relativamente aos sumários.

Da análise de alguns dossiês infere-se que foram abordados os conteúdos programáticos relativos à Língua e Cultura Chinesa I, constantes no Projeto.

Na primeira aula foram explorados os conhecimentos dos alunos sobre a China e a cultura chinesa, nas restantes, foram ensinados 20 caracteres, fonética chinesa em *pinyin*, *pronomes demonstrativos*, formas de saudação, agradecimento, identificação pessoal (nome e idade), numeração até 10, entre outros. Cada uma das fichas apresenta um exercício de treino caligráfico.

2.1.1 - Visita à EB de Espadanal, AE Oliveira Júnior

A turma é constituída por 16 alunos. Estavam presentes 15.

A aula foi ministrada por Isabel Mouta, aluna do Mestrado em Estudos Chineses, licenciada em Línguas e Relações Empresariais, pela Universidade de Aveiro, que concluiu com bom aproveitamento os estudos de Chinês I, Chinês II, Chinês III, Chinês IV, Chinês IV e Chinês VI, ministrados nesta Universidade, e por Guo Mo, aluna chinesa que frequenta o 3.º ano da Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas, no âmbito de um protocolo entre a Universidade de Dalian (China) e a Universidade de Aveiro.

A professora titular de turma esteve presente na sala de aula durante a lecionação de mandarim.

Num dos expositores da sala de aula está identificado o espaço relativo ao mandarim. Aqui os alunos dispõem de cartões elaborados com a sua ajuda, que facilitam a memorização de alguns caracteres e algumas palavras.

Cada aluno tem um dossiê para esta área, onde guarda as fichas de trabalho, o qual fica guardado na sala.

Até à data da visita foram ensinados 30 caracteres.

2.1.2 - Visita à EB do Parque, AE Dr. Serafim Leite

Dos 21 alunos da turma, estavam presentes 20.

A aula foi ministrada por André Silva, aluno do Mestrado em Estudos Chineses, licenciado em Línguas e Relações Empresariais, pela Universidade de Aveiro (U.A.), que concluiu com bom aproveitamento os estudos de Chinês I, Chinês II, Chinês III, Chinês IV, Chinês IV e Chinês VI, ministrados na universidade supra mencionada, e por Zhao Xinyue, aluna de nacionalidade chinesa que frequenta o 3.º ano da Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas, no âmbito de um protocolo entre a Universidade de Dalian (China) e a Universidade de Aveiro.

A professora titular de turma permaneceu na sala de aula, durante a leção de mandarim..

Cada aluno tem um dossiê para o projeto, onde guarda as fichas de trabalho. No final da aula leva-o para casa.

Até ao momento foram ensinados 32 caracteres.

Os conteúdos lecionados foram revistos com recurso a um powerpoint. Foi notória a articulação com outras áreas disciplinares.

2.1.3 - Visita à EB de Casaldelo, AE João da Silva Correia

Existência de uma única turma do 3.º ano. Do universo de 24 alunos, apenas 1 aluno não frequenta o Chinês, por discordância do encarregado de educação. As aulas de Chinês são ministradas por um aluno do Mestrado em Estudos Chineses e por uma aluna chinesa que frequenta o último ano da Licenciatura de Línguas, Literaturas e Culturas, no âmbito de um protocolo entre a Universidade de Dalian (China) e a Universidade de Aveiro.

A professora titular de turma esteve na sala de aula, durante a leção de Mandarim, a dar apoio ao aluno que não frequenta o projeto.

2.1.4 - Visita à EB das Fontainhas, A.E. João da Silva Correia

Existência de três turmas do 3.º ano. Da visita realizada à turma A, todos os alunos frequentam o Mandarim. As aulas são ministradas por uma aluna do Mestrado em Estudos Chineses e por uma aluna chinesa que frequenta o último ano da Licenciatura de Línguas, Literaturas e Culturas, no âmbito de um protocolo entre a Universidade de Dalian (china) e a Universidade de Aveiro.



Durante a lecionação, a professora titular de turma esteve presente na sala de aula.

1

2.2 - Reflexão sobre as aulas observadas

Da observação direta e reflexão sobre as aulas observadas, com os professores titulares de turma e os professores da Universidade de Aveiro, atenta-se desde logo como ponto forte e mais-valia, o elevado empenho e a motivação dos intervenientes *Identificam* diretos no ensino/aprendizagem do Mandarim, alunos, monitores e professores titulares de turma. A facilidade com que os alunos, em tão curto espaço de tempo, já dominam os conteúdos ministrados em Mandarim, ao nível da compreensão oral e da descodificação dos caracteres lecionados, é também um aspeto a salientar na aplicação deste projeto, nos alunos do 3.º ano do 1.º CEB das escolas visitadas. Podemos mesmo inferir que a continuidade das aprendizagens e a consolidação dos conteúdos ao ritmo observado, permitirá cada vez mais uma relação intrínseca com o mandarim, facilitando o seu domínio e a utilização de forma cada vez mais sólida e sustentada em situações quotidianas de interação com a língua chinesa.

No entanto, deverão ser tidos em linha de conta alguns aspetos que podem contribuir para a melhoria e o sucesso da implementação do projeto. Assim, devem fazer parte das rotinas e comportamentos diários:

- a. O envio atempado da planificação das aulas de mandarim ao professor titular, para que possa ser promovida melhor articulação entre o currículo do 3.º ano e o projeto;
- b. A mesma articulação e preparação prévia, entre todos os monitores de Mandarim e os professores titulares de cada turma;
- c. O registo dos conteúdos lecionados pelos professores de Mandarim, no livro de sumários do professor titular de turma;
- d. A divulgação do plano de aula aos alunos e avaliação do cumprimento do mesmo, no final da aula;
- e. A possibilidade de consulta do dossiê, fora do espaço escolar, para que os encarregados de educação possam acompanhar o projeto e os alunos relembrem os conteúdos das aulas;
- f. A construção/ dinamização de um espaço dedicado ao projeto, em todas as salas de aula, com a participação dos alunos;
- g. Uniformização e melhor clarificação do processo de avaliação;
- h. Inclusão de informação sobre o desempenho do aluno, no registo de avaliação individual;
Sobre os materiais didáticos sugere-se:
 - a. A adequação da linguagem utilizada nas fichas, ao público-alvo;

- b. Conformidade entre a imagem e a mensagem a transmitir, nas fichas de trabalho;
- c. Maior utilização de meios audiovisuais.

3 - Reuniões

3.1 - 2.ª Feira, 20 de maio de 2013 - Reunião com professores

A reunião teve lugar na sede do Agrupamento de Escolas Dr. Serafim Leite, em São João da Madeira, por volta das 16:30, estando presentes todos os professores titulares de turma, os docentes responsáveis pela implementação do projeto, os coordenadores de estabelecimento, os coordenadores de departamento, o Professor Dr. Carlos Morais, Diretor do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e as Doutoradas Wang Suoying e Mai Ran, ambas leitoras de Chinês, na referida Universidade.

Deu-se início à reunião com o preenchimento individual do documento de monitorização, *Guião 2*, apenas por parte dos professores titulares de turma, por se pretender ter uma perceção focalizada sobre o cumprimento dos conteúdos programáticos do projeto e os programas das áreas curriculares, bem como sobre aspetos relativos ao processo de ensino-aprendizagem.

Na dinamização da reunião foi utilizado o guião de apoio elaborado para o efeito, apenso a este relatório.

Assim, de acordo com a planificação cedida por uma professora titular, podemos concluir que, até ao momento, os alunos tinham tido 10 aulas, e que nestas foram abordados conteúdos programáticos relativos à Língua e Cultura I, constantes no projeto elaborado pela Universidade de Aveiro.

Dos 299 alunos do 3.º ano, apenas 6, não frequenta o projeto. Destes, a maior parte tem revelado interesse e consegue apreender os conteúdos. A dissemelhança entre a língua materna e a língua alvo, a existência de apenas uma aula por semana e a impossibilidade de professores e encarregados de educação prestarem o devido acompanhamento, por não disporem de conhecimentos para tal, foram as dificuldades referidas, relativas ao processo de aprendizagem.

Sobre a articulação entre o currículo do 3.º ano e o ensino de mandarim verifica-se que o ensino desta língua estrangeira surge como uma atividade isolada, em quase todas as turmas.

Na opinião dos professores titulares, o mandarim não contribui para o sucesso nas áreas disciplinares, por se tratar de uma língua muito diferente da materna, no

entanto a sua aprendizagem pode representar uma mais-valia, no futuro destas crianças.

Relativamente às implicações do projeto no cumprimento do programa das Áreas de Expressão, não são evidentes os contributos, pese embora o facto de a DGE ter disponibilizado um dia de formação nestas áreas, por forma a minimizar o efeito da inclusão do projeto no tempo a elas destinado.

Por fim, foram analisadas as vantagens e desvantagens da continuidade da implementação do projeto, no tempo destinado ao desenvolvimento do currículo.

Os professores titulares apontaram como vantagens:

- mais entusiasmo, motivação, por parte dos alunos;
- maior acompanhamento do professor titular;
- maior disciplina na aula;
- oportunidade de aprendizagem da língua, por parte do professor titular.

E como desvantagens:

- a diversidade de professores das AEC;
- a indisciplina nas AEC;
- o facto de as AEC serem ao final do dia;
- as áreas de expressão serem relegadas para 2.º plano;
- a existência de exames, no 4.º ano.

Perante a situação, alguns professores sugeriram que, no 3.º ano de escolaridade, se mantenha no tempo destinado ao currículo, mas no 4.º ano, não, por ser ano de exames.

Perante a inexistência de consenso, houve necessidade de colocar a questão à consideração dos professores titulares. Assim, dos 15 professores presentes, 8 votaram a favor da implementação do projeto no tempo letivo, 6 votaram a favor da sua inclusão nas AEC e 1 absteve-se. De referir que dois dos professores que votaram pela inclusão nas AEC afirmaram não ter um conhecimento aprofundado sobre a questão, por se encontrarem em situação de substituição. Como é unânime a opinião de que a presença do professor titular é fundamental, foi sugerido, em alternativa, que o projeto seja implementado no horário do Apoio ao Estudo.

Questionadas sobre o que pensam os restantes professores do 1.º ciclo, as coordenadoras de departamento revelaram não ter uma opinião formalizada sobre o assunto, uma vez que o mesmo não tinha sido abordado nas reuniões de departamento.

Face ao exposto, e porque existe a intenção de alargar a iniciativa a todo o ciclo, foi solicitado às coordenadoras a discussão desta questão, numa reunião de departamento, e o envio da respetiva ata a esta Direção-Geral.

3.2 - 3.ª Feira, 21 de maio de 2013 - Reunião com entidades

Deu-se início à reunião alargada com as entidades parceiras e com as associações de pais das 9 escolas do 1.º ciclo envolvidas no projeto, insensivelmente às 16:35, na sede do Agrupamento de Escolas João da Silva Correia.

A avaliação do projeto feita pelos representantes das diferentes associações de pais foi, na generalidade, positiva, tendo os pais e, sobretudo, os alunos, abraçado este projeto. Há por parte dos alunos uma manifesta capacidade em assimilar os conteúdos do mandarim.

Todos consideraram pertinente a continuidade do projeto no próximo ano letivo.

A representante da Associação de Pais da EB de Espadanal manifestou a sua preocupação relativamente à insuficiente carga horária semanal para a aprendizagem de uma língua estrangeira, bem como o interesse dos encarregados de educação na continuidade do projeto.

O representante da Associação de Pais da EB do Parrinho considerou que a avaliação dos alunos deveria ser qualitativa, apesar de estar inserida no currículo, não devendo interferir na transição de ano. Defendeu igualmente a continuidade do mandarim no 2.º ciclo do ensino básico, como disciplina de opção.

O coordenador do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, Professor Doutor Carlos Morais, referiu que respondeu a um apelo da Câmara Municipal de São João da Madeira para concretização do projeto, encontrando-se duas docentes de Chinês a assegurar a supervisão científico-pedagógica, ao nível da preparação e do acompanhamento das aulas. Para apoiar a prática pedagógica estavam a ser elaborados materiais didáticos.

Informou ainda que a articulação com as áreas disciplinares e a avaliação dos alunos são aspetos a melhorar. Mais apontou que se o ensino do mandarim vier a ser uma atividade de enriquecimento curricular, será difícil a gestão dos horários, por não existirem recursos humanos em número suficiente.

O representante da autarquia, Dr. Nelson Costa, considerou o mandarim importante para o desenvolvimento económico-educativo e referiu ser intenção do município dar continuidade ao projeto no 4.º ano de escolaridade. A partir do 5.º ano, poderá

passar a ser uma disciplina opcional. Salientou, ainda, a importância da presença do Ministério da Educação e Ciência no acompanhamento do projeto.

As direções dos três Agrupamentos de Escolas envolvidos no projeto consideram que o mesmo deve continuar, enquanto área integrante do currículo.

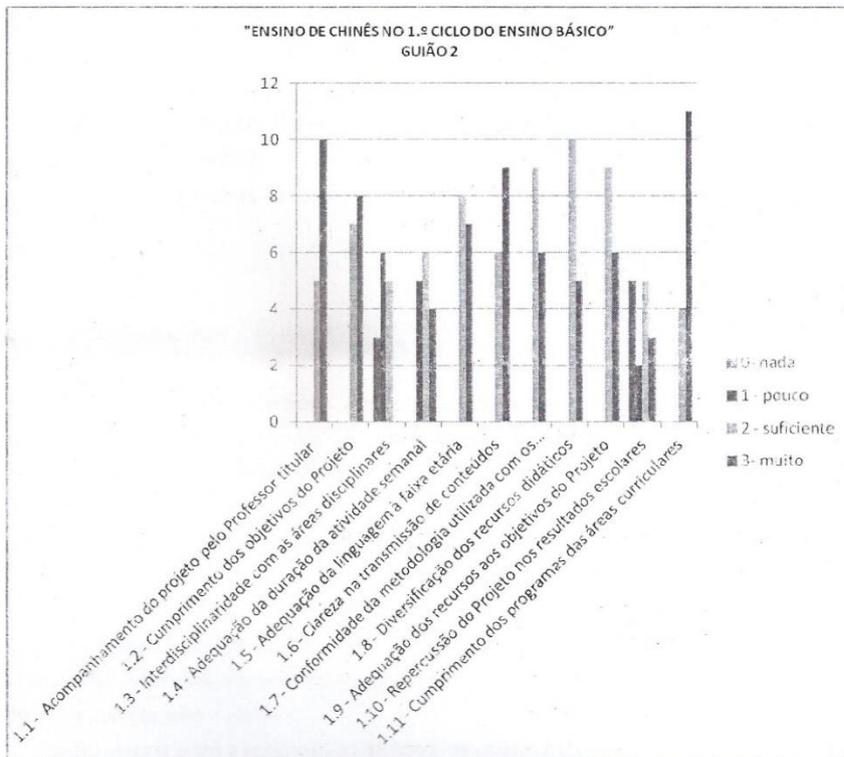
Resultou desta reunião, a vontade de os vários parceiros darem continuidade ao projeto de ensino de Chinês no ano letivo que se avizinha, alargando-o a mais alunos, anos de escolaridade e escolas, e efetuarem os ajustes necessários para potenciar o mesmo.

Por forma a tornar a aula de língua mais estimulante para os alunos, sugeriu-se o anetechamento de uma sala de aula com recursos audiovisuais, a utilizar, também, no ensino da língua inglesa, nas AEC.

4 - Apresentação dos resultados do questionário de monitorização do projeto “Ensino de Chinês no 1.º ciclo do ensino básico” - Guião 2

A elaboração deste documento teve como intenção proporcionar uma reflexão baseada em critérios de análise comuns, por forma a melhorar o processo de implementação do projeto, caso ele tenha continuidade no próximo ano letivo. De realçar que este questionário só foi preenchido pelos professores titulares de turma. Na 1.ª questão foi solicitado que respondessem, assinalando com uma cruz o item que melhor correspondia à avaliação das questões elencadas, de acordo com a seguinte correspondência: 0 (nada), 1 (pouco), 2 (suficiente) e 3 (muito).

O gráfico abaixo apresentado é a súmula da pontuação atribuída em cada item.



Relativamente à segunda questão *Apresente algumas sugestões de melhoria, os professores sugeriram:*

- Redução do n.º de conteúdos por aula;
- Diminuição do n.º de fichas por aula;
- Ausência de TPC;
- Melhor consolidação das matérias.

Da continuidade do projeto, no horário letivo do professor titular, questão 2.2, não existe uma opinião uniformizada, sendo que 6 professores titulares pensam que deve ser implementado no horário letivo do professor titular, 6 manifestaram opinião contrária e 3 não emitiram qualquer parecer.

Das razões invocadas para a continuidade fora do tempo destinado ao desenvolvimento das áreas curriculares disciplinares e não disciplinares foi considerado:

- A opinião dos alunos e encarregados de educação de uma turma sobre a necessidade de haver mais tempo para as expressões;
- A importância de haver mais tempo para o desenvolvimento do currículo, no 4.º ano de escolaridade.

5 - Considerações finais

3 Da monitorização efetuada ressalta a mais-valia que o projeto representa para os alunos do 1.º CEB das escolas de S. João da Madeira. Reconhecem-se as potencialidades que o mesmo adiciona aos alunos que têm como possibilidade uma primeira abordagem à aprendizagem do Chinês e a recompensa que pode advir da compreensão de uma das línguas mais faladas no mundo.

Porém, não podemos deixar de notar que existe um desconhecimento e consequente desajuste entre a perceção que os parceiros têm da efetiva implementação do projeto e a realidade operacional do mesmo, facto que resulta de alguma falta de articulação, supervisão e acompanhamento próximos.

Assim, propomos mais e melhor:

- a. Articulação vertical entre a entidade coordenadora do projeto (UA) e os seus monitores, e horizontal, entre os próprios monitores, na preparação das unidades didáticas, tanto na forma como na exploração dos conteúdos;
- b. Acompanhamento dos diferentes órgãos de administração e gestão dos agrupamentos de escolas envolvidos, assim como das diferentes estruturas de coordenação e supervisão pedagógica, no sentido de aferir e certificar o sucesso do projeto de ensino de Chinês no terreno, à semelhança do que é já feito no âmbito das diferentes atividades curriculares e não curriculares de cada unidade orgânica.

Os procedimentos sugeridos são, certamente, fundamentais, num processo de avaliação articulado e transversal que se impõe na continuidade, na transição ou no final de qualquer projeto sustentado.

DGE, 6 de julho de 2013

Lina Varela (DGE)
Olívia Soutinho (DGE)
João Tondela (DGEstE)
Sónia Melo (DGEstE - DSRN)

ANEXOS:

Relatório

Instrumentos de monitorização - Agrupamento de Escolas Serafim Leite:

- Ofício n.º 0374, de 1 de julho de 2013

- Guião 1

- Ata n.º 9 do Conselho de Docentes do 1.º CEB

Instrumentos de monitorização - Agrupamento de Escolas Oliveira Júnior:

- Guião 1

- Ata n.º 13 do Conselho de Docentes do 1.º CEB

Instrumentos de monitorização - Agrupamento de Escolas João da Silva Correia:

- Guião 1

- Excerto da ata do Conselho de Docentes do 1.º CEB

- Inquérito Mandarin

7.7 ANEXO 7. COMUNICAÇÃO DIREÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO (Relativo a 2013/2014)



Exmo. Senhor
Professor Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais
Coordenador do Departamento de Línguas e Culturas
Campus Universitário de Santiago
Universidade de Aveiro
3810-193 Aveiro

Sua referência:

Nossa referência: S-DGE/2014/4041

Data de Expedição:

Assunto: Ensino de Chinês no 1.º ciclo do ensino básico

Informa-se que foi autorizada a manutenção do Projeto “Ensino de Chinês no 1.º ciclo do ensino básico” nos 3.º e 4.º anos de escolaridade e o seu alargamento ao 5.º ano de escolaridade, como Oferta Complementar, nos termos do Decreto-lei n.º 139/2012, de 5 de julho, na sua redação atual, por despacho do Senhor Secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário, exarado em 18.08.2014, tendo presente o Relatório final da avaliação do Projeto.

Das considerações expressas no referido relatório, destacamos o seguinte:

- Os objetivos do Projeto foram, na generalidade, cumpridos;
- As atividades desenvolvidas envolveram e captaram o interesse dos alunos;
- O desempenho dos alunos foi, globalmente, bom, mantendo-se a leitura e a escrita dos caracteres como os domínios de maior dificuldade;
- A comunicação e o trabalho de equipa configuram dimensões em consolidação;
- Os parceiros e intervenientes no Projeto, bem como os Encarregados de Educação, participaram ativamente e em grande número nas reuniões, reagindo de forma positiva ao acompanhamento e monitorização;
- Os envolvidos manifestaram ser favoráveis à manutenção do Projeto no 1.º CEB, enquanto Oferta Complementar, e ao seu alargamento ao 2.º CEB, por forma a garantir a continuidade do mesmo aos alunos que o pretendam.

Apesar dos progressos verificados em vários domínios, há aspetos que carecem de melhoria, pelo que se propõe:

- Articulação dos conteúdos do Projeto com os saberes adquiridos ou a adquirir nas outras disciplinas do currículo;
- Mobilização das Expressões Artísticas, por forma a tornar a aula de língua mais estimulante para os alunos;
- Utilização de recursos materiais diversificados e apelativos, nomeadamente audiovisuais;

DGE/MD004-01



Direção-Geral da Educação ■ Av. 24 de Julho, 140 - 1399-025 Lisboa - Portugal
Telef.: +(351) 21 393 45 00 - Fax: +(351) 21 393 46 95 ■ Email: dge@dge.mec.pt Internet: www.dge.mec.pt



- Partilha de conteúdos de cariz cultural, para que alunos e professores adquiram um conhecimento mais aprofundado das culturas em presença;
- Articulação vertical, entre a entidade coordenadora do Projeto (Universidade de Aveiro) e os seus monitores, e horizontal, entre os monitores e os professores titulares de turma, na preparação das unidades didáticas;
- Acompanhamento dos órgãos de administração e gestão dos agrupamentos de escolas envolvidos, assim como das diferentes estruturas de coordenação e supervisão pedagógica.

Junto se anexam os resultados do inquérito realizado aos professores titulares de turma (guião 2), bem como os resultados do questionário aos alunos, levados a cabo no âmbito da monitorização e avaliação do Projeto em 2013-2014 e constantes do Relatório final.

Mais se informa que, tendo surgido dúvidas quanto ao funcionamento do Projeto em apreço na Oferta Complementar no 5.º ano de escolaridade, esta Direção-Geral solicitou esclarecimento ao Senhor Secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário, cuja resposta se aguarda.

Com os melhores cumprimentos,

Pel' O Diretor-Geral

Eulália de
Jesus Barão
Ramos
Alexandre

Assinado de forma digital por
Eulália de Jesus Barão Ramos
Alexandre
DN: cn=Eulália de Jesus Barão Ramos,
ou=Direção-Geral da Educação e Ciência, ou=Direção
Geral da Educação, ou=Estado de
Portugal, ou=Portugal, o=DGE
Data: 2014.10.08 16:38:51
+01'00'

Anexos:
Guião 2
Questionário Aluno

DGE-MOD004v01



Direção-Geral da Educação ■ Av. 24 de Julho, 140 - 1399-025 Lisboa - Portugal
Telef.: +(351) 21 393 45 00 - Fax: +(351) 21 393 46 95 ■ Email: dge@dge.mec.pt Internet: www.dge.mec.pt